

Joaquín Pertíñez Fernández

**IGREJA, POVO DE DEUS, NA PRELAZIA DO ACRE E PURUS:
ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICO-PASTORAIS (1879-1971)**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

Joaquín Pertíñez Fernández

**IGREJA, POVO DE DEUS, NA PRELAZIA DO ACRE E PURUS:
ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICO-PASTORAIS (1879-1971)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Pastoral

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

P469i Pertíñez Fernández, Joaquín
 Igreja, povo de Deus, na prelazia do Acre e Purus: aspectos
 históricos e teológico-pastorais (1879-1971) / Joaquín Pertíñez
 Fernández. - Belo Horizonte, 2017.
 138 p.

 Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque
 Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e
 Teologia, Departamento de Teologia.

1. Teologia Pastoral. 2. Igreja Católica. 3. Concílio Vaticano
II. 4. Povo de Deus. I. Albuquerque, Francisco das Chagas. II.
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de
Teologia. III. Título

CDU 25

Joaquín Pertíñez Fernández

IGREJA, POVO DE DEUS, NA PRELAZIA DO ACRE E PURUS
ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICO-PASTORAIS

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 18 de agosto de 2017.

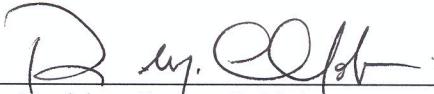
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad / FAJE



Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira / PUC Minas (Visitante)

AGRADECIMENTOS

A Deus que nos deu saúde,
força e coragem para abordar e enfrentar
este desafio do Mestrado.

À Diocese de Rio Branco que me permitiu conhecer,
vivenciar e fazer parte de sua grandiosa história.

À FAJE que possibilitou a realização deste Mestrado
em parceria com a FADISI.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque,
pela paciência e compreensão
durante todo o trabalho de elaboração da Dissertação.

A Igreja “prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus”, anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha (cfr. Cor. 11,26). Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mas fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz. (Lumen Gentium 9)

LISTA DE ABREVIATURAS

AA: Apostolicam Actuositatem

AL: América Latina

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CELAM: Conselho Episcopal Latinoamericano

CEN: Congresso Eucarístico Nacional

CfL: Christifideles Laici

CIMI; Conselho Indigenista Missionário

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAp: Documento de Aparecida

Med: Documento de Medellín

DP: Documento de Puebla

EG: Evangelii Gaudium

EN: Evangelii Nuntiandi

GS: Gaudium et Spes

JAC: Juventude Agrária Católica

JEC: Juventude Estudantil Católica,

JIC; Juventude Independente Católica,

JOC: Juventude Operária Católica,

JUC: Juventude Universitária Católica,

LG: Lumen Gentium

LS: Laudato Si'

MCS: Meios de Comunicação Social

MEB: Movimento de Educação de Base

MORHAN: Movimento de Reabilitação do Hanseniano

OSM: Ordem dos Servos de Maria

PE: Plano de Emergência

PP: Populorum Progressio

PPC: Plano de Pastoral de Conjunto

SEMTA: Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

TFP Tradição, Família e Propriedade

UFAC: Universidade Federal do Acre

RESUMO

O presente estudo pretende oferecer uma visão da vida da Igreja na região acreana (1879-1971), a partir de suas origens, da história de seu povo, na sua maioria composto por migrantes nordestinos. Povo abandonado e explorado, que se embrenhou nas matas com uma vida de escravidão ao serviço da borracha. A Igreja, desde o início, tentou acompanhar a vida do povo, com suas práticas pastorais tradicionais, sem recursos humanos e econômicos, tornando-o objeto de sua sacramentalização, como era o costume da época. Para responder aos novos desafios que chegavam da Europa, e seguindo o espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja presente no Acre necessitou renovar sua pastoral, que requeria uma mudança nas suas estruturas internas (*Lumen Gentium*), e nas suas relações com o mundo e a sociedade, diante das injustiças sociais que viviam os povos da América Latina (*Gaudium et Spes*). Essas reformas originaram uma grande conversão pastoral na Igreja latino-americana. Leigos e hierarquia, em comunhão eclesial, começaram a caminhar unidos como Povo de Deus. A antiga Prelazia do Acre e Purus, hoje Diocese de Rio Branco, viu acontecer o surgimento das primeiras Comunidades Eclesiais de Base, que logo se espalharam pela sua imensa geografia. Era uma Igreja pobre que sentiu a necessidade de que os pobres fossem os protagonistas de sua própria evangelização. Os pobres assumiram seu papel e a Igreja começou a viver uma nova vida, mais participativa e em comunhão. A Igreja, como Povo de Deus, renovou sua vida a partir de sua pobreza, sendo uma Igreja Comunidade de Comunidades, no verdadeiro espírito de unidade e comunhão.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão, Concílio Vaticano II, Medellín, Povo de Deus, CEBs.

ABSTRACT

The current study aims to offer a vision of the Church life in Acre region (1879-1971), considering its origins, the history of people which are mostly northeastern migrants and that was abandoned and exploited and got into the forest living a slavery life in the service of rubber. The Church, since the beginning, tried to follow people's life with its traditional pastoral practices, without any human or economic resources, making them a sacramentalization object, as it was the custom of that time. In order to answer the new challenges coming from Europe and following the spirit of the Second Vatican Council (1962-1965), the Church in Acre felt the necessity of renewing its pastoral activities that required changes in its internal structures (*Lumen Gentium*), and in the relationship between the Church and the world and the society in the face of the social injustices that the Latin America peoples used to live (*Gaudium et Spes*). These reforms gave rise to a big pastoral conversion in the Latin American Church. Lay people and hierarchy, in ecclesial community, start to walk together as God's People. The old Prelacy of Acre and Purus, that today is Diocese of Rio Branco, saw the first Basic Ecclesial Communities emergence and spread over its large Geography. It was a poor Church which felt the necessity the poor ones were the main characters of their own evangelization. They assumed their role and the Church started to live a new life, more participative and in communion. The Church, as God's People, renewed its life from its poverty, becoming this way a Community of Communities, in a true spirit of unity and communion.

KEYWORDS: Slavery, Second Vatican Council, Medellin, God's People, Basic Ecclesial Communities.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PRIMÓRDIOS DA IGREJA NA PRELAZIA DO ACRE	
	E PURUS	16
1.1	Um povo de migrantes: nordestinos no Acre	17
1.1.1	À procura do ouro branco	19
1.1.2	Os pobres e abandonados da floresta	21
1.1.3	A vida religiosa no mundo do seringal	24
1.2	Criação da Prelazia e vida dos Servos de Maria	27
1.2.1	A Igreja no contexto acreano	29
1.2.2	Presença da Igreja no seringal	33
1.3	Prática Pastoral	36
1.3.1	Pastoral da desobriga	40
1.3.2	Pastoral com os indígenas	42
1.3.3	Preparando o futuro	44
2	VATICANO II E MEDELLÍN: IGREJA POVO DE	
	DEUS E IGREJA DOS POBRES	47
2.1	Concílio Vaticano II	48
2.1.2	Renovação e atualização	50
2.1.3	Eclesiologia do Vaticano II	52
2.1.4	Novos conceitos eclesiológicos na <i>Lumen Gentium</i>	54
2.1.4.1	Igreja, Povo de Deus	54
2.1.4.2	Igreja, Povo sacerdotal	55
2.1.4.3	Sacerdócio comum dos fiéis	55
2.1.4.4	Igreja, sacramento de salvação	56
2.1.4.5	Vocação universal à santidade	57
2.2	Igreja Povo de Deus: Conceito eclesiológico chave da	
	<i>Lumen Gentium</i>	57
2.2.1	Igreja – Comunhão	60
2.2.1.1	Mistério de comunhão em Cristo	61
2.2.1.2	Vivificada pelo Espírito	61
2.2.2	Contribuição do episcopado brasileiro ao Concílio	62
2.2.3	Igreja ministerial	66
2.2.4	A Igreja e a Palavra de Deus	68
2.3	Medellín: O Povo de Deus na América Latina e	
	solidariedade com os pobres	70
2.3.1	Igreja dos pobres	74
2.3.2	CNBB: Fecundo exercício de colegialidade	77
2.3.2.1	Organização da ação pastoral	79
2.3.2.2	Plano de Pastoral de Conjunto (PPC)	80
2.3.4	Santarém: “Cristo aponta para a Amazônia”	82

3	CEBs: UMA EXPRESSÃO DO POVO DE DEUS NO ACRE	87
3.1	Nova forma de ser Igreja no Brasil	87
3.1.1	CEBs, origem e desafios	89
3.1.2	Características das CEBs	92
3.1.3	Eclesiologia das CEBs	93
3.2	Dom Giocondo: presença missionária e pastoral na Igreja do Acre	96
3.2.1	Novos tempos para a Igreja: dos Movimentos tradicionais às CEBs	99
3.2.2	Primeiro Plano de Pastoral: ir ao encontro do povo	102
3.2.3	Igreja ministerial: Protagonismo dos leigos	106
3.2.4	A Palavra de Deus: luz e alimento das Comunidades	109
3.2.5	MCS: Veículo de unidade e comunhão	112
3.3	Novo Povo de Deus	114
3.3.1	Igreja pobre e dos pobres	117
3.3.2	CEBs no Acre: Missão, sair do templo	119
3.3.3	Formação ética e cristã de líderes para a vida	122
3.3.4	Vidas a serviço da vida	124
	CONCLUSÃO	129
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
	ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

A Igreja, a cada dia, procura responder, com suas ações pastorais, aos novos desafios que o mundo e a sociedade apresentam. Por isso, a Igreja sempre sentiu, e continua a sentir, a necessidade de mudanças que correspondam aos sinais dos tempos. Como Povo de Deus “esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus” (GS 11). A fé cristã, desde suas origens, está chamada a ser vivida em comunidade. Por isso, as comunidades cristãs sempre foram, e continuam sendo necessárias, para a vivência e a prática da fé.

O presente estudo, “**A Igreja, Povo de Deus, na Prelazia do Acre e Purus: Aspectos históricos e teológico-pastorais. (1879-1971)**”, tenta resgatar as origens desta Igreja amazônica, com seus grandes problemas e desafios, que iluminada pelo espírito do Concílio Vaticano II, especialmente pelo novo conceito de Povo de Deus da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, renovou sua pastoral e se colocou ao serviço dos mais pobres. As Comunidades Eclesiais de Base foram o espaço eclesial onde o povo se sentiu verdadeiro Povo de Deus, com a Palavra de Deus iluminando a vida, e os leigos, em unidade e comunhão com a hierarquia, sentiram-se corresponsáveis pela ação pastoral e social da Igreja.

Estamos próximos da celebração do centenário desta Igreja (1920-2020). E, na oração de preparação para este Jubileu “Rumo ao Centenário”, rezamos: “Ó Deus, Senhor da história, que enviastes vosso Filho ao mundo, nós vos louvamos e agradecemos pelo centenário da nossa Igreja particular. Cem anos de bênçãos para todos, pela alegria do Evangelho anunciado, e pelo testemunho heroico dos missionários que derramaram sangue e suor neste chão. Como Igreja sempre em saída, samaritana e missionária, queremos prosseguir essa grandiosa história proclamando a todos a graça do Senhor”.

Essa história nos motivou a realizar este estudo. A metodologia utilizada foi de uma análise e pesquisa bibliográfica qualitativa, fundamentada principalmente sobre materiais históricos, presentes nos Arquivos diocesanos (Livros de Tombo da Prelazia e das Paróquias, Cartas de Bispos e Padres, Boletim “Nós Irmãos”), Documentos do Magistério (Vaticano II, Medellín e CNBB), cujos conteúdos foram de grande relevância na fundamentação da pesquisa. Também vários teólogos contribuíram neste estudo, explicitando teologicamente nossa reflexão sobre a caminhada da Igreja do Acre e Purus, como José Oscar Beozzo (história do Concílio e a contribuição do episcopado brasileiro), José Comblin (fundamental com sua obra “O povo de Deus”). Outros, como Leonardo Boff e Clodovis Boff, foram partícipes ativos e presenciais nesse processo histórico, e alguma de suas obras “Deus e o

homem no inferno verde” e “Teologia Pé-no-Chão” (Clodovis Boff), marcaram uma época na Teologia e na história da Prelazia.

A pesquisa sobre a caminhada da Igreja na Prelazia do Acre e Purus possibilitou uma descoberta muito significativa. Conhecer suas raízes históricas nos incentivam a não esquecer o passado, forjado com muito esforço e sacrifício, ajudando a viver o presente com seus novos e grandes desafios, e olhando para o futuro com alegre esperança.

Não podemos perder essa memória, pois somos filhos da história desta Igreja Particular (antes Prelazia do Acre e Purus e atualmente Diocese de Rio Branco). E, como Igreja que caminha “Rumo ao Centenário”, queremos trazer esta contribuição histórico-teológica, para conhecimento, revigoramento e renovação missionária de uma “Igreja em saída”.

A inspiração da Igreja deve chegar sempre das primitivas comunidades cristãs (cf. At 2, 42-47), onde os primeiros cristãos colocaram em prática os princípios evangélicos, evangelizando aquele mundo pagão, sabendo encontrar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas de seu tempo (DAP 369).

A eclesiologia de comunhão proposta pelo Concílio Vaticano II, principalmente através da Constituição *Lumen Gentium*, desafia-nos a continuar nessa linha, sendo uma Igreja em constante renovação, na vivência da comunhão fraterna, como Igreja de discípulos missionários de Jesus Cristo, sempre em saída. E, sentindo-nos unidos ao Papa Francisco, que no início de seu pontificado explicitou seu desejo: “Ah, como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres”, queremos voltar às nossas origens de Igreja pobre e dos pobres.

As paróquias, junto com suas diferentes comunidades, são os lugares próprios onde deve acontecer toda ação pastoral em favor dos fiéis. O Papa Francisco, na sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, propõe uma revisão da paróquia, que esteja de acordo com os novos ambientes e realidades que vivemos e, muitas vezes, até contrários, “não é uma estrutura caduca, precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor da comunidade” (EG 28).

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), na sua contínua preocupação pastoral, constatou que a atual paróquia necessita de uma conversão pastoral. “Para tanto, será necessário aplicar a eclesiologia proposta pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, consolidar a

proposta do Documento de Aparecida e concretizar as diretrizes da CNBB que insistem na renovação paroquial”¹.

Porque a Igreja é comunidade, e a comunidade torna visível a Igreja, a CNBB sentiu a necessidade de refletir e propor uma retomada, em nível nacional, da grande novidade surgida a partir do Vaticano II: Comunidades cristãs que devem formar a vida de uma paróquia. O documento *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, na tentativa de renovar a vida eclesial, “busca iluminar o nosso ser Igreja, sermos comunidade dos que vivem de Cristo Jesus, iluminados e guiados pela força e suavidade do Espírito Santo, acolhidos pela bondade materna do Pai”².

Estas novas exigências eclesiais nos levaram a procurar a história e as origens das Comunidades cristãs, espalhadas pela vasta geografia acreana, fruto da renovação conciliar, que ainda sobrevivem às vicissitudes dos tempos, mas que precisam também de uma renovação pastoral e um novo impulso missionário.

Precisávamos conhecer o início daquela caminhada que tantas expectativas levantou, e tantos frutos produziu para o bem do povo. Devíamos retomar o espírito eclesial que inspirou aqueles momentos da Igreja local, quando sentiu o apelo de ir ao encontro dos pobres e, a partir de sua pobreza e junto com eles, fez acontecer uma nova Igreja, uma Igreja de comunidades, no espírito de unidade e comunhão, proposto pelo Concílio.

Naquele tempo, o retorno às fontes e a volta à realidade conduziram progressivamente os responsáveis da Igreja, Prelazia do Acre e Purus, a uma ação pastoral diferente, a tomar uma consciência mais viva das três dimensões que deviam caracterizar a posição dos pobres no mistério do Reino de Deus: a evangelização dos pobres é fundamental à missão da Igreja e é sinal do Reino de Deus; os pobres constituem uma presença privilegiada do mistério de Cristo; a atitude de pobreza é essencial ao acolhimento do Reino.

Portanto, o presente estudo visa apresentar a realidade sócio-econômico-religiosa da realidade acreana nos períodos gloriosos da borracha (I Ciclo: 1879-1912; II Ciclo: 1942-1945), com toda sua problemática de exploração e escravidão, principalmente com o grande número de migrantes que chegaram à procura de uma vida melhor, muitos deles fugindo das secas nordestinas.

¹ CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. Documentos da CNBB 100, 2014, p. 16.

² *Ibidem*, p. 12.

Os primeiros missionários, coincidindo com a criação da Prelazia, depararam-se com uma realidade totalmente desconhecida que, além das características próprias da região amazônica, apresentava também a situação desumana em que vivia o povo espalhado pelos vastos seringais. A grande preocupação do Bispo e de seus poucos sacerdotes, religiosos Servos de Maria, era a sacramentalização do povo, tanto indígenas como seringueiros. Os inúmeros sacrifícios e trabalhos das viagens pelos rios e igarapés tinham como principal objetivo batizar, casar, e cumprir com o preceito pascal da confissão e comunhão. E, aos poucos, foram descobrindo outras necessidades e urgências para completar seus trabalhos apostólicos. Diante da pobreza que se encontravam e a precariedade de meios que tinham, além de ações de caridade, também iniciaram atividades em favor da educação e da saúde principalmente. (Cap. I)

A *Lumen Gentium*, com seu novo modelo eclesiológico, redescobrindo a Igreja como Povo de Deus, foi o revulsivo que precisava a Igreja para que ela fosse verdadeiramente a Igreja dos pobres, mudando a concepção de uma Igreja piramidal para uma Igreja circular, Igreja comunhão, onde os leigos exercessem seu sacerdócio comum em Cristo. Foi fundamental colocar a Palavra de Deus nas mãos do povo, desencadeando uma revolução eclesial e comunitária como ninguém poderia ter imaginado. Esse dinamismo proveniente da Palavra fez surgir o engajamento de numerosos leigos e leigas, que assumiram seu compromisso batismal com serviços em favor da Comunidade, convertendo a Igreja em uma Igreja toda ministerial.

A América Latina, através da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Medellín (1968), e a CNBB, com seu Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), assumiram a nova eclesiologia emanada do Concílio. A Prelazia do Acre e Purus adotou, junto com todas as Igrejas Particulares da Amazônia, o Documento de Santarém, que marcou o rumo e mostrou as pistas por onde devia caminhar a Igreja na sua imensa geografia. “Cristo aponta para a Amazônia”, palavras do Papa Paulo VI, motivaram os bispos para criar as novas diretrizes pastorais que deveriam ser seguidas por todos. (Cap. II)

A grande novidade do tempo pós-conciliar foram as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). A Igreja brasileira aceitou esse novo jeito de ser Igreja, com os grandes desafios que exigiam a implementação das mesmas em todo seu território. Foram tempos difíceis e de grandes turbulências dentro da vida da Igreja. As CEBs tinham tudo para ser o novo modelo eclesiológico que ajudasse o povo, simples e pobre, a sentir-se parte ativa da Igreja.

O Concílio Vaticano II trouxe também essa grande contribuição para a Prelazia do Acre e Purus (atualmente Diocese de Rio Branco), pelas novas formas pastorais adotadas pela

Prelazia, através de seu bispo Dom Giocondo M. Grotti, participante do grande evento conciliar que mudou a história da Igreja latino-americana, brasileira e amazônica. Dom Giocondo, bispo conciliar, iniciou a reviravolta na Prelazia, apesar de todos aqueles que não queriam nenhum tipo de novidades no âmbito eclesial. Os leigos começaram a ter vez e voz nas suas Comunidades e a participar ativamente nos âmbitos de decisão da Prelazia. As CEBs marcaram uma época na vida do povo acreano, e ninguém pode ficar indiferente diante da contribuição que a Igreja Católica deu à sociedade acreana.

Os leigos, alimentados e fortalecidos pela Palavra de Deus, com seus inúmeros carismas e serviços, foram os artífices do acontecimento feito realidade: leigos-pobres evangelizado leigos-pobres. Os pobres começaram a tomar posse daquilo que sempre lhes tinha sido negado. O povo que não tinha nenhuma significação passou a ser o Povo de Deus a caminho.

Muitas iniciativas e ações foram desenvolvidas naqueles anos em benefício da sociedade acreana, com suas dificuldades e peculiaridades próprias, com seus erros e acertos, com o grande protagonismo dos leigos, como principais atores da vida da Igreja, deixando uma grande contribuição para o bem de todos. O povo, semianalfabeto, encontrou na Palavra a força e a luz necessária para iniciar uma caminhada sem ter um norte seguro, mas confiante nas promessas e nas palavras de vida eterna. Movimentos posteriores, religiosos e não religiosos, vieram recolher os frutos das sementes que foram plantadas naquele tempo, assumindo a causa do Reino de Deus, com uma opção preferencial pelos mais pobres e excluídos da sociedade. A Igreja pobre passou a ser também a Igreja dos pobres. (Cap. III)

Apresentamos este estudo, a partir de uma fundamentação teológico-pastoral, sobre o Concílio Vaticano II e sua influência na criação das CEBs, assim como de outras ações pastorais da Prelazia do Acre e Purus, identificando suas principais contribuições religiosas, éticas e sociais para o povo acreano.

Consideramos de enorme importância dar a conhecer a grande contribuição que o Vaticano II trouxe para toda a Igreja universal, assim como para a Igreja latino-americana e brasileira, e mais concretamente também para a Prelazia do Acre e Purus.

Pretendemos com este estudo mostrar a relevância que a Igreja, através das CEBs, deu à sociedade acreana. O povo, explorado e escravizado pelo regime dos seringais, não tinha uma vida digna, não se podia chamar Povo de Deus. A Igreja assumiu esse serviço, inspirada na *Lumen Gentium*, no intuito de procurar uma vida mais digna e abundante para o povo, ao qual tinha sido chamada a servir.

Assim, uma das mais bonitas e expressivas iniciativas na Igreja do Acre e Purus foram as CEBs. Grande novidade da época, que aproximava a Palavra de Deus ao povo, procurando transformar as estruturas injustas em sinais de vida. A Igreja devia chegar ao povo e o povo devia se sentir parte ativa da vida eclesial. Os leigos foram inseridos na missão evangelizadora. A missão eclesial já não era mais competência exclusiva dos sacerdotes.

A ação evangelizadora das CEBs se podia chamar realmente de libertadora, pois o anúncio do Cristo ressuscitado devia libertar os homens do pecado e das suas consequências. O caminho inicial foi lento e não isento de suspeições. Das Comunidades nasceram os Movimentos Populares, como frutos da fé e da caridade, valores fundamentais proclamados pelo Evangelho. O povo, naquele tempo, estava imbuído do fermento e das aspirações de liberdade e de justiça. A Igreja se tornou, então, a única instituição que conseguiu canalizar as aspirações populares, iluminando-as com a luz do Evangelho.

1 PRIMÓRDIOS DA IGREJA NA PRELAZIA DO ACRE E PURUS

Desde a segunda metade do século XIX, a borracha passou a exercer forte atração sobre diversas pessoas, tanto do Brasil como do estrangeiro, na tentativa de lucrar de alguma forma com aquela riqueza. Assim, com a borracha, o novo ouro branco descoberto na Amazônia, surgiu um novo povo, formado por indígenas e brasileiros, principalmente nordestinos, que foram os responsáveis pelo extrativismo, origem do desenvolvimento do I Ciclo da Borracha (1879-1912).

Foi um tempo de ostentação e luxo para os seringalistas e, ao mesmo tempo, de escravidão e exploração sem medida dos seringueiros. A decadência começou com a queda brusca do preço da borracha, propiciada principalmente pela biopirataria de milhares de seringueiras levadas para o Oriente.

Na década de quarenta do século XX, no mesmo cenário, com semelhante sistema explorador e com diferentes protagonistas, iniciou-se a chamada Batalha da borracha, o II Ciclo da Borracha (1942-1945), para atender os exércitos aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

Dado o analfabetismo predominante em toda a região, só alguns autores de ideologia imperialista e colonizadora, e com um olhar desde fora, deixaram uma visão muito subjetiva da realidade humana e social da vida do seringal. As fontes bibliográficas, escassas e tendenciosas, tentaram mostrar sempre a visão dominante do patrão sobre o escravo.

A vida e organização do seringal, as práticas pastorais, principalmente as desobrigas, a religiosidade popular e os trabalhos junto ao novo povo formado no Acre marcaram a vida da nova Prelazia. Os Servos de Maria, com seus bispos à frente, colocaram os alicerces da Igreja no Acre.

O objetivo deste capítulo é mostrar a realidade do povo acreano, sua origem, sua formação, religiosidade e sua situação social, a partir dos migrantes nordestinos, duramente explorados pelos patrões dos seringais. E, como ao longo dos anos, conseguiu-se uma grande mudança na sociedade, com a ajuda e contribuição dos missionários da nascente Prelazia de São Peregrino Laziosi do Acre e Purus. Novos caminhos foram trilhados e uma nova vida começou a surgir no meio do povo.

1.1 Um povo de migrantes: nordestinos no Acre³

Os nordestinos, que no final do século XIX deixaram a caatinga seca e chegaram à floresta amazônica, verde e abundante de chuva, nunca abandonaram a ideia de enriquecer para voltar ao seu Nordeste natal e abraçar de novo a família⁴.

Euclides da Cunha descreveu a Amazônia como paraíso diabólico dos seringais, e tentou definir a identidade do seringueiro, nordestino chegado até a floresta, como um homem à margem da história⁵.

Sua história começava a ser delineada muito antes de sua chegada ao inferno verde⁶ dos seringais. A viagem do migrante nordestino para as paragens da Amazônia Ocidental foi descrita pelo escritor como a viagem de uma multidão de martirizados, com suas bocas famintas, seus corpos febrentos de malária e varíola. Uma vez banidos para a região nestas condições, eles só tinham à frente a missão mais do que dolorosa de desaparecer na imensidão da floresta⁷. A solidão em meio à selva dos seringais tentava silenciar todas suas tradições que porventura poderiam amenizar sua nova vida naquela terra inóspita.

O barracão do seringalista se tornou o banco das suas dívidas: ali se juntava e concentrava o fruto de todo o seu suor, o branco látex, que não conseguia pagar as dívidas

³ O topônimo *Acre*, que foi passado do rio para o território federal, em 1904, e para a unidade federativa, em 1962, é derivado, talvez, da palavra tupi *a'kir ü* que significa “rio verde” ou de *a'kir*, do verbo *ker* que tem o significado de “dormir, sossegar”, mas é quase certeza de que essas raízes etimológicas são as que deformam a palavra *Aquiri*, que é a corruptela do vocábulo do dialeto Ipurinã *Umákiüri*, *Uakiry*, feita pelos exploradores que chegaram à região. Também existe a opinião da raiz etimológica de *Aquiri* a partir das palavras *Yasi'ri*, *Ysi'ri*, que significam “água corrente, veloz”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acre#Etimologia>. Acessado em 12 fev. 2017.

⁴ No ano de 1857, João Gabriel de Carvalho e Melo, natural de Uruburetama, estado do Ceará, recém-chegado ao Purus, selecionara uma área vizinha a alguns lagos, em cujas margens viviam os “Jamamadís”, que batizaram o local com o nome de “Tauariá” (409 milhas, rio acima, da foz do Purus). Ele foi o responsável, involuntário, pelo “batismo” das novas terras, situadas a sudoeste do estado do Amazonas, com o nome de “Acre”.

GAMA e Silva, Roberto. *A epopeia do Acre*. <http://www.pnd.org.br/acre.htm>. Acessado em 27 nov. 2016.

⁵ Em sua obra *À margem da História*, Euclides da Cunha não tem dúvida em descrever as embocaduras do Purus e do Juruá, no rio Amazonas, como as “portas que levariam ao paraíso diabólico dos seringais”. Paraíso diabólico que engoliu levas e mais levas de homens que, fugindo das grandes secas do nordeste, foram ao encontro de um trágico e inexorável destino nos seringais ao longo do Purus e do Juruá: o de se tornarem assim como aquela terra, homens à margem da história nacional. <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/terra-sem-historia>. Acessado em 27 nov. 2016.

⁶ O termo Inferno verde, é atribuído a Alberto do Rego Rangel, pela sua coletânea de contos *Inferno verde*, escrita enquanto trabalhava para o governo do Amazonas. A obra foi publicada em 1908, com prefácio de Euclides da Cunha. RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Manaus: Valer. 2008.

⁷ CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 49.

contraídas desde o dia de sua chegada. Era o lugar da permuta: a borracha produzida com tanto esforço pelo seringueiro era trocada por tudo quanto precisava para viver e trabalhar. Cada vez se endividava e escravizava mais. Era um caminho sem retorno.

No seringal, como no Nordeste, o patrão era chamado de coronel. Aqui também tinha seus capangas para dominar os fregueses, impedindo a fuga ou o comércio clandestino com os regatões turcos ou sírio-libaneses que frequentavam os rios amazônicos. O povo contava que o seringalista matava o seringueiro na tocaia, depois dele receber o saldo e se aprontar para a viagem de volta. Assim, ninguém mais tentava essa aventura sem futuro.

Era clara a exploração do mais fraco pelo mais forte, doença social quase crônica na terra das matas. Evidenciava-se, sobretudo, que o analfabetismo era uma das principais causas desse círculo sem saída, círculo de miséria e de escravidão. O seringueiro, que não sabia ler as contas que lhe eram apresentadas pelo patrão que o explorava, encontrava-se sem condições de defender seus interesses lesados. Era sua falta de instrução a que provocava sua condição de escravidão.

Não havia escolas para eles, nem havia escolas para os filhos dos patrões, moradores dos seringais. Estes, porém, pagavam alguém que ensinasse a seus filhos. Os que tinham herdado das suas terras de origem a herança das primeiras letras, depois de uma jornada de extenuante trabalho, ao claro de uma fraca lamparina, ensinavam a sua prole.

Só alli, como em todo o interior da Amazônia, quem não tem pressa porque não tem direito é o pobre seringueiro, escravizado eterno, eternamente sonhando o “saldo”, que todos os annos lhe foge misteriosamente, sem que elle o possa explicar, porque não sabe ler a factura pelo patrão fornecida (há, como em todas as causas, nobres exceções) e nem ler na balança romana o número indicador dos kilos que lhe custaram o suor. E elle fica para o anno seguinte, a sonhar o “saldo”, a fazer economias, comprando pouco, caçando mais a caça que lhe fornece melhor alimentação mais nutritiva e saborosa e lhe evita comprar a “jabá” (carne de xarque). E no fim do anno o “saldo” lhe foge outra vez, porque os compromissos do patrão cresceram com o outro patrão da Praça, do qual, por sua vez, o primeiro não é se não mais que um outro seringueiro⁸.

Naquela sociedade não existia nenhuma consciência humana nem cidadã. O patrão mandava e o seringueiro obedecia. O freguês não tinha direito a pensar e muito menos a decidir sobre algum assunto que lhe dizia respeito. Só podia pensar em trabalhar e produzir borracha, nem plantar, nem criar para seu próprio sustento! Era a anulação total do ser humano, sem poder expressar suas ideias e sem possibilidade de pensar e decidir.

⁸ CARVALHO, José. *A primeira Insurreição Acreana*, Belém: Typ. de Gillet & Comp. 1904, p. 30-31.

O que provocava a grande mortalidade dos migrantes, segundo Euclides da Cunha, não era o clima da Amazônia, mas o estado social, a instabilidade e fraqueza com que chegavam, o processo de trabalho no seringal que, além de extremamente solitário, gerava a decadência orgânica pela falta de uma alimentação adequada. Cada seringal era a “conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude da terra”⁹.

À entrada de Manaus existia uma ilha chamada Marapatá¹⁰, que era o mais original dos lazaretos, pois os que chegavam até lá, deviam esquecer o passado e começar uma vida nova. Na foz do rio Purus também havia uma ilha que o povo costumava chamar de Ilha da Consciência. Assim, aquele que penetrava pelas duas portas que levavam ao paraíso diabólico dos seringais, devia abdicar das melhores qualidades nativas. Tendo entrado nele, o inferno se revelava o lugar onde o homem trabalha para escravizar-se¹¹.

1.1.1 À procura do ouro branco

A borracha, conhecida também como ouro branco, exerceu uma espécie de ditadura no comportamento humano. Fez o que bem quis com as pessoas que foram à sua busca nas selvas amazônicas. O desejo de conseguir leite das árvores provocou grande dispersão entre as populações que se internavam na mata.

Para alcançar o objetivo, produzir mais para ganhar mais, o homem recorreu a novos experimentos: desde a moradia até a maneira de trabalhar; desde o comportamento individual às reações de grupo; desde o mecanismo comercial à modalidade de transportes. O meio condicionou a vida do homem. Até certo ponto, impôs regras, como no caso da borracha, e a borracha foi soberana e única.

Com o passar dos anos, o II Ciclo da Borracha deu continuidade à mesma história. Foram os chamados soldados da borracha, que o Brasil alistou e foram transportados para a Amazônia pelo SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a

⁹ CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 60.

¹⁰ A ilha de Marapatá é conhecida como a Ilha da Consciência, segundo a lenda, a ilha é o limite da consciência do homem civilizado: quem sobe o Amazonas deixa a consciência em Marapatá. A lenda diz que aquele que passava por ela estava se anulando de suas raízes, se eximindo de sua identidade cultural, ou seja, suas raízes culturais, suas atitudes e comportamentos se modificariam com o lugar, perdendo a vergonha, a moral. No Amazonas é assim: A Ilha de Marapatá.

<http://noamazonaseassim.com.br/a-ilha-de-marapata/> Acessado em 15 dez. 2016.

¹¹ CUNHA, Euclides da. *Op. cit.* 2006, p. 35. Segundo o próprio Euclides da Cunha, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é um homem que trabalha para escravizar-se.

Amazônia), com o objetivo de produzir o caucho necessário para os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)¹².

As novas levas de migrantes nordestinos foram os combatentes anônimos, desconhecidos, e durante anos esquecidos, na retaguarda do maior conflito que conheceu o mundo na era contemporânea. Deslocou-se, de novo, o nordestino, então popularmente designado de arigó¹³, repetindo, em massa, o mesmo drama humano e social do passado.

Milhares de trabalhadores de várias regiões do Brasil foram compulsoriamente levados à escravidão por dívida, e à morte por doenças para as quais não possuíam imunidade. Os novos seringueiros receberam a alcunha de soldados da borracha, numa alusão clara de que o papel do seringueiro era tão importante quanto o de combater o regime nazista com armas.

O então presidente Getúlio Vargas só tinha um motivo para perder o sono: com o fim do I Ciclo da Borracha, os seringais estavam abandonados e não havia neles mais que 35 mil trabalhadores. Para fazer a produção anual de látex saltar de 18 mil para 45 mil toneladas, como previa o acordo, eram necessários 100 mil homens. A solução foi melhor que a encomenda. Em vez de um problema, Getúlio resolveu três: a produção de borracha, o povoamento da Amazônia e a crise do campesinato provocada por uma seca devastadora no Nordeste¹⁴. A batalha da borracha combinou o alinhamento do Brasil com os interesses norte-americanos e o projeto de nação do governo Vargas, que previa a constituição da soberania pela ocupação dos vazios territoriais¹⁵.

Manaus tinha, em 1849, cinco mil habitantes e, em meio século, cresceu para 70 mil. Novamente a região experimentou a sensação de riqueza e de pujança. O dinheiro voltou a

¹² O SEMTA fazia parte do Departamento Nacional de Imigração (DNI), do governo de Getúlio Vargas. Era financiado por um fundo especial da Rubber Development Corporation, um fundo criado com o selamento dos Acordos de Washington. Tinha como objetivo principal o recrutamento, encaminhamento, colocação e a assistência dos trabalhadores (e famílias destes) nos seringais da região Amazônica. Entre 1943 e 1945, o SEMTA recrutou e enviou cerca de 60.000 pessoas para agilizar o Segundo Ciclo da Borracha. Com o final da Segunda Guerra Mundial o SEMTA foi extinto e este contingente de imigrantes (Soldados da Borracha) ficou entregue a própria sorte.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_Especial_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_de_Trabalhadores_para_a_Amaz%C3%A3o. Acessado em 27 nov. 2016.

¹³ Na linguagem popular significa tolo, boboca.

¹⁴ 1934/1936. Essa foi uma das maiores secas enfrentadas pelo Brasil (que se tem registro). O longo período de estiagem não ficou restrito ao Nordeste: além de afetar nove estados na região, Minas Gerais e São Paulo também sofreram com a falta de chuvas. Depois disso, o problema no sertão nordestino passou a ser encarado como um problema nacional.

<http://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/>. Acessado em 23 de maio de 2017.

¹⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_da_borracha. Acessado em 27 nov. 2016.

circular em Manaus, em Belém, em cidades e povoados vizinhos, e a economia regional se fortaleceu.

Cada migrante assinava um contrato com o SEMTA que previa um pequeno salário para o trabalhador durante a viagem até a Amazônia, e a promessa de que, após a chegada, receberiam uma remuneração de 60% de todo o capital que fosse obtido com a borracha. Após recrutados, os voluntários ficavam acampados em alojamentos construídos para esse fim, sob rígida vigilância militar, para depois seguirem até à Amazônia, numa viagem que demorava de dois a três meses¹⁶.

Entretanto, para muitos trabalhadores, esse foi um caminho sem volta. Cerca de 30 mil seringueiros faleceram abandonados na Amazônia, depois de terem exaurido suas forças extraíndo o ouro branco. Morreram de malária, febre amarela, hepatite e atacados por animais como onças, serpentes e escorpiões.

O governo brasileiro não cumpriu a promessa de reconduzir os soldados da borracha de volta à sua terra no final da guerra, reconhecidos como heróis e com aposentadoria equiparada à dos militares. Calcula-se que conseguiram voltar ao seu local de origem (a duras penas e por seus próprios meios) cerca de seis mil homens.

O final abrupto dos dois ciclos da borracha demonstrou a incapacidade empresarial e falta de visão da classe dominante e dos políticos da região. E, o final da guerra conduziu, pela segunda vez, à perda da chance de fazer vingar aquela atividade econômica. Ao fim do conflito, em 1945, os migrantes que sobreviveram às durezas da selva foram esquecidos no Eldorado.

1.1.2 Os pobres e abandonados da floresta

Os indígenas, donos da terra, foram extermínados e degradados por causa da borracha¹⁷. Os brancos, gananciosos da produção, impuseram sua cultura com intransigência, introduzindo cachaça, doenças endêmicas e epidêmicas, além da exploração econômica. O indígena procurava defender sua terra, mas infelizmente sempre saia vitorioso o rifle, a gripe

¹⁶ NEVES, Marcus Vinicius. *A heroica e desprezada batalha da borracha*.

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_heroica_e_desprezada_batalha_da_borracha.html. Acessado em 27 nov. 2016.

¹⁷ “Nem o fim do primeiro ciclo da borracha, em 1913, diminuiu a pressão sofrida por esses grupos já tão enfraquecidos. Diante dessa nova realidade, com grandes e poderosos seringais espalhados por todos os principais rios, nunca mais seria possível retomar as antigas formas de organização social. Alguns pequenos grupos ainda conseguiram se refugiar nas cabeceiras mais isoladas, mas a grande maioria dos índios do Acre foi obrigada a se modificar para não desparecer”. NEVES, Marcus Vinicius. História nativa do Acre. Em *Povos do Acre*. Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour. 2002, p. 14.

e o sarampo. Ele, pacífico por natureza, tornava-se aos olhos do pobre nordestino, um animal selvagem. Aos poucos, foram abandonando suas terras e refugiando-se nas cabeceiras dos rios, onde os brancos não podiam chegar facilmente e era mais difícil comercializar a borracha¹⁸.

O nordestino, de caráter calmo, acostumado a aguentar a seca e a fome em sua terra natal, suportava tudo no novo território. Preferia a submissão à violência. Desabafava suas penas caçando, pescando, trabalhando e nas festas, onde a cachaça e o forró lhe faziam esquecer sua tragédia. Sair do seringal não era fácil. O patrão o oprimia cada vez mais com as dívidas contraídas, embora ele levasse uma vida de extrema miséria.

Os nordestinos estavam condenados a morrer ou nascer de novo. Ser acreanos significava mudar de vida ou perecer; deviam revelar qualidades inéditas para enfrentar o novo meio ambiente ou sucumbir irremediavelmente, perdidos na imensidão daquele inferno verde. Muitos tiveram vontade, não de morrer, porque morrer era pouco demais para aquela dor; porém, sentiam-se completamente inexistentes, como se nunca houvessem nascido.

Os nordestinos eram maltrapilhos, exilados, abandonados por todos, explorados, massacrados, constantemente dizimados pela doença, sem esperança de vida, jogados no meio da floresta à sua própria sorte. Eles foram os pobres, os sem nome, as pessoas à margem da respeitabilidade e da sociedade. Passaram a ser homens sem história em uma terra sem história. Um povo peregrino a caminho de uma terra prometida, que conquistaram, mas que nunca possuíram. Chegaram ao paraíso almejado onde manava leite (látex) com fartura, onde a água era abundante, o grande sonho do morador do sertão, mas que para todos se converteu no inferno verde.

Homens acostumados ao amanho da terra bruta, árida e seca viam-se segregados de um modo de vida que nunca tinham enfrentado. Os comerciantes os largavam, em grande parte, seminus e esqueléticos, deixando-os às margens dos rios, abastecidos de mantimentos, armas e munições. Os que não sucumbiam às febres, à malária e às doenças de que nunca tinham ouvido falar, os que conseguiram impor-se à selva e sobreviver à lei bravia que imperava nessas áreas isoladas, foram os que desbravaram, domaram e ocuparam aquela terra, onde só os indígenas tinham conseguido sobreviver¹⁹.

¹⁸ Às vezes, seringalistas e seringueiros, para vingar-se de algum companheiro, organizavam correrias, expedições impressionantes de selvageria. Atacavam as malocas de surpresa, matavam os homens e roubavam as mulheres. Os mais velhos contavam histórias de coronéis pagando gratificações por uma orelha cortada dos índios.

¹⁹ MESQUITA, Geraldo. *O Tratado de Petrópolis e o Congresso nacional*, Brasília: Senado Federal, 2003, p. 16.

Eram homens solitários e sem mulher. Não existiam mulheres naquele território. As mulheres tinham ficado no Nordeste, esperando a volta dos esposos ou dos filhos, no caso dos solteiros. Conta-se que nas festas organizadas no barracão do patrão, nas grandes festas do seringal, na hora de dançar, era homem dançando com homem. Os patrões levavam as prostitutas de Belém e Manaus para vendê-las aos pobres seringueiros, aumentando muito mais suas dívidas com o patrão. Naquela situação os roubos de mulher, e assassinatos por culpa de mulher, eram do mais frequente.

Atingido em sua mente por uma verdadeira neurose de solidão, o homem extrativista da floresta fala sozinho ou com frequência passa a conversar com o gato, ou com o cão que costuma possuir como companheiros, únicos seres que parecem compreender o seu drama e entendê-lo em sua magnitude. Açoitado pela vontade imperiosa de ver e falar com alguém sai à cata daquela satisfação em visitas longínquas, para uma simples conversa, às vezes sem sentido certo ou objetivos definidos, ou à procura de uma “festa” puxada à sanfona ou tocada à pife de taboca, acompanhado no ritmo pelas colheres e o tambor feito de lata de banha de dois quilos, cujo fundo foi substituído por uma “capa de borracha de fundo de bacia de defumar”, esticada e mantida em tensão por uma “liga de sernambi”, passada em várias voltas na circunferência da lata²⁰.

Socialmente o seringueiro era livre, porém, sua condição real era a de um escravo. Era a profissão mais penosa já conhecida e uma das mais rudes do mundo, pelas condições em que o homem era obrigado a viver. Escravo pela dívida, pelo isolamento, pela rotina, tipo de trabalhador único..., é o proprietário que não possui estradas²¹. Em alguns seringais, inclusive, existiam prisões para castigar os preguiçosos e onde muitos bravos seringueiros perderam a vida.

Realmente, era necessário que este homem fosse um forte para conseguir superar as dificuldades e opressões que enfrentou desde que saiu de sua terra, através da travessia e da própria instalação no seringal, pois à medida que o ritual de chegada ia se desenvolvendo, sentia que sua busca de vida melhor ia se ofuscando e, devido à sua falta de conhecimento da floresta e das técnicas do trabalho extrativo, era recebido como um bruto, um brabo que precisava ser “amansado”²².

A vida do seringal era dura, amarga e ingrata. Nunca se progredia. O seringueiro era um preso sob as garras do patrão. O objetivo era extraír e vender ao máximo, sempre buscando aumentar os lucros, não importando se tal intento representava sua morte lenta ou a

²⁰ MAIA, Mário. *Rios e barrancos do Acre*, Niterói: Gráfica do Senado, 1978, p.37-38.

²¹ As estradas de seringa eram cortes, picadas, caminhos traçados no meio da mata e desenhadas de modo a contemplar o maior número possível de seringueiras passíveis de serem exploradas por um seringueiro. Como o intento era viabilizar o acesso do seringueiro às árvores gumíferas e estas, por sua vez, estavam espalhadas aleatoriamente pela floresta, o traçado era variado e de formato irregular.

²² CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2006, p. 60.

da sua fiel aliada, a árvore do látex. Naquele tempo era crime produzir, só era lícito extrair e destruir. Sem tempo para pensar nos seus problemas, envolvido numa atividade que lhe impedia refletir, não existia mais mundo que aquele que seus pés calejados pisavam. Nem se falava de atraso, porque não se tinha com quem comparar. As casas de madeira e palha surgiam rapidamente, e a duras penas defendiam da chuva e davam um pouco de intimidade. Ter o necessário para o dia era suficiente. Nenhuma preocupação a mais.

O nordestino se conformou a tudo com profunda paciência. Com o passo dos anos, a natureza inimiga, no início, foi-se tornando companheira e amiga. Acabou-se misturando com o índio e nasceu uma nova raça, o caboclo²³. Aquele que se tinha curtido nas secas do Nordeste resistiu com firmeza, vencendo todos os fatores adversos, enfermidades e solidão. De não ter sido assim, teriam sido aniquilados pela ingratidão e o isolamento da selva, pela desilusão de uma terra prometida enganosa, pelo desespero de um presente e um futuro sem saída.

Os pobres explorados, religiosos por sua tradição nordestina, viviam praticamente sem nenhuma relação com a vida da Igreja, dado o isolamento em que viviam.

1.1.3 A vida religiosa no mundo do seringal

A chegada do nordestino ao chão amazônico, e sua convivência com os indígenas, provocou uma mistura de crenças e tradições do catolicismo com rituais afro-ameríndios. Danças, cantos e inclusão de entidades da floresta foram colocadas ao lado das devoções aos santos que tinham trazido consigo. Elas determinaram as formas da religiosidade do povo.

O seringal não tinha estrutura estável, pois tudo era na base do efêmero, motivado pela ânsia de voltar logo para a terra natal. O catolicismo ficou sob o controle de benzedores e rezadores locais, muito distante da hierarquia da Igreja. A falta de pessoas preparadas permitiu o avanço das superstições e a crença nos antigos espíritos da floresta. As necessidades dos católicos nordestinos não eram atendidas, criando-se brechas que permitiam a penetração de superstições e credices heterodoxas.

No isolamento das matas, a vida religiosa dos extrativistas se limitava a orações, ladainhas e novenas que haviam aprendido no sertão. A inexistência de um acompanhamento

²³ Pelas circunstâncias adversas e de exploração, tanto os índios como os brancos acabaram se misturando, dando origem ao caboclo. “Os índios acabaram a adotar então o modelo de casa cabocla que o branco utilizava, começaram a depender das ferramentas dos brancos, foram perdendo suas línguas maternas e aprendendo o português ou o espanhol”. NEVES, Marcus Vinicius. *Op. cit.* 2002, p. 14.

espiritual constante para orientar sua conduta religiosa, levou os seringueiros a adquirir formas peculiares de exteriorizar a devoção a seus protetores, e nos seus atos religiosos se mesclavam rituais católicos e magias nativas.

As grandes datas da cristandade representavam também no seringal a oportunidade de congraçamento humano entre os habitantes da selva, realizado geralmente no barracão central. As festas de Natal, São João, Santo Antônio ou São Pedro, congregavam toda a população do seringal, mesmo os que distavam dias e dias do barracão central, onde se rezavam as ladinhas ou se puxava o terço. Ao ato religioso seguiam os atos profanos. A música, as danças, e os comes e bebes se realizavam com os recursos existentes.

A resignação diante dos infortúnios da vida era um misto de religiosidade e fatalismo que o nordestino-acreano herdou de seus ancestrais. Proveniente de outro meio marcado pelas dificuldades, o novo acreano se serviu desses princípios espirituais para encontrar uma explicação às frustrações e à aceitação de seus problemas de vida. O mundo do além se misturava, com frequência, com o mundo real, com seus problemas, enfermidades, sofrimentos e azar.

Nas doenças, quando os remédios caseiros não eram eficazes, acudiam às rezadeiras ou curandeiras. Estas sabiam de cor as orações para curar todo tipo de enfermidades, que aprenderam de seus antepassados. As orações eram eficazes, independentemente do rezador ou rezadeira, de seu compromisso com a Igreja ou de sua vida pessoal. A fé na oração realizava a cura.

O passado e as novas circunstâncias criaram uma religiosidade popular própria, uma mentalidade religiosa peculiar, uma forma de viver a fé à margem da Igreja, que não se correspondia com a doutrina, normas e ritos da Igreja oficial. Diante da falta do padre durante todo o ano, eles criaram suas próprias devoções, ritos e orações. A presença do padre não era absolutamente necessária, porque ele nunca estava presente. Necessitavam do padre só para batizar os filhos e não ficar pagão. Os sacramentos tinham pouco a ver com sua vida, pois eram considerados atos independentes que não influenciavam para nada na sua conduta.

Quando a solidão da mata não dava condições para chegar até uma rezadeira, ou em momentos de grande necessidade, o socorro mais fácil era acolher-se à intercessão dos santos. Se o santo ajudava, colaborava e curava, o fiel respondia com o cumprimento da promessa: tinha que pagar promessa. Isso era algo sagrado! Nunca passavam em branco as celebrações de São Sebastião, Santa Luzia e São Francisco, com as devidas promessas, festas e as saudades do velho Ceará.

Os santos eram os intermediários seguros, escolhidos segundo as necessidades. Convertiam-se, assim, em símbolos libertadores da opressão que viviam. Eram os únicos intercessores a quem podiam pedir ajuda e socorro. A devoção ao santo protetor procurava sobreviver no meio daquelas novas práticas, pois promovia o bem-estar geral e individual, propiciava saúde, boa colheita, proteção contra doença, e propiciava harmonia na comunidade que o reverenciava.

O seringueiro, o homem da mata, não se conformava tão facilmente ao exílio do seringal e encontrava na sua religiosidade peculiar a força que sustentava sua fé para retornar algum dia à sua terra. Só podia desabafar com Deus e com os santos toda sua vida de sofrimento, causado pelas humilhações e injustiças do patrão. Nos seringais do Acre, a religiosidade do povo se desenvolveu livremente por algumas dezenas de anos, por causa da instituição religiosa não estar presente, dadas as distâncias e o número reduzido de padres. A vida do seringal seguia o ditado popular: “Muita reza e pouca missa. Muito santo e pouco padre”²⁴.

Os diversos fatores e as circunstâncias adversas em que aconteceu a povoação da Amazônia, e mais em concreto o Acre, provocou a ausência quase total da Igreja no meio do povo. No seringal se vivia um catolicismo sem padres. Essa ausência contribuiu para o relaxamento dos costumes e da moral, permitindo maior exploração de indígenas e nordestinos. A falta de justiça no seringal, onde cada um fazia sua justiça por si, deu origem a um desleixo de costumes, assim como a crimes e abusos que perduraram ao longo dos anos.

Entre os seringueiros sempre havia um rezador que tinha trazido consigo o santuário, com o conjunto dos santos protetores, algum rosário, e muitas vezes um catecismo com benditos. Ele colocava tudo isso no seu barraco, e constituía a lembrança de Deus e da família distante. Ali se organizavam os encontros e as rezas comunitárias para o santo atender o pedido, Nossa Senhora libertar do desterro e, afinal, formular ou pagar as promessas²⁵.

As reuniões do Natal, a comemoração da Semana da Paixão, as festas de São João e São Pedro, congregavam toda a população dos seringais no barracão central. Ali se rezavam as ladinhas, puxavam-se os cantos e se rezava o terço. Ao ato religioso seguiam as festas profanas, os comes e bebes, a música, as danças, etc.

O povo que se deslocava dos seringais para a festa na igreja da cidade, andava ou remava vários dias, agasalhando-se como e onde podia, gastando boa parte ou todo o seu

²⁴ Esse dito popular sempre foi um emblema do catolicismo praticado no Brasil, principalmente na região amazônica. LOMBARDI, Mássimo. *A Igreja no Acre e Purus, 1877-1930*. Monografia apresentada ao CEHILA. São Paulo, 1982, p. 11. Arquivo da Cúria Diocesana de Rio Branco.

²⁵ *Ibidem*, p. 8.

saldo de um ano de trabalho e suor. Muitos procuravam encontrar na cidade algo parecido às festas animadas do seu Ceará natal; todos tinham promessas para pagar, amigos para encontrar, negócios para resolver, brincadeiras para divertir-se. Não existia muita separação entre festa espiritual e material. A sociedade acreana que se foi formando não estava acostumada a preceitos dominicais, nem à participação na vida da Igreja²⁶.

Regressou a esta cidade o vigário da parochia, padre José Tito que tem officiado na capella de N. S. da Conceição. S. exca. reverendissima pede aos fieis que frequentem a igreja, pelo menos, nos dias santificados. As famílias da nossa sociedade, por sua vez, vão se esquecendo de assistir o sacrificio da missa aos domingos e dias santos, e por isso também merecem um appello. A continuar a capella abandonada é possível o seu fechamento, por quem de direito²⁷.

Por isso, quando chegava o vigário, pela falta de costume, era uma ausência total do povo, provocando as reclamações e até as ameaças do fechamento da capela.

A Santa Sé, preocupada com a situação pastoral da Amazônia, já tinha dado alguns passos em favor de criar novas jurisdições eclesiásticas. O Bispo de Manaus visitou o Acre em 1910, preparando o desmembramento do território acreano da Diocese de Manaus.

1.2 Criação da Prelazia e vida dos Servos de Maria

Enquanto o ciclo econômico da borracha estava em plena fase de decadência, o Papa Bento XV, considerando a Igreja Católica na América Latina muito vasta e com dificuldades na evangelização, observando cada país, percorreu os olhos na imensidão do território amazônico, e convocou ordens e congregações para a missionariedade.

Foi, assim, que no dia 04 de outubro de 1919 com a Bula *Ecclesiae universae regimen*, desmembrando da extensa Diocese de Manaus, erigia em *Prelatura Nullius* a nova Prelazia do Alto Acre e Alto Purus, compreendendo as Províncias do Alto Acre e Alto Purus e com os limites de Estado do Amazonas, Território Alto Tarauacá, República Boliviana e República Peruana²⁸.

Por um entendimento acordado entre a Sagrada Congregação Consistorial, em maio e junho de 1919, a Prelazia do Alto Acre e Purus foi entregue à Ordem dos Servos de Maria com a Bula *Commissum humilitati nostrae* de 15 de Dezembro de 1919. Com essa Bula a nova Prelazia era confiada a um membro da Ordem. O candidato apresentado à Congregação foi o Revmo. Pe. Próspero Gustavo M. Bernardi, passando assim a ser o primeiro bispo da

²⁶ *Ibidem*, p. 11.

²⁷ *Periódico: O Rebate*. Anno I - 17 de agosto de 1913 – n. 17. Rio Branco - Alto Acre, p. 3.

²⁸ *I Livro de Tombo da Prelazia do Acre e Purus*, p. 3. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

nova Prelazia criada. Ele, junto com outros três religiosos, foram os que começaram a árdua missão de instaurar a Igreja local no Acre, a partir de agosto de 1920²⁹.

A nova Prelazia abrangia a grande bacia hidrográfica do rio Purus, com seus afluentes principais o Acre e Iaco. Desse complexo hidrográfico surgiam afluentes, confluentes, subafluentes e igarapés, que formava uma massa compacta de água entre as verdes extensões da floresta: muita água, imensa, barrenta, perigosa, muito mato, muito cipó e muito bicho. Os rios foram o único meio possível, naquela época, para levar a fé até os mais recônditos lugares da selva. Pelo rio chegaram as tradições religiosas dos nordestinos e pelo rio chegaram os primeiros missionários, vindos de lugares longínquos.

A messe era grande demais e as paróquias imensas. As continuas viagens, e o isolamento em que se viram obrigados a viver, provocaram sérios problemas na vida dos religiosos, já que a vida comunitária ficou muito prejudicada.

Como um reflexo da situação que viviam os frades, acostumados a uma vida comunitária tranquila, ficou expressado no depoimento do padre Felipe Gallerani, na paróquia de Xapuri, onde teve que trabalhar quase sempre sozinho e em condições de vida muito precárias: “Para mim este mês de maio foi um rosário de dores... Tribulações dos maus não faltaram; os bons se envergonham do Padre; a solidão veio encher o copo d’amargura! Todavia uma certa melhora notei neste povo”³⁰.

A vida moral do povo era o grande desafio. O puritanismo da época importado da Europa, e o pouco conhecimento da realidade, juntaram-se para gerar alguns problemas aos religiosos, inexperientes em pastoral amazonense. Sem uma verdadeira evangelização, às vezes, pedia-se o que não se tinha semeado. As queixas e reclamações eram frequentes em todas as paróquias.

A economia, tantas vezes precária, não favorecia nenhuma prática pastoral, e era mais um problema: “A festa de São Sebastião, ano 1937, foi realizada como de costume dos anos precedentes, mas a subida da borracha e o preço altíssimo da castanha, não melhoraram as condições morais e religiosas deste povo: o número exíguo das comunhões 126 mulheres e 5 homens, prova o que estou escrevendo!”³¹.

Os perigos, na vida dos missionários, eram constantes, pois as circunstâncias e as condições higiênicas nas viagens não eram sempre das melhores, provocando situações embaraçosas para os religiosos, pouco acostumados àqueles meios de transporte. As

²⁹ *Ibidem*, p. 6v.

³⁰ *I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri*, p. 12 1 14v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

³¹ *Ibidem*, p. 64.

frequentes e exaustivas viagens pelos rios deixavam suas sequelas em forma de doenças que, aos poucos, corroíam sua saúde. As viagens de barco se faziam intermináveis, demorando dias e meses. Essas correrias eram uma constante na vida dos missionários. A paciência, a leitura e a reza faziam possível que a viagem terminasse com bom ânimo. Era necessária muita paciência!

As chuvas, o sol, a alimentação nos seringais, os insetos, a falta de higiene nas casas onde tinham que dormir e fazer as celebrações passaram sua fatura nas vidas dos missionários, não habituados a esse gênero de vida. Os intrépidos religiosos tiveram que enfrentar todo tipo de sacrifícios nas suas visitas apostólicas, ao longo dos inúmeros rios e igarapés, para visitar o povo espalhado pela imensa floresta. Todos, aos poucos, deviam ir conhecendo e aprendendo os segredos dessa nova vida, das águas, das enchentes, das vazantes e dos barcos.

O desejo dos religiosos era chegar a todos e levar ao povo o alimento sacramental, sem medir esforços e sacrifícios, prejudicando muitas vezes a própria saúde. Alguns deles, em tempo, viajavam para o sul do país, a única maneira de encontrar solução aos problemas de saúde, com um clima mais sadio e melhores condições médicas para curar-se. Outros, porém, pagaram caro tributo à missão, deixando seus restos para sempre no chão acreano, como semente de missionários esforçados e sacrificados pela causa do Reino. Várias mortes de religiosos e religiosas aparecem nos livros de crônicas, nos primeiros anos de vida da Prelazia. A missão teve missionários à sua altura!

1.2.1 A Igreja no contexto acreano

A atividade missionária, principalmente na Amazônia, sempre foi marcada pela cruz e o sacrifício. A imagem de missionário herói muitas vezes correspondia à realidade, pois ele partia para terras e culturas desconhecidas, longe da terra natal e distante da família. O modelo de Igreja que se destacou no ocidente durante vários séculos, clerical, uniforme, romanizado, etc., não tinha condições para ser assumido por grande parte do mundo não evangelizado. Muitos problemas surgiram por isso e tiveram que ser enfrentados, demorando muitos anos em ser superados. A questão missionária não evoluiu nem amadureceu ao mesmo ritmo que os aspectos teológicos, eclesiais e pastorais.

Talvez, isso se deva, em parte, à maneira histórica pela qual se realizou a evangelização do continente americano, e como se formou sua cristandade. Essa história gerou um hábito de dependência em todos os sentidos, mas, sobretudo, em nível de pessoal e de ajudas econômicas, que foram crônicas e desproporcionadas às futuras possibilidades das

Igrejas locais. Toda a Igreja latino-americana era considerada, naqueles tempos, terra de missão. As Igrejas em todo o continente ainda estavam em tempo de formação e amadurecimento. A escassez de sacerdotes fazia necessária a importação dos mesmos, principalmente da Europa.

A chegada à região amazônica de diferentes congregações religiosas desde a Europa, todas missionárias, mas dependentes e em obediência a Roma, foi a forma encontrada para garantir essa reforma da religiosidade do povo. De repente, apareceram novas devoções, substituindo as antigas devoções populares. Assim, os Servos de Maria, na sua chegada ao Acre, colocaram a nova Prelazia sob a proteção de São Peregrino, santo italiano, desconhecido totalmente para o povo. E, na nova capela de Rio Branco, lutaram em vão para substituir São Sebastião por São Filipe Benício³².

As novas congregações trouxeram também a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, pois a Igreja, identificada com o Reino de Cristo, estava sofrendo perseguição pelos inimigos. A devoção reparadora se expressava através das comunhões nas nove primeiras sextas feiras. As Irmãs Servas de Maria Reparadoras chegaram ao Acre com esse espírito. Porém, enquanto o Coração de Jesus que sofria era o símbolo da hierarquia eclesiástica, a devoção popular ao Cristo Morto continuava sendo o símbolo do sofrimento do povo³³.

Na forma de festejar os santos também houve mudanças. As antigas festas religiosas eram celebradas com procissões, músicas, promessas e romarias; nas novas devoções o destaque era a prática sacramental. O que era popular tornava-se agora clerical. O povo, com tudo, percebia o caráter mais frio da nova lei e ficava espiando e, muitas vezes, desde o lado de fora.

As ideias pastorais que os novos missionários queriam impor, segundo os princípios da Igreja romana, e que estavam chamados a implantar para que o Reino de Cristo se espalhasse e crescesse em toda parte, inicialmente encontraram resistência e criaram muitos conflitos entre a autoridade eclesial e o povo semianalfabeto.

Apesar da pouca presença dos padres, era nas pequenas vilas onde se manifestava mais claramente esse conflito entre o catolicismo do povo e o catolicismo romano. Em geral, a instituição eclesiástica encarava a animação popular ao redor da igreja com certa desconfiança, pois tudo aquilo escapava ao seu controle. Contudo, a presença do padre nas festas religiosas acabava se impondo sobre os líderes populares, sobre as iniciativas e a organização criativa e espontânea. Era necessário instruir o povo nas verdades da fé e trazê-lo

³² LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 36.

³³ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 37.

à verdadeira prática religiosa através dos sacramentos, principalmente com a confissão e a comunhão³⁴.

Uma praxe da Igreja centrada na catequese (doutrinação) e na sacramentalização constituía a concretização do que mandava o concílio de Trento. O trabalho pastoral começou a ser medido principalmente pelo número das obras espirituais: confissões, comunhões, batizados e casamentos. O número elevado da distribuição desses sacramentos atestava o aumento do trabalho pastoral. Era uma transposição, salvadas as circunstâncias, da pastoral europeia à nova realidade encontrada na região acreana. Tentava-se uma fidelidade aos princípios doutrinais sem levar em consideração as necessidades e conveniências pastorais.

Tudo devia ser importado e transplantado no novo solo eclesial que se queria evangelizar. A recepção dos sacramentos era a finalidade principal de todos os trabalhos e esforços pastorais. Praticamente toda a pastoral se reduzia a isso. E todos os meios possíveis deviam ajudar a esse fim. Desde o começo, os padres perceberam a necessidade de dar às igrejas um aspecto um pouco mais digno, que desse a impressão de entrar num templo e não numa sala qualquer. Isso serviria, sobretudo, para favorecer o silêncio e para que os homens entrassem sem chapéu e sem cigarro na boca. De um lado a liturgia ficava mais digna e religiosa aos olhos dos padres italianos, mas a participação do povo permanecia ainda mais fria e sem graça³⁵.

Também as imagens dos santos, que já tinham grande importância na cultura e na vida religiosa do povo, começaram a entrar em atrito com os novos religiosos recém-chegados ao Acre. Os santos de devoção italiana, como São Peregrino, Santa Juliana, São Filipe, os SS. Fundadores, começaram a tomar o lugar dos santos do povo. Era uma das grandes preocupações dos novos missionários. Esses santos começaram logo a fazer mais milagres do que os santos tradicionais do povo, sobretudo São Filipe e São Peregrino, que ganharam de São Sebastião e São Francisco:

O Sr. Luiz do Vale mandou uma oferta para São Peregrino, em ação de graças por ele ter livrado da morte a criança do mesmo; mas São Peregrino concedeu outras graças. Uma senhora de Boca do Acre conseguiu por sua intercessão a paz na família e a cura de uma doença na perna; um seringueiro do Alto Purus, me deu vários quilos de borracha por ele ter sido atendido por São Peregrino³⁶.

Apesar de tudo isso, o povo de Sena Madureira, sede da Prelazia, não ficou conformado, pois a imagem de São Peregrino estava ocupando o lugar central do altar-mor,

³⁴ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 20.

³⁵ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p.76.

³⁶ LORENZINI, Pe. Miguel. *Carta*, 1925. Archivio Generale OSM. Roma.

enquanto a de N. Sra. da Conceição, até esse momento titular da igreja, foi rebaixada para um altar lateral.

Precisou de poucas palavras para mostrar que a imagem do Santo, reconhecido oficialmente pela Santa Sé como titular e padroeiro da Prelazia, bem podia ocupar o lugar de honra na igreja; mas se por acaso a população preferisse que a igreja paroquial de Sena deixasse de ser a sede da Prelazia, seria muito fácil, pois lá em Rio Branco o povo não espera outra coisa a não ser que o Bispo se mude para aquela cidade³⁷.

Razões de peso, que o povo aceitou para não perder a categoria de ser sede prelatícia, em favor da cidade concorrente de Rio Branco. No momento, os padres acharam aquele comportamento como ridículo e ignorante, mas continuaria sendo uma das tentativas do povo para chamar a atenção do clero sobre uma série de valores religiosos e culturais que mereciam todo o respeito e carinho. Também em Rio Branco aconteceu algo parecido com São Filipe:

Se aqui o mais popular é São Sebastião, aos poucos também São Filipe está chegando. A seca neste ano tinha alcançado proporções desconhecidas. Fazia três meses que não chovia. Foi realizado um primeiro tríduo a São Filipe, foi realizado um segundo tríduo ao santo da chuva e finalmente eis chegando uma pequena chuva, sinal da grande chuva que chegou logo depois da festa. Foi benta e distribuída a água de São Filipe e também foi bento e distribuído o pão com as letras do santo num círculo desenhado S.F. A distribuição deste pão atraiu toda a população da cidade velha e nova e dos bairros e das colônias. Os pães distribuídos foram mais de mil³⁸.

O encontro com o povo só se justificava pela finalidade dos sacramentos, enquanto a simples evangelização ou catequese, que não levasse logo à recepção dos mesmos, aparecia como coisa inútil. Certamente que tudo isso prejudicou o relacionamento normal e espontâneo com o povo e favoreceu a mentalidade de que o trabalho do padre era casar, batizar e rezar missa. E a obrigação do povo era batizar os filhos, casar e, para isso, tinha que se confessar e comungar³⁹.

Tudo quanto favorecia a maior distribuição dos sacramentos era admitido pelos padres. Por esse caminho, os seringueiros conseguiram manter a tradição das festas por ocasião das desobrigas, manifestando com a dança a alegria de encontrar-se com os companheiros. O encontro com muita gente, a comida farta na casa do patrão e a dança posterior, animava o povo a se deslocar de suas colocações, inclusive aqueles que não tinham necessidade de sacramentos.

³⁷ BERNARDI, Dom Próspero. *Carta* 1928. Archivio Generale OSM. Roma.

³⁸ MATTIOLI, Pe. Tiago. *Carta* de 1924. Archivio Generale OSM. Roma.

³⁹ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 77.

Dom Próspero pensava que a religião do povo estava atrapalhando o trabalho sacramental. Ele procurava convencer o povo a mudar suas promessas por uma boa confissão e comunhão. O que o povo considerava um gesto de fé, o bispo achava um gesto de ignorância e de superstição. Aos poucos, os padres perceberam que as exigências canônicas e litúrgicas eram incompreensíveis para o povo, motivos pelos quais o afastavam dos valores mais importantes⁴⁰.

Naquele período muitos padres foram enviados a Roma para estudar. As congregações europeias e o clero europeizado contribuíram, pelo Brasil afora e também no Acre, a romanizar a Igreja. Desde o Acre foram enviados dois irmãos, religiosos Servos de Maria, para estudar em Roma: frei Peregrino e frei José Carneiro de Lima, que muito contribuíram posteriormente no trabalho pastoral da Prelazia. “O que, porém, interessava diretamente à hierarquia eclesiástica nesse momento era fortalecer-se e organizar-se, para conquistar uma influência maior sobre a sociedade brasileira”⁴¹.

Se de um lado os missionários usaram os métodos pastorais da Europa tradicional, com alguma falta de conhecimento da realidade, de outro lado havia no coração deles um entusiasmo e um amor sem medida, que os fizeram superar todos os obstáculos próprios de uma terra de missão.

1.2.2 Presença da Igreja no seringal

A Igreja, nesses primeiros anos de presença institucional no Acre, sempre esteve muito unida ao governo e às autoridades em todos seus atos mais importantes e representativos. As autoridades constituídas em poder e os poderosos donos dos seringais, queriam se sentir unidos com a nova autoridade eclesial, que também parecia tomar conta da vida do povo. Era necessário estar de mãos dadas e demonstrar unidade e parceria nos novos trabalhos apostólicos da Igreja que estava chegando. As necessidades de transporte, hospedagem, e o lugar para encontrar o povo, faziam que a ligação com o poder, autoridades e seringalistas, fosse necessária. Os padres precisavam dessa ajuda e benefícios para realizar sua missão. Ninguém enxergava a causa dos males que o povo sofria. Ao contrário, os patrões apareciam como benfeiteiros e honestos.

As capelas, propriedade também dos seringalistas, não propiciava nenhuma ação contrária aos interesses dos proprietários. Eles eram os que financiavam todos os gastos da festa da desobriga, inclusive sendo padrinhos de muitas crianças.

⁴⁰ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 79.

⁴¹ AZZI, Riolando. *História da Teologia na A.L*, São Paulo: Paulinas. CEHILA, 1981, p. 35.

Ter uma igrejinha na sede do seringal era um motivo a mais para o padre fazer uma parada, nas raras vezes que passava pelo rio. Os seringueiros recebiam o convite do patrão, sobretudo, os que tinham crianças para batizar, sendo ocasião para ter missa e batizados. O patrão oferecia “boia” para todos, mas colocava depois na conta de cada um, acrescentando também na conta do seringueiro as despesas do batizado ou do casamento, pois era ele quem entregava as ofertas ao padre⁴².

Naquelas circunstâncias tudo eram elogios, por parte do patrão, para o padre e para a Igreja por atender os filhos desamparados no meio das matas. O povo permanecia calado, como era seu costume e dever. O padre fazia sua liturgia em latim, mas ninguém entendia nada.

Durante a missa, bem na igrejinha ou na sala do barracão, ao lado do padre estava sempre o patrão, não perdendo a ocasião de manifestar publicamente sua satisfação pela visita de “sua excelência reverendíssima, o vigário”, e de fazer alguns elogios à Igreja que não deixava sem batizar aquelas crianças, ou rezar uma missa por aquele povo tão numeroso. Mas também não deixava passar a ocasião de chamar a atenção dos seringueiros pouco trabalhadores, que gostavam de farra, de pouca compreensão e, afinal, desobedientes às leis⁴³ do seringal⁴⁴.

O padre Felipe Gallerani relatava a experiência de uma das suas primeiras desobrigas e contatos com os seringalistas, na paróquia de Xapuri:

Devia ser até Nova Amélia, o que não teve lugar não estando disposto o dono a receber o Padre: Todavia eu fui até lá como tinha prometido ao gerente José Teutônio Fieschi. Foram 23 dias em canoa, eu também remando. Levei um sacristão, Antônio Ferreira do Vale, que compensei ultra o merecimento (500\$000!). O primeiro serviço o fiz em S. Francisco de Iracema. Em Iracema fiquei vários dias, bem recebido pelo gerente Raymundo Nonato Sant’Ana, o qual deu ordem ao pessoal de tratar-me como amigo privilegiado dele. O mesmo gerente quis rezasse Missa todos os dias, fizesse as práticas do Evangelho nas Missas festivas e deu ordem para uma solene Primeira Comunhão, na festa pelo aniversário do dono Raymundo Vieira (18 Primeiras Comunhões!). Cheguei em Xapuri em 8 de Outubro pelas 11 horas, bem cansado, mas satisfeito pelo bem espiritual que acabei de fazer. Todo o mundo pede que o Padre volte: Prometi⁴⁵.

Aos poucos, os padres, através das visitas aos seringais, foram entrando e conhecendo a verdadeira realidade do sofrimento do povo. Depois de contatar, tanto seringueiros como índios, entenderam as causas da miséria do povo. Começou neles uma grande sensibilidade pela causa dos pobres. A fome começava a ser vista não só como problema material, mas

⁴² LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 10

⁴³ Entre outras leis, o patrão não suportava dos seringueiros que colcassem pedaços de madeira, barro e ossos de animal, na borracha para eles saírem ganhando no peso, nem que os seringueiros comercializassem com os regatões, pois isso era espoliar o seringalista.

⁴⁴ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 10-11.

⁴⁵ *I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri*, p. 27v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

também espiritual, e o mais importante era descobrir as causas daquele mal. O pecado era uma realidade histórica vivida naquela situação concreta.

Os tempos mudavam na Europa e em outros lugares do mundo, mas a realidade social e eclesiástica, em terras acreanas, continuava praticamente igual. As estruturas eclesiás, bispo e padres, não podiam, ou não estavam preparadas ainda para outras iniciativas pastorais. Mas, aos poucos, as Igrejas jovens foram rompendo aqueles moldes, estreitos demais, próprios de quando a fé chegou às novas terras de missão.

As Igrejas locais foram tomando consciência de que tinham que ser independentes e que deviam crescer e amadurecer com seus próprios pés, exprimindo o conteúdo da fé na diversidade de suas culturas e nos diversos contextos humanos que caracterizavam suas realidades. Nessa abertura aos problemas sociais, a Igreja começou a imaginar e criar várias obras procurando encaminhar soluções aos muitos problemas que o povo sofria. Assim, o padre Lorenzini escrevia:

Se cheguei a admirar a simplicidade, a alegria e a moralidade deles, cheguei a ficar triste por eu ter entendido quanto este pobre povo seja explorado. Os médicos, os farmacêuticos, os dentistas, cobram uma fortuna para os seus serviços; também os comerciantes e alguma vez os patrões dos seringueiros, cobram muito pela mercadoria, apesar de ser de baixa qualidade. Por isso a borracha não torna rico o seringueiro, mas quem se aproveita deste pobre povo. As riquezas acumuladas deste jeito não são abençoadas por Deus⁴⁶.

Aos poucos, o mesmo padre Lorenzini chegou a propor uma atividade bem concreta em Sena Madureira, uma Caixa Rural, “para favorecer a economia, ajudar os agricultores e protegê-los da usura”⁴⁷.

Também nasceu em Sena Madureira o Colégio Santa Juliana, em 1929, que já estava funcionando provisoriamente desde 1922. Em Rio Branco foi construído o Colégio N. Sra. da Conceição. Conforme as ideias pastorais daquele tempo, os colégios deviam preparar os jovens da classe dominante para se tornarem profissionais ou políticos católicos, que defendessem os interesses da Igreja contra os naturais inimigos, como os liberais ou marxistas.

O motivo que deixava o povo perplexo eram as exigências que o bispo e os padres colocaram para receber os sacramentos, principalmente tudo o que fazia referência ao matrimônio. O bispo baixou normas, em espírito de comunhão com a pastoral do episcopado brasileiro, colocando em prática o que o catolicismo romano mandava, apesar de que era praticamente impossível que o povo pudesse cumprir aquelas normas.

⁴⁶ LORENZINI, Pe. Miguel. *Carta de 1925*. Roma. Archivio Generale OSM.

⁴⁷ LOMBARDI, Mássimo. *Op. cit.* 1982, p. 31.

1.3 Prática pastoral

Os novos missionários, quando chegaram ao Acre, pensavam que a maioria dos habitantes era formada por índios e só, aos poucos, conformaram-se à quase inexistência dos mesmos, já que naquele tempo estavam quase extermínados ou dispersos nas cabeceiras dos rios da Prelazia.

Nos primeiros anos tiveram que trabalhar exclusivamente com os moradores das pequenas cidades e vilas. A evangelização se caracterizava pela doutrinação, frases e orações desligadas da realidade sofrida, com caráter repetitivo, mecânico, automático e passivo, conforme o costume tradicional, e que duraria por várias décadas.

Essa prática parecia normal, pois os mesmos bispos brasileiros, pelos contatos que mantinham com Roma, achavam que o catolicismo brasileiro estava muito bagunçado. Com o aval do episcopado brasileiro, as congregações europeias tentaram recomeçar tudo de novo, não levando em conta a experiência positiva do catolicismo popular.

Durante a República Velha (1889-1930), o episcopado brasileiro, de forma colegial, começou a escrever Pastorais coletivas, que foram documentos de orientação para toda a Igreja brasileira. O mais importante desses documentos foi a Pastoral de 1915. Era bastante abrangente, dando destaque aos ensinamentos da doutrina cristã, aos perigos contra a fé e principais erros modernos. Posteriormente, com a promulgação do novo Código de Direito Canônico, a citada Pastoral sofreu alterações, no intuito de se adequar aos novos ordenamentos emanados no Código, sendo de grande importância para os trabalhos pastorais da Igreja ao longo de toda a primeira metade do século XX⁴⁸.

Apesar de tudo, os padres chegados de fora sentiram na carne a diferença de mentalidade, e que alguma coisa não girava bem entre eles e o povo. O entusiasmo da missão dominava em todos eles e não deixava espaço para o espírito de escuta e de comunhão, procurando caminhar juntos.

Os nordestinos, de arraigada e profunda fé, não esqueceram as diferentes devoções de seus santos prediletos. Essas devoções, e outras que apareceram na própria floresta, acompanharam sempre seu particular vale de sofrimento e de lágrimas. Junto a São Sebastião, o santo preferido do povo e o mais socorrido por parte do povo, também se encontrava São Francisco, santo de grande devoção de todos os nordestinos chegados à Amazônia. Outras devoções para momentos de grande necessidade eram N. Sra. do Desterro, muito socorrida

⁴⁸ RAMOS, Dilermando. *Pastorais coletivas na Primeira República*. http://www.encyclopediahistcultiglesiaal.org/diccionario/index.php/BRASIL;_Pastorais_coletivas_na_Primeira_Rep%C3%BAblica. Acessado em 27 nov. 2016.

por parte de todos os desterrados de sua terra natal, e N. Sra. do Bom Parto, que sempre vinha em auxílio de todas as mulheres no momento difícil do parto.

Aos poucos, foram surgindo também outras devoções, próprias e nativas, fruto do conhecimento de pessoas e fatos marcantes na vida dos seringais. Pessoas boas, dedicadas, serviscais, generosas, que tiveram morte trágica, em seguida receberam o apreço e a benevolência por parte do povo, que reconhecia nelas pessoas especiais, a quem podiam confiar seus problemas, e assim serem ajudados, com sua proteção e intercessão, nos seus calvários particulares. O povo tinha uma percepção muito especial para reconhecer os méritos e qualidades daquelas pessoas consideradas santas.

Diante de problemas concretos como enfermidades, sofrimentos, desejos de realizar um bom trabalho e outras situações são realizados pedidos para haver a intervenção de um santo ou uma alma milagrosa, possivelmente para que aconteça um milagre. Para tanto é feito um pedido de conteúdo específico, seguido de uma promessa. Quando o pedido é atendido, o devoto tem a obrigação de pagar a promessa realizando todo o ritual que faz parte dessa obrigação⁴⁹.

Assim, começaram as devoções a Santa Raimunda, ou Alma do Bom Sucesso, na região do rio Iaco, São João do Guarani, em Xapuri e Alma de Rio Branco, no rio Antimari. Dada essa religiosidade popular, não foi fácil iniciar uma vida sacramental, principalmente nas cidades. O povo estava acostumado a suas práticas, vivendo uma vida totalmente independente de preceitos e obrigações religiosas.

Este povo é semelhante de um vulcão que “dorme” onze meses do ano e só acorda ao saber de novenas com arraial e com procissão. Nos domingos, os bancos estão vazios e só enchem-se quando houver “Missa de convite”. O ano que hoje “morre” foi do mais apático e morreu também a esperança de um padre a mais em Xapuri⁵⁰.

A pastoral eclesial seguiu a mesma dinâmica do patrão com o seringueiro. O patrão falava e mandava e o seringueiro devia dizer amém a tudo. De fato, o que ele entendia era que o padre sabia tudo, e que o melhor era ficar calado. O povo tinha muito receio de falar de coisas que não entendia e que nunca tinha ouvido falar. Nas celebrações litúrgicas, ficava muito longe, olhando passivo e na espera. Através das cartas que os missionários escreviam, mostravam como o povo parecia um espectador mudo, pois dele só era lembrada sua presença atrás das autoridades, uma massa sem vida, e só nas grandes ocasiões.

⁴⁹ KLEIN, Estanislau Paulo. *Santos da floresta: Cultura e Religião entre os seringueiros do Acre*, Rio Branco: Editora da UFAC, 2003, p. 16.

⁵⁰ *I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri*, p. 57v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

A ação pastoral, junto ao povo, chegou com as associações religiosas, como Os Milites Marianos e as Filhas de Maria. E, diante do povo sofredor, a solução foi uma das mais tradicionais: organizar uma Associação de Caridade, com as autoridades e pessoas mais importantes da sociedade como seus principais agentes⁵¹. Mas, quando o sistema evangelizador da Igreja institucional se encontrou cara a cara com o povo, e sem a mediação de autoridades, foi o maior fracasso. Houve, na verdade, um grande conflito do povo contra a nova hierarquia eclesiástica que estava chegando.

O lugar de encontro de todos os seringueiros era na igreja, onde se reuniam, faziam suas rezas e pagavam suas promessas. Para eles a festa era uma espécie de compensação pelos duros trabalhos do dia a dia sofrido no fundo dos seringais. Algumas ações dos padres, não acostumados às festas e aos costumes reinantes, provocavam as reações do povo: “O bicho danado, com que exigência chegou aqui”. E as conclusões do padre: “Estou decidido a continuar assim, até o ponto de não realizar nem a novena de São Sebastião, se não se reduzirem ao meu modo de ver”⁵².

Nas cartas que o bispo escrevia gostava de pormenorizar as novidades da floresta, dos rios, dos pássaros, dos perigos de cobras e de onças, dos costumes dos índios e dos seringueiros. Mas a grande preocupação do bispo era batizar a todos, conseguir do povo o cumprimento do preceito pascal (confissão e comunhão), crismar e casar. Dom Próspero, quando se tornou pastor da Prelazia, dedicava-se pessoalmente ao pastoreio daquele povo distante. As viagens pastorais demoravam meses, andando de barco, de burro, dormindo na praia ou nas casas dos ribeirinhos.

Em certa ocasião uma Irmã foi testemunha do acontecido com o bispo no seu relacionamento com o povo simples, não acostumado aos ritos e costumes dos sacramentos:

Um dia, antes da missa, o bispo devia fazer um casamento. Chamou os esposos para que se aproximasse do altar para a cerimônia. Aproximou-se só o esposo que disse ao bispo: “Hoje me caso eu e amanhã a minha esposa, pois não podemos deixar a casa sozinha!” Podem imaginar as risadas. Uma outra vez um outro casal para o casamento: a mulher se aproxima ao confessionário e o bispo lhe faz o sinal de pôr o lenço na cabeça. Em seguida vai também o homem que, imitando sua noiva, se cobre também ele a cabeça com o lenço. O bispo, vendo isso, disse: “Mas isto é demais!”⁵³.

⁵¹ LOMBARDI, Mássimo, *Op. cit.* 1982, p. 52.

⁵² MATTIOLI, Pe. Tiago. *Lettera al Priore Provinciale romagnolo* (2-1-1921), in “Il Servo do Maria”, 7, Bologna 1921, p. 106-107.

⁵³ FRUSCALSO, Irmã Escolástica. *Carta*, Arquivo Província Servas de Maria Reparadoras.

O ritmo intenso das visitas, quase todo dia juntando gente nova, não acostumada às suas liturgias, com uma fala que o bispo ainda não conhecia bem, com problemas de humilhações, exploração, doença e morte, dificultava muito o trabalho pastoral.

O que causou uma profunda crise a dom Próspero foi a visita ao seringal Abismo, no alto rio Iaco. Um ano antes tinha passado naquela região um padre peruano, batizando e casando o povo. Ao aproximar-se, o bispo tomou conhecimento do fraco resultado daquela sacramentalização: “Pais que vivem maritalmente com filhos, avós com netos, bígamos e trígamos que disputam, trocam e vendem as concubinas num baixo mercado; a honestidade no comércio, o respeito das coisas alheias e da vida, são aqui mitos”. Então o bispo ficou pensando nos valores daquela sacramentalização: “Pessoas que o padre tinha casado regularmente, passaram para outras uniões, tornando assim o adultério o que antes era simples transgressão contra sextum (sexto mandamento)”⁵⁴.

O batismo, apesar das novas normas, era o maior mistério. Para os padres significava uma coisa e para o povo significava outra totalmente diferente. O desentendimento, porém, acabava questionando e causando certa preocupação na cabeça dos padres, quando desciam o rio, de volta para as sedes paroquiais nos barcos vagarosos.

Não obstante as boas intenções, os missionários quiseram implantar, no Acre, um rigor excessivo. Para comprovar isso uma expressão do bispo: “Precisamos ter muito rigor e dureza, pois assim os maus que se encontram na Prelazia possam ir embora e aqueles que estão fora, não entrem. Os efeitos foram vários, bons e ruins saíram da Prelazia e da Igreja”⁵⁵.

Apesar da sua boa vontade, o diálogo era muitas vezes impossível, não só pelo sotaque estrangeiro, mas, sobretudo, pelo linguajar totalmente diferente e longe daquela realidade sofrida.

As distâncias e os meios de comunicação pouco facilitavam o trabalho pastoral. Além do atendimento do povo que morava nas pequenas vilas e cidades, era necessário também visitar, conhecer e levar os serviços pastorais ao povo que morava no interior, no meio da selva. O único meio possível eram as desobrigas.

⁵⁴ BERNARDI, Dom Próspero. *Carta de 1923*. Archivio Generale OSM. Roma.

⁵⁵ AGOSM. *Relazione sullo stato della prelatura San Pellegrino nell'Alto Acre e Alto Purus*, in: Busta Acre e Purus, lettere e documenti (1926-1932) fl. 1-12.

1.3.1 Pastoral da desobriga⁵⁶

A desobriga foi a prática pastoral mais frequente na vida dos seringais, tornando-se clássica, por mais de cinquenta anos, na vida da Prelazia. Com essa prática se devia dar condições ao povo de cumprir com a obrigação anual da confissão e comunhão.

Naqueles anos, as desobrigas ocupavam a maior parte do tempo nos trabalhos paroquiais. A maior parte da população morava no interior e era até lá que o padre devia chegar para encontrar-se com seu povo. Desse modo, as desobrigas se converteram no único meio possível para dar algum tipo de atendimento ao povo necessitado que morava nas margens dos rios e nos centros dos seringais. Poderia não ser o melhor método, mas era o único possível naquelas circunstâncias.

Nas desobrigas, os padres se internavam pelos rios, normalmente numa canoa leve, passavam de seringal em seringal, administrando os sacramentos e davam alguma instrução religiosa. Em cada seringal a desobriga durava normalmente um dia. Terminado o trabalho num seringal, seguiam para outro, onde o povo, avisado com antecedência, já se encontrava reunido no barracão central à espera.

Na minha chegada não encontro o pessoal. Ficou todo o pessoal no centro esperando ali o padre. Descanso um dia, preparam o necessário para a viagem do dia seguinte. Contra meu gosto, desconfiando da minha resistência, mas confiando na misericórdia de Deus, me adentre no centro deste imenso seringal, e foi exatamente aqui que encontrei o paludismo que me acompanhará toda a minha viagem de volta com perigosas crises. Apesar de tudo isso, graças a Deus, consigo fazer tudo o serviço excetuando os dias de febre⁵⁷.

Os padres, assim como o bispo, para conseguirem atender o povo espalhado pelos rios, matavam-se de cansaço, perdiam a paciência, andavam de barco e de burro, perdiam-se na mata, adotavam um ritmo intensíssimo que não lhes dava condições de escutar o povo, a não ser nas confissões.

As distâncias eram grandes demais. De Manaus a Rio Branco, a viagem podia durar 18 ou 20 dias. Também no interior do Acre as viagens podiam durar vários dias. Desde a sede da Prelazia, Sena Madureira, até a paróquia mais distante, Brasileia, na fronteira com a Bolívia, era quase um mês. Quando o próprio bispo, ou outra pessoa, queria visitar o interior da Prelazia, o percurso era ainda mais duro, como descreveu o mesmo dom Próspero Bernardi:

⁵⁶ A palavra desobriga, segundo o dicionário, quer dizer ato ou efeito de desobrigar ou desobrigar-se. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa0/desobriga>. Na região amazônica, no aspecto religioso, com a visita do padre aos seringais, os fieis cumpriam com o preceito da confissão e comunhão anual, e assim ficavam desobrigados até o ano seguinte.

⁵⁷ *I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri*, p. 77v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

“Nove dias demoramos de Sena à Boca do Chandless, e oito daqui a Reintegro, com um dia de parada para trocar embarcações. Dezoito dias de viagens, nestas condições, não são uma alegria, embora procurando as melhores condições”⁵⁸.

Assim, o padre permanecia no interior da selva por 20 ou mais dias, quando não por dois meses seguidos, dependendo da distância dos rios e da quantidade do povo a atender. Não raro, internava-se também pela floresta até os centros, no mesmo intuito de levar a assistência religiosa ao povo disperso nas matas. Fazia-o, às vezes, a pé ou em precárias montarias de burros ou cavalos.

Devido ao clima causticante, à precariedade dos meios de comunicação, e à pobre alimentação, não era raro que os sacerdotes voltassem extenuados dessas viagens, quando não atacados por febres maláricas ou por outras doenças piores. O padre, mesmo vindo de outra cultura e sem conhecimento da realidade, aceitava exemplarmente as condições de vida que se impunham no seu trabalho apostólico. Não rejeitava nem a comida nem o agasalho que lhe era oferecido nas suas viagens pelos rios da inóspita floresta.

Para o bispo, a situação não era diferente, no que fazia referência às condições de moradia, higiene, comidas e demais:

Pensava que na viagem anterior tivesse dormido em choupanas que representavam o máximo da pobreza. Portas e janelas eram simples espaços sem proteção nem de dia, nem de noite; mas esta vez encontrei moradias faltando até as paredes. Uma cobertura de folhas era toda a casa. Para completar a situação, de noite, ovelhas, porcos, bois e cavalos, deixados livres, porque não tinham curral, procuravam abrigo debaixo da cobertura, perto das nossas redes fazendo um barulho que poderia até ser agradável para as pessoas que quisessem passar a noite sem dormir. Mas quando estávamos no Chandless, o problema das habitações se tornava até mais sério. Eram oito dias de viagem e se encontravam somente três choupanas, e todas em horários que não favorecem dormir. Era necessário se convencer de passar a noite sobre o leito do rio. Na volta, subindo o Purus, era a mesma coisa. Quantas vezes apreciei as fases da lua e a minha cama era sempre a areia do rio⁵⁹.

O padre realizava batizados e casamentos, cercado de respeito, solicitado por todos, promovia as confissões em silêncio e contrição, celebrava a missa, ministrava breves instruções religiosas. Era o dia em que todos ficavam desobrigados das obrigações canônicas da Igreja. Essas visitas, tão raras, constituíam um verdadeiro acontecimento, era o dia de festa.

A participação do povo nessas desobrigas era puramente passiva, já que os assistentes eram reduzidos ao silêncio e impossibilitados de interferir numa cerimônia latina e, além

⁵⁸ BERNARDI, Dom Próspero. *Le missioni del Brasile*, em L’Addolorata, fasc. V, Firenze 1922, p. 108-109.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 109-110.

demais, viam o padre como amigo do patrão. O povo não conseguia entender a exigência do padre sobre os batizados ou sobre os sacramentos, ou a insistência sobre a comunhão, e acabava se conformando e aceitando isso como uma lei, pois no seringal obedecer era o melhor.

Além do caráter sacramentalista, a pastoral da desobriga também era de cunho moralista. Num seringal, o bispo foi protagonista do seguinte fato:

Aqui não foi possível fazer serviço nenhum, pois o patrão vive junto há muitos anos com uma mulher, da qual teve vários filhos, sem que o casamento civil nem religioso legitimasse aquela união. Eu convidei o homem para regularizar aquela união, mas ele não aceitou, alegando motivos que não ultrapassavam a simples desculpa⁶⁰.

As desobrigas eram cansativas e extenuantes, mas o importante era a missão cumprida, em nome da Igreja e na expansão do Reino de Cristo. O que interessava realmente eram os sacramentos administrados.

1.3.2 Pastoral com os indígenas

Dom Próspero ficou informado sobre os costumes dos indígenas através de um livrinho que Mons. Frederico Benício Costa, bispo de Manaus, escreveu depois que visitou o rio Negro no ano de 1908. Assim, dom Próspero se aproximou das tribos do seu território conhecendo alguma forma da gramática, o estilo de construção das malocas, medicamentos e a própria vida dos indígenas. Nas suas cartas deixou suas primeiras impressões relacionadas com as malocas, e seu amontoado de gente dentro, com suas criações de galinhas e porcos, redes, fogo e demais. Mas, em todos eles percebia que tinham condições de abraçar a “Santa Religião Cristã”.

Seja como for, a presença do bispo nas primeiras viagens missionárias, era mais destinada aos seringais. Os indígenas que ele encontrou, ou estavam integrados no sistema do barracão, ou vinham procurá-lo. Os patrões mandavam buscar os indígenas para trabalhar em serviços que se apresentavam urgentes, e eram pagos com farinha, tabaco ou com instrumentos úteis para eles. A ganância do patrão, como sempre, era grande. Deixava os indígenas trabalhar, mas depois se recusava a pagar. Foi um patrão que contou isso ao bispo e ele mesmo relatava assim:

Eles trabalham para o patrão que não quer pagar, e eles cantam: “Patrão Roberto não tem fumo, patrão Roberto não tem farinha, patrão Roberto não tem café, este patrão não faz por mim”. A conclusão deste canto será que no dia seguinte todos irão embora, sem dar satisfação a ninguém. Quem me

⁶⁰ BERNARDI, Dom Próspero. *Carta*, Archivio Generale OSM. Roma.

contava isso foi o mesmo senhor Roberto, pois foi com ele que tinha acontecido⁶¹.

Nesse contato que os indígenas tinham com o seringal, contatos fixos ou periódicos, foi onde eles perceberam serem considerados inferiores e perseguidos, pelo fato de não serem batizados. A presença dos brancos era uma constante ameaça para eles. O batismo, de alguma forma, podia constituir um meio para seu entrosamento entre os considerados brancos. Eles tinham uma veneração e respeito natural para com o padre, pois viam nele um novo pajé que, de alguma maneira, conseguia dar para eles uma proteção e uma possibilidade de recuperar a identidade perdida por causa da invasão dos brancos.

Por isso, os missionários tinham uma preocupação especial na preparação sacramental dos indígenas, já que não ofereciam muita garantia de perseverança. No Acre se batizava só aqueles que estavam ligados à vida do barracão, mediante uma palestra antes da cerimônia, fosse indígena ou caboclo. A respeito dos nomes, dom Próspero sugeria que os indígenas mudassem seus nomes, pois ele não entendia o valor que o nome possuía para a tribo.

Mas acontece que o índio tenha dois nomes, um para se chamar entre si, o outro para ser conhecido e chamado pelos brancos civis. Neste caso, procuram escolher os nomes mais elegantes e na maior oposição às suas condições. Lembro-me, que por suprema ironia, o mais bobo deles tinha o nome de Aristóteles. Ele entrava a vontade no quarto que foi-me confiado, e por nada preocupado, sentado no chão, continuava tranquilo a sua ocupação diária de... fumar⁶².

Para Dom Próspero os indígenas depois de receberem o batismo, de bárbaros se tornavam semibárbaros, e continuavam praticando algumas superstições, que por sinal entraram também na religiosidade do povo.

Os semibárbaros, aqueles que já receberam o batismo, nos primeiros cinco dias do nascimento da criança, administram a água do socorro (batismo de emergência), pois uma criança não batizada, no parecer deles, não pode estar no escuro; mas deixar acesa todas as noites uma lamparina, seria muito custo para as finanças da casa⁶³.

O padre Miguel Lorenzini, porém, mostrava uma nova mentalidade, começando a encarar o problema da evangelização dos indígenas, que não deveria ser uma doutrinação, mas uma vivência.

Em “Sobral”, encontrei-me com os índios Tucolinas, mas não consegui nada. Para conseguir alguma coisa precisaria ficar com eles luas, luas, luas e dormir, dormir, dormir, quer dizer, muito tempo. O tuxaua me convidou para

⁶¹ BERNARDI, Dom Próspero. *Carta do dia 02.12.1921*. Archivio Generale OSM. Roma.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*.

ir na maloca para lhes falar do Papai do céu, mas o patrão do seringal Sobral me desaconselhou dizendo que seria uma viagem cansativa e inútil⁶⁴.

O atendimento aos diferentes povos indígenas da região sempre foi um dos maiores desafios, por falta de uma preparação adequada, que só apareceria mais tarde. Os missionários fizeram o que em consciência deviam fazer: dar uma atenção igual àquela que davam ao homem branco.

1.3.3 Preparando o futuro

A missão do Acre, após o período mais ou menos perturbado das primeiras décadas do século XX, continuou com os seus pequenos sucessos e realizações, com seus percalços e fracassos. As décadas seguintes foram particularmente duras por causa da II Guerra Mundial, que paralisou toda e qualquer comunicação com a Europa, como também toda a ajuda do exterior. Desse modo, a solidão e o isolamento se sentiram de maneira muito forte e, reduzindo-se o número do pessoal ao extremo, o trabalho pesou mais ainda. Destarte, os missionários foram obrigados a limitar suas atividades e, as desobrigas, embora continuassem, foram feitas com menos frequência e apenas em alguns rios de mais fácil acesso e de maior número de pessoas.

Terminada a guerra, reabriram-se as comunicações com o exterior, e da Itália chegaram mais auxílios de pessoal. A vida iniciava de novo. Recomeçaram com mais ênfase também as atividades pastorais. Uma nova orientação foi delineando os trabalhos pastorais da Prelazia. Com o fim da guerra, a extração da borracha vegetal ficou afetada gravemente, pois diminuiu sensivelmente a demanda no mercado internacional. Levas de seringueiros abandonaram a floresta e se dirigiram para as cidades, dando início assim ao fenômeno da urbanização. Os soldados da borracha foram os novos moradores das periferias urbanas.

Com o crescimento da população nas cidades surgiu a necessidade de uma assistência especial para o povo. Emergia, sobretudo, a necessidade de um mínimo de assistência religiosa, difícil de conseguir sem um mínimo de instrução cultural iniciando, assim, a construção de colégios e igrejas. Em Rio Branco se começou a construção da Catedral N. Sra. de Nazaré, grande e luminosa, chamada o milagre da floresta. Também em Xapuri, como em Boca do Acre e Brasileia se construíram novos templos, maiores e de acordo com os novos tempos e crescimento da população⁶⁵.

⁶⁴ *Ibidem.*

⁶⁵ *I Livro de Tombo da Prelazia do Acre e Purus.* p. 82, 85v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

A situação do povo, tanto social como econômica, não apresentava sintomas claros de melhora com o passar dos anos. De fato, o Acre foi considerado em todo o Brasil, como lugar de exílio para os condenados políticos e elementos indesejáveis dos quais os outros estados se queriam livrar. A população era muito móvel, pois a maioria veio apenas temporariamente, com a esperança de voltar quanto antes às suas regiões de origem. Por causa disso, quase ninguém trouxe a família, dando-se um enfraquecimento da instituição familiar, substituída por ajuntamentos e concubinatos, a tal ponto que isso não provocava nem escândalo, nem admiração.

Chegaram muitos comerciantes: turcos, maometanos, sírios, hebreus, europeus que, além do comércio, fomentavam e organizavam o jogo e a prostituição. A violência era muito grande, verificando-se crimes de causar arrepios e, como não havia um controle nem um sério policiamento, cada um se julgava no direito de fazer justiça por suas próprias mãos.

Apesar de tudo, os religiosos não se conformavam com o já conseguido e gostavam que seus trabalhos e esforços produzissem mais frutos: “Como se vê o balancete é ‘magro, bem magro’, mas confesso que as dificuldades encontradas não foram poucas. A desconfiança no Padre lembrando o passado é o motivo principal pelo qual esta gente não se aproxima da Igreja”⁶⁶.

O povo, apesar dos esforços realizados pelos religiosos, continuava um tanto indiferente a respeito da vida eclesial. O passado, com suas tradições e sofrimentos, ainda pesava demais na vida do povo.

Conclusão parcial

A história mostra a vida de um povo marcado pela dureza do trabalho, pelas adversidades da natureza inóspita e pela falta de comunicação e integração social. Um povo que sofreu as consequências da ambição desmedida, atentando contra os direitos mais elementares. Todas as instituições pareciam estar aliadas para explorar o mais fraco e indefeso: o seringueiro.

A Igreja entrou tarde nesse cenário, sem maior conhecimento da realidade, demorando para entender a situação, mas procurou dar as soluções ao seu alcance para os problemas, humano, familiar e social, que encontrou. Aos poucos, com sua ajuda e presença, foi-se construindo uma nova sociedade através dos colégios e outras ações sociais, onde a educação e os princípios religiosos e cívicos foram inculcados principalmente na juventude. A

⁶⁶ *I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri*. p. 13v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

sociedade iniciava uma nova vida, mais promissória e cheia de expectativas. E, junto com ela, a Igreja começou a viver tempos novos e mais esperançosos.

A decadência da borracha trouxe consigo tempos difíceis para o povo que morava nos seringais. Muitos abandonaram o trabalho da borracha e procuraram refúgio nas pequenas vilas que, aos poucos, converteram-se em cidades. Os seringueiros começaram a viver novamente uma vida totalmente desconhecida para eles.

A Igreja, junto à sociedade, também vivia tempos de expectativa, diante dos acontecimentos mundiais e os novos rumos que o mundo pedia. Os movimentos teológicos e eclesiológicos, surgidos em ambientes europeus, queriam responder às necessidades da modernidade. Estava-se iniciando uma nova época com a gestação do Concílio Vaticano II.

2 VATICANO II E MEDELLÍN: IGREJA POVO DE DEUS E IGREJA DOS POBRES

A população da Prelazia do Acre, após a decadência da borracha, foi abandonando os seringais e iniciou novas práticas religiosas nas pequenas vilas e cidades que apareceram em pontos estratégicos da geografia acreana. A Igreja, sem abandonar totalmente as desobrigas, iniciou uma nova evangelização com pequenos grupos, confrarias e associações devocionais, que colocaram os alicerces para a futura ação evangelizadora. Foram pequenas iniciativas pastorais, devoções trazidas da Europa, práticas principalmente associadas ao carisma da Ordem dos Servos de Maria.

A Igreja, nos países europeus, vivia um clima de segurança institucional, seguindo a doutrina de Trento e do Vaticano I, mas, ao mesmo tempo, surgiam teólogos e movimentos que procuravam adequar a Igreja aos novos tempos que corriam. Novas tendências e ideias teológicas, nos campos da exegese, eclesiologia, moral e liturgia, principalmente, colocaram as bases da grande reforma acontecida no Concílio Vaticano II.

O novo conceito de Igreja como Povo de Deus, marcou profundamente todos os documentos conciliares e a renovação posterior provocada pelo espírito que João XXIII quis imprimir ao Concílio. Os novos tempos exigiam uma nova forma de ser Igreja, que respondesse às necessidades que o mundo pedia.

Novos rumos para a Igreja surgiram do grande acontecimento eclesial vivido no Concílio. Toda a Igreja sentiu a necessidade de amoldar suas práticas e métodos pastorais ao novo modo de ser Igreja e de exercer sua vida pastoral. A Igreja latino-americana rapidamente absorveu o espírito do Concílio e, através de Medellín, colocou em prática a doutrina renovadora do Concílio. O Brasil, por meio da CNBB, também entrou nessa nova dinâmica, revendo totalmente sua pastoral e adaptando-a às novas propostas conciliares.

A Igreja da Amazônia também seguiu os mesmos passos, adequando as novas diretrizes eclesiais à sua realidade. Todas as Igrejas particulares assumiram plenamente essa nova forma de ser Igreja surgida no Concílio.

A Igreja, como novo Povo de Deus a caminho, lançava as bases do *aggiornamento* para continuar sua caminhada ao longo da história.

2.1 Concílio Vaticano II

O Concilio Vaticano II foi um marco na história da Igreja Católica. O evento conciliar foi corajoso na tentativa de diálogo com a modernidade, conseguindo a Igreja dar uma virada histórica na sua relação com a modernidade.

O Concilio Vaticano II significou real ruptura em relação à mentalidade predominante na Igreja Católica até o final do pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigi-los precípua mente ao sujeito social moderno⁶⁷.

O período que antecedeu o Concílio revelava uma sociedade repleta de mudanças. Em pouco tempo diversos acontecimentos trouxeram grandes transformações que afetaram a humanidade. Os movimentos bíblico e litúrgico dominaram a primeira metade do século XX. A exegese bíblica, que ficara para trás em relação à ciência bíblica protestante, aprendeu desta o aproveitamento das ciências auxiliares, como a linguística, a arqueologia e a ciência de religiões comparadas.

Existiam sinais cada vez mais numerosos de uma promissora primavera. Na Igreja, embora com dificuldade, pululavam movimentos de renovação que envolviam fiéis e teólogos, clérigos e leigos, bispos e cristãos comuns, num compromisso de participação histórica e de reapropriação da fé. A convocação do Vaticano II aglutinou esses fermentos, mostrando o seu sentido profundo como contribuição à vida e à fidelidade de toda a Igreja⁶⁸.

Em outubro de 1958 faleceu Pio XII depois de uma longa enfermidade. O conclave, que se reuniu no mesmo mês, elegeu o Patriarca de Veneza, Cardeal Angelo Roncalli, que adotou o nome de João XXIII. Sua eleição foi recebida com grande surpresa, parecendo ser de simples transição, dada sua idade de 77 anos.

Ele era um desconhecido para o grande público. Representava outro estilo humano e eclesial. Um Papa campesino baixo e gordo, bondoso e intuitivo. Mas, em seguida chegaram as surpresas, não só pela sua jovialidade e simpatia, muito diferente de Pio XII, mas por seu projeto: convocar um concílio. Três meses depois de ocupar a Cátedra de São Pedro, em janeiro de 1959, após uma missa pela unidade de todos os cristãos na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, revelou sua intenção de iniciar uma ampla reforma da Igreja, através de um Concílio Ecumênico.

⁶⁷ LIBANIO, J.B. *Concilio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005, p. 14.

⁶⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 291.

A Cúria romana não entendeu essa necessidade, pois sempre pensou que a direção da Igreja estava lá, e estava em boas mãos. Uma assembleia internacional, com membros do episcopado de todos os recantos do mundo, causaria mais confusão do que vantagens.

O desejo do Concílio, nascido no coração do Papa, logo após o início de seu pontificado, passou por um processo gradativo de maturação. Como numa experiência espiritual o Concílio foi se revelando aos poucos. Ele mesmo reconheceu que foi uma ideia “nascida como flor humilde e oculta nos prados: ainda não se vê, mas se percebe a presença de seu perfume”⁶⁹. Aquela convocação causou assombro e desconcerto.

Muita alegria e, sobretudo, muitas esperanças acompanharam, não só dos padres conciliares, mas também dos peritos, observadores e convidados, que foram até Roma sem ter objetivos muito claros, mas sentiam a necessidade de que ventos novos eram necessários para levar a Igreja pelos caminhos que a sociedade moderna pedia e exigia, sabendo estar e dialogar com o mundo e anunciando, ao mesmo tempo, Jesus Cristo e os valores do Reino de Deus presentes no Evangelho.

Passando por todos os momentos de elaboração, a Igreja apresentou nos documentos finais ao mundo uma doutrina reta para a manutenção de um diálogo seguro. Elaborou a duras penas e a muitas mãos, sob a ação do Espírito Santo, a doutrina inspirada por Deus, apresentada numa linguagem hodierna, sem acréscimos ou diminuição da autenticidade da fé⁷⁰.

A abertura das janelas da aula conciliar, proclamada por João XXIII na primeira sessão, foi um gesto paradigmático, que marcou o futuro da vida da Igreja. Com isso a Igreja devia assumir o velho desafio: “estar no mundo sem ser do mundo” (Jo 17, 11-18). “Porque justamente como encontro litúrgico com o rosto de Cristo, o Concílio recebe a tarefa de fazer as pazes não com a modernidade, como temia o Sílabo, mas com a humanidade em busca de paz”⁷¹.

Em primeiro lugar, João XXIII disse que rejeitava a visão pessimista sobre o mundo atual: “Parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura”⁷². O Papa João pretendia olhar a sociedade contemporânea de forma diferente, não com condenas, mas na base do diálogo. E, em segundo lugar, o Papa proclamava que “agora a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia mais do que o da severidade”⁷³. Por isso o

⁶⁹ ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 26.

⁷⁰ LEVA, José Ulisses. *Recepção do Vaticano II na América Latina. As janelas do Vaticano II - A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida-SP: Santuário, 2013, p. 90.

⁷¹ MELLONI, Alberto. Roncalli e o “seu” concílio. *Concilium*, n. 346, 2012, p. 31.

⁷² JOÃO XXIII. *Discurso inaugural na abertura do Concílio*, 11/10/1962. Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2004, p. 24.

⁷³ *Ibidem*, p. 28.

Concílio não devia pronunciar nenhuma condenação, nem se preocupar em definir ainda mais explicitamente o depósito da fé. O depósito estava seguro. O problema era o revestimento necessário para que a humanidade de hoje pudesse entender e receber a mensagem⁷⁴. O desafio era anunciar o evangelho ao mundo moderno, e não condenar seus erros.

Essa devia ser a orientação do Concílio e, em parte, os bispos procuraram seguir a orientação dada pelo Papa, embora houvesse uma minoria conservadora que não conseguia entender essa novidade na orientação da Igreja. Essa minoria impediou que o Concílio fosse mais coerente.

João XXIII, com certeza, não compreendeu, naqueles momentos, a transcendência de sua intuição e sua influência nos rumos da Igreja. O Concílio Vaticano II teve a arte de colocar a Igreja Católica nos trilhos da modernidade.

2.1.2 Renovação e atualização

A intervenção que marcou todo o andamento do Concílio foi no dia 13 de outubro, quando se distribuíam as listas das Comissões, que o Santo Ofício preparara cuidadosamente. O Cardeal Achille Liénart pediu, com insistência, que a votação fosse adiada para que os padres conciliares se conhecessem melhor e assim preparar as próprias listas. Essa intervenção forçou o adiamento e, assim, o Espírito Santo, e não a Cúria, passou a presidir aos trabalhos do Concílio, garantindo a liberdade de expressão e a certeza de que não haveria coações e de que a Igreja se repensaria seriamente. Existia certa resistência com a renovação proposta pelo Concílio, pois muitos entendiam que a Igreja não necessitava dessa renovação, mas manter a doutrina de Trento e terminar a doutrina do Vaticano I que tinha ficado inconclusa.

Era necessário voltar às fontes, voltar aos primórdios da Igreja, como pediam os movimentos pré-conciliares⁷⁵. Tratava-se de uma refontalização, uma volta às origens e beber nas fontes vivas, como sinal de progressismo e não como conservadorismo. “Como o Papa expressou a um bispo africano, tratava-se de abrir a janela da Igreja para que um ar novo entrasse nela e sacudisse a poeira acumulada durante séculos. A Igreja, como as fontes das

⁷⁴ ALBERIGO, G. *Op. cit.*, 1999, p. 292-296.

⁷⁵ KONINGS, Johan. Vaticano II e o novo olhar sobre o livro antigo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n. 133, p. 333.

praças de muitos povos, queria oferecer ao mundo água fresca, mas sem obrigar ninguém a bebê-la”⁷⁶. Era a hora de chegar até as fontes primigênias e beber de suas abundantes águas.

Não foi fácil acolher o novo, pois arrancar raízes e mudar mentalidades sempre foi difícil na longa história da Igreja e de seus Concílios⁷⁷. Toda mudança implica reações. As mudanças propostas pelo Concílio se seguiram todo tipo de reações. Foram anos difíceis para a Igreja.

O Concilio Vaticano II significou uma mudança decisiva para esta configuração eclesial. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da Modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar (*aggiornamento*) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé. O diálogo se estendeu às Igrejas nascidas da Reforma, bem como a outras religiões. Conhecemos os anos turbulentos que se seguiram ao Concilio Vaticano II, como já havia acontecido frequentemente no passado, e a reação posterior que acentuou novamente a centralização romana, o controle da produção teológica, a volta de uma hegemonia acentuada da hierarquia, a uniformização da liturgia e a modesta abertura proporcionada ao laicato na Igreja⁷⁸.

O caminho iniciado pelo Concílio não tinha como voltar para trás. Tinha-se iniciado uma nova época na Igreja, que produziria ricos e numerosos frutos de renovação, atualização e modernização de suas estruturas, métodos e critérios evangelizadores. “A sublime alocução “Alegra-se a Mãe Igreja” é modelo e paradigma de confiança no Espírito Santo para todo o imprevisível itinerário do Concílio, que, porém, provocava consternação nos homens da máquina”⁷⁹.

As palavras da alocução conciliar de João XXIII exprimiam grande convicção, quando o Pontífice afirmava que “os concílios ecumênicos, sempre que se reúnem, são celebração solene da união de Cristo e de sua Igreja e, por isso, levam a uma irradiação universal da verdade, a um reto sentido de vida individual, doméstica e social; e a um robustecimento de energias espirituais, em perene elevação para os bens verdadeiros e eternos”⁸⁰.

O Papa estava convencido de que a Igreja vivia um momento único, de muita alegria e esperança ao mesmo tempo: “Queira o céu que as vossas canseiras e o vosso trabalho, para o qual se dirigem não só os olhares de todos os povos, mas também as esperanças do mundo

⁷⁶ CODINA, Vítor. Eclesiologia do Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, 2013, p. 463.

⁷⁷ MIRANDA, Mário França. O Concílio Vaticano II ou a Igreja em contínuo aggiornamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte n. 38, p. 234.

⁷⁸ MIRANDA, M. F. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 77-78.

⁷⁹ ALMEIDA, J.A. *Critérios básicos para a interpretação do Vaticano II*. REB, v. 72, n. 288, ano 2012, p. 801.

⁸⁰ JOÃO XXIII. *Op. cit.* 2004, p. 22.

inteiro, correspondam plenamente às aspirações comuns”⁸¹. Esse desejo do Papa atingiu tão forte os Padres conciliares que lhes inspirou as primeiras palavras da constituição *Gaudium et Spes*. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

E, assim, o Papa de transição virou o Papa da transição. “Dizem que sou um Papa de transição. É isso mesmo, mas de transição em transição, a Igreja vai em frente”⁸². A última vez que o Concílio viu e ouviu João XXIII - conta R. Zizola - foi a 8 de dezembro de 1962. O Papa estava pálido. Os bispos fitavam-no em silêncio, comovidos. As derradeiras palavras que lhes dirigiu foram: “Um longo caminho ainda fica por percorrer, mas vós sabeis que o Pastor supremo vos acompanhará com amor na atividade pastoral que prosseguirem em vossas respectivas dioceses. Grandes responsabilidades vos aguardam, mas Deus será o nosso amparo na caminhada”⁸³.

2.1.3 Eclesiologia do Vaticano II

O discurso de João XXIII na sessão inaugural do Concílio, em 11 de outubro de 1962, causou uma grande surpresa. A Igreja, segundo o Papa, devia abrir-se ao mundo moderno e a todos os cristãos, oferecer-lhes a mensagem renovada do Evangelho⁸⁴. Ele distinguiu claramente o conteúdo essencial da fé e como devia ser sua adaptação às novas circunstâncias do tempo e da cultura⁸⁵. O chamado *aggiornamento*⁸⁶, querido pelo Papa, e o diálogo⁸⁷ foram as tarefas mais importantes do Concílio. Nessa atitude de abertura e de diálogo se devia levar em conta a história da humanidade e seus desafios, em definitiva, a história do Reino de Deus.

A Igreja teve a coragem de olhar para o seu passado, refletir e criar uma relação nova no presente. O Concílio, seguindo as orientações do Papa, mudou de atitude, tentando

⁸¹ JOÃO XXIII. *Op. cit.* 2004, p. 32.

⁸² SUENENS, L.J. *A corresponsabilidade na Igreja de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 12.

⁸³ ZIZOLA, G. *A utopia do Papa João*. São Paulo: Loyola, 1983, p. 326.

⁸⁴ JOÃO XXIII. *Op. cit.* 2004, p. 28.

⁸⁵ CODINA, Vítor. *Op. cit.* 2013, p. 463-464.

⁸⁶ *Aggiornamento* era a palavra preferida de João XXIII. Carregava o anseio de a Igreja responder aos desafios socioculturais da modernidade, já avançada na complexidade de problemas que trazia. Tratava-se de uma atualização da Igreja, de inserção no mundo moderno, onde o cristianismo devia estar presente e atuante.

⁸⁷ O diálogo traduzia a saída da Igreja de seu gueto espiritual para ir ao encontro das Igrejas cristãs, do judaísmo, das outras tradições religiosas, dos não crentes e da realidade social.

colocar-se dentro do mundo do qual fazia parte, reconhecendo seus erros e apontando possíveis e profundas mudanças.

O Vaticano II foi um Concílio fortemente eclesiológico, da Igreja sobre a Igreja, que queria responder à pergunta: Igreja, que dizes de ti mesma? A resposta foi dupla: a Constituição dogmática sobre a Igreja ou a Igreja *ad intra* (LG) e a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual ou a Igreja *ad extra* (GS). A novidade dessa nova eclesiologia se manifestava em contraste com a eclesiologia anterior ao Concílio, considerada como clerical, legalista e triunfalista. Assim, o Concílio oferecia a alternativa de uma nova eclesiologia, mas que no fundo, voltava à eclesiologia tradicional do primeiro milênio da Igreja: uma Igreja não clerical, mas povo de Deus; não legalista, mas mistério de comunhão em Cristo; não triunfalista, mas vivificada pelo Espírito⁸⁸.

O Concilio definiu a Igreja como comunidade e sacramento do Povo de Deus, povo que se encontra espalhado por toda a terra e participante ativo das diferentes culturas e religiões. Ele permitiu à Igreja uma nova visão de si mesma, a qual, não deveria se manter fechada em si, mas estar totalmente a serviço da humanidade como um instrumento gerador de justiça e paz.

A constituição *Lumen Gentium* concretizou a nova forma de pensar a Igreja, a partir de uma nova concepção de Igreja, Igreja como Povo de Deus. “Assim, Povo de Deus se tornava o conceito-base de toda a *Lumen Gentium*, uma das maiores originalidades tanto da Constituição como do Concílio”⁸⁹. Essa novidade devia evitar as desigualdades entre os membros da Igreja. Só deviam existir na ordem do serviço (LG 18), pois todos são iguais no que faz referência à dignidade (LG 32).

Igreja, Povo de Deus, foi o conceito mais importante de toda a eclesiologia conciliar. Foi o giro fundamental que mudou a história da Igreja, uma nova história que devia ser construída, não sem oposições, obstáculos e inimigos. “Não era preciso ser genial para descobrir que a chave da eclesiologia conciliar era o conceito de povo de Deus. Com esse conceito se oferecia um fundamento para as iniciativas dos leigos, a diversidade das opções pastorais, o compromisso temporal diverso de acordo com os países e continentes”⁹⁰.

⁸⁸ Segundo V. CODINA, na segunda sessão do Concílio, no dia 1º de dezembro de 1963, o esquema sobre a Igreja proposto pela comissão romana foi rechaçado principalmente pelos bispos vindos de fora, dos quais se erigiu em porta-voz o bispo belga De Smedt, acusando o esquema de clerical, legalista e triunfalista.

⁸⁹ LUBAC, Henri de. *Paradosso e mistero della Chiesa*. Milano: Jaca Book, 1979, p. 43.

⁹⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, São Paulo: Paulus, 2002, p. 113.

Essa renovação eclesiológica fez possível que a Igreja pudesse enxergar novos caminhos geradores de diálogo. As igrejas cristãs até então vistas como sectárias, hereges, imperfeitas e cismáticas foram concebidas como comunidades separadas do único Povo de Deus, nas quais o mesmo Espírito de Deus, de formas diversas, se faz presente. Também procurou uma aproximação com as outras religiões, os judeus e os povos nativos das Américas, reconhecendo a sua dívida histórica para com eles⁹¹. Em definitiva, uma Igreja que procurava estar ao lado de todos os homens.

2.1.4. Novos conceitos eclesiológicos na *Lumen Gentium*

Novas ideias teológicas surgiram na Europa nas primeiras décadas do século XX. Elas prepararam e cozinharam um novo espírito eclesial, que se concretizou no Concílio Vaticano II: a consciência de ser Povo de Deus. Foi um movimento discreto, no início, mas que foi crescendo e esperando contra toda esperança. Colocaram-se, assim, os alicerces dos conceitos que estariam presentes nos novos documentos do Concílio. Foram grandes os esforços, trabalhos e estudos de muitos leigos, junto com teólogos e assessores, que conseguiram levar essas ideias para dentro da sala conciliar.

“Cristo é a luz dos povos. Por isto, este sagrado Concílio, congregado no Espírito Santo, deseja ardente mente que a luz de Cristo, refletida na face da Igreja ilumine todos os homens, anunciando o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15)” (LG 1). A partir dessa afirmação, a Igreja passa a ser como que sacramento, sinal e, ao mesmo tempo, instrumento de salvação, da íntima união de Deus com a humanidade, para que todos os homens possam alcançar a unidade total em Cristo.

2.1.4.1 Igreja, Povo de Deus

No tempo anterior ao Concílio estava em vigor a definição da Igreja como Corpo místico de Cristo, mas os movimentos de renovação pré-conciliares já haviam pensado na categoria de Povo de Deus, como a mais adequada para recuperar a real identidade teológica da Igreja. Por isso, os padres conciliares preferiram o Povo de Deus como definição ideal da Igreja, fazendo dela o carro-chefe de toda a virada teológica que o Concílio traria para os tempos futuros.

⁹¹ Toda a eclesiologia do Vaticano II, segundo V. CODINA, pode-se resumir em uma frase de São João Crisóstomo, quando diz que Sínodo é o nome da Igreja, pois a palavra sínodo significa um caminho realizado em conjunto, ou seja, a Igreja é um povo que caminha conjuntamente com todos, rumo ao Reino, em comunhão fraterna com Jesus e unida pelo Espírito.

Podemos assegurar que a aceitação do conceito Povo de Deus foi um momento de conversão da Igreja aos seus princípios teológicos. “O Concílio começa a falar de povo de Deus destacando que na origem de tudo está a ação gratuita de Deus, que convoca um povo à salvação, que não deseja salvar os indivíduos isoladamente, ‘sem nenhuma conexão uns com os outros’, mas os constituindo ‘num povo que O conhecesse na verdade e santamente O servisse’” (LG 9)⁹².

2.1.4.2 Igreja, Povo sacerdotal

O Vaticano II acunhou também, associado a Povo de Deus, o conceito de Povo sacerdotal. Toda a Igreja participa do múnus de Cristo sacerdote, passando a ser, portanto, o novo Povo sacerdotal. Os dois sacerdócios existentes na Igreja, o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial, devem se unir em favor do Povo de Deus, procurando sempre a unidade e a comunhão, como suas características principais. “O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, apesar de diferirem entre si essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um para o outro; de fato ambos participam, cada qual a seu modo, do sacerdócio único de Cristo” (LG 10).

Assim, o sacerdócio ministerial é quem forma e guia o Povo sacerdotal, principalmente com a celebração da eucaristia, oferecendo-a ao Pai em nome de todo o povo. “Os fiéis, em virtude do seu sacerdócio régio, tem também parte na oblação da eucaristia, e exercem o sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade operante” (LG 10).

2.1.4.3 Sacerdócio comum dos fieis

Como grande novidade, o Concílio começou a falar de sacerdócio comum dos fieis. Os fieis foram sempre objeto do sacerdócio ministerial. A partir do Vaticano II começaram a ser também sujeitos importantes na vida da Igreja, protagonistas e responsáveis da vida eclesial. A Igreja não devia ser mais Igreja para o povo, senão Igreja do povo.

E essa Igreja do povo devia ter nos leigos sua força principal. Os leigos são os fieis que “por haverem sido incorporados a Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão”. (LG 31)⁹³.

⁹² CAVACA, Osmar. *A Igreja, povo de Deus em comunhão*. As janelas do Vaticano II - A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida-SP: Santuário, 2013, p. 107.

⁹³ *Ibidem*, p. 127.

A grande redescoberta foi a nova compreensão do batismo e suas consequências eclesiais, pois os fieis, incorporados a Cristo pelo batismo, participam também do tríplice múnus de Cristo, como sacerdote, profeta e rei. O batismo iguala a todos. Faz dos cristãos membros de Cristo e membros de sua Igreja. Os dons e carismas farão a cada membro cumprir uma missão diferente dentro do Corpo de Cristo. Se os estados de vida distinguem os membros do povo de Deus entre si, a consagração batismal os une na mesmíssima dignidade da inserção em Cristo. Pois, como diz Paulo, em Cristo e na Igreja, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher” (Gl 3,28)⁹⁴.

Os fieis realizam sua missão dentro da comunidade eclesial participando efetivamente de todos os sacramentos colocados a seu serviço e pela prática das virtudes. Assim, todos os fieis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho (LG 11).

Os Padres conciliares souberam reconhecer, aprovar e legitimar a promoção dos leigos dentro da estrutura eclesial, pois eles já estavam assumindo uma importante missão dentro dos trabalhos pastorais, nas diferentes partes do mundo. Aconteceu, assim, a consagração do conceito de Igreja Povo de Deus, com outras ramificações e consequências⁹⁵.

2.1.4.4 Igreja, sacramento de salvação

A Igreja é chamada a ser como que sacramento, Sacramento de salvação. Ela deve ser o instrumento para que todos alcancem a plena unidade em Cristo, pois sua natureza e missão é universal (LG 1).

Somente sendo povo, a Igreja tem condições de ser “o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), de inserir-se para isso no meio dos mais variados povos do mundo, procurando inculturar o Evangelho, sem se fechar em guetos e sem se tornar uma aristocracia espiritual, da qual os pobres, os pecadores, os marginalizados, publicanos e prostitutas de hoje (cf. Mt 21,31) deveriam ser excluídos⁹⁶.

A Igreja é a depositária dos meios de santificação, principalmente os sacramentos, queridos e deixados por Cristo para a salvação da humanidade. Por isso, deve chegar a todos, principalmente aos pecadores e necessitados, servindo no mesmo espírito de Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir. A Igreja, continuadora da missão de Cristo, deve levar vida e vida em plenitude para todos.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 127.

⁹⁵ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 86-87.

⁹⁶ CAVACA, Osmar. *Op. cit.* 2013, p.135-136.

“Mas enquanto Cristo santo, inocente, imaculado (Hb 7,26), não conheceu o pecado (2 Cor 5,21), e veio expiar unicamente os pecados do povo (Hb 2,17), a Igreja que reúne em seu seio os pecadores, é ao mesmo tempo santa, e sempre necessitada de purificação, sem descanso dedica-se à penitência e à renovação” (LG 8).

2.1.4.5 Vocaçao universal à santidade

Todos, como Povo de Deus e Povo sacerdotal, estão chamados à santidade. A santidade é vocação de todos, em harmonia com seu estado de vida, e cada membro do Povo de Deus tem seu jeito específico de viver a santidade. A santidade deve ser o objetivo a ser alcançado por todos.

Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia, quer sejam dirigidos por ela, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Tes. 4,3; cf. Ef. 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifestar-se, nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em todos aqueles que, em harmonia com seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, edificando os outros, mas de modo particular, evidencia-se na prática dos conselhos que ordinariamente se chamam evangélicos (LG 39).

Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, indicou o ideal de vida para todos seus discípulos: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). A Igreja é chamada a ser uma nação santa (1 Pd 2,9), uma Igreja indefectivelmente santa (LG 29).

Os membros da Igreja, seguindo as pegadas do Mestre, devem-se empenhar no seguimento daquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. “Empreguem os fieis as forças recebidas segundo a medida da dádiva de Cristo, para alcançar esta perfeição, a fim de que, seguindo os seus exemplos, tornando-se conformes à sua imagem e obedecendo em tudo a vontade do Pai, se dediquem à glória de Deus e ao serviço do próximo” (LG 40).

2.2 Igreja Povo de Deus: Conceito eclesiológico chave da *Lumen Gentium*

A reabilitação do conceito de Povo de Deus⁹⁷ foi devido ao redescobrimento da Igreja dos pobres. O fato de que o Concílio tratasse a questão da Igreja como Povo de Deus, já no segundo capítulo da *Lumen Gentium*, foi muito significativo. Assim, a Igreja apresentava sua identidade, sua característica mais importante. A seguir explicaria sua missão, partindo do que

⁹⁷ José Comblin não participou do Concílio, mas acompanhou tudo e escreveu muito para ajudar a entender as mudanças trazidas por aquele evento. Com sua obra “O Povo de Deus”, Comblin deixou um profundo estudo sobre a teologia do Povo de Deus, referência teológica para toda a América Latina. Foi o modelo de Igreja que seguiria toda a Igreja no continente latino-americano.

é comum a todos os membros do Povo de Deus no plano da dignidade cristã, antes de estabelecer qualquer distinção entre eles⁹⁸.

Os conceitos povo e pobres são solidários e correlativos. Não há pobres que não formem um povo. Não há povo que não seja dos pobres. O Concílio não conseguiu fazer essa identificação com força suficiente e, por isso, deixou o conceito de Povo de Deus sem base. Sem esperança não há povo. O que faz um povo é a esperança comum. Não há esperança que não seja coletiva, esperança de uma multidão reunida em povo⁹⁹.

O Concílio começou a falar de Povo de Deus destacando que na origem de tudo está a ação gratuita de Deus, que convoca um povo à salvação, que não deseja salvar os indivíduos isoladamente, mas constituindo-os num povo, para que possam viver na santidade, servindo-o através do conhecimento da verdade plena. (LG 9). O conceito de povo representa também uma criação típica do Espírito e uma realidade básica do cristianismo.

O Concílio tomou essa imagem das origens do povo de Israel, o povo da Aliança. No início não havia povo, mas Deus constituiu seu povo a partir de Abraão e o configurou como Povo de Deus na aliança do Sinai. Deus passou a ser o Deus do povo, e o povo se converteu no Povo de Deus. A aliança estabeleceu, portanto, a identidade e a missão do Povo de Deus.

Foi a partir da segunda sessão do Concílio que se começou a tratar a questão da identidade da Igreja. Os Padres conciliares rejeitaram o primeiro esquema preparado pela Cúria romana, propiciando, assim, uma virada histórica. Isso propiciou uma nova forma de pensar e de expressar a realidade eclesial, passando a considerá-la como Povo de Deus. A expressão acabou sendo o resumo de toda a eclesiologia conciliar.

O povo de Deus não constitui um povo à parte, completamente isolado e alienado à vida e à prática de outros povos. Antes, no meio deles, mas sem se identificar com nenhum deles, ele reúne elementos de povos diversos e forma um povo novo, independentemente de raça, cultura ou nação, e se torna, para todos eles, sacramento de salvação (cf. LG 9)¹⁰⁰.

A Igreja, fazendo parte da humanidade esfacelada pelas circunstâncias da história, precisava reunificar suas forças em volta da essência de seu ser para o mundo: o povo da nova aliança. Devia ser um povo que renovasse sua esperança sabendo estar no meio do mundo. Devia ser o novo Povo de Deus.

Expressando a esperança que a eclesiologia do Vaticano II semeou na Igreja, sobretudo com sua categoria de Povo de Deus, Leonardo Boff, afirmava que se podia falar de

⁹⁸ CONGAR, Y. A Igreja como Povo de Deus, em *Concilium*, t. 1, fasc. 1, p. 9.

⁹⁹ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 11.

¹⁰⁰ CAVACA, Osmar. *Op. cit.* 2013, p.115.

uma verdadeira eclesiogênese. Não no sentido da criação de uma nova Igreja, mas da invenção de uma nova forma de viver a Igreja de Jesus Cristo¹⁰¹.

Igreja não é nenhum povo natural, mas povo eleito, um povo novo que se tornou sujeito de uma nova e inaudita história de Deus com os homens e que se identifica pelo fato de narrar esta história da Salvação e procurar viver a partir dela. Não se pode ser Igreja, não se pode ser “Povo de Deus” sem ser juntamente com outros, portador desta nova história. Ser Igreja é um movimento: é ser chamado para “fora”, “êxodo”, “levantar a cabeça”, “conversão do coração”, “seguimento”, “aceitação” da vida e da sua história do sofrimento na luz de uma grande promessa. Não há Igreja sem este movimento, em que o povo se torna sujeito de uma nova história¹⁰².

A Igreja precisava mudar os rumos de sua história. Devia ser uma história mais em consonância com os novos tempos que a humanidade estava vivendo. Necessitava de uma força renovadora, surgida desde dentro, que atingisse toda sua catolicidade. Ela, como continuadora do povo de Israel, devia aparecer como o novo Povo de Deus, construindo sua história no meio da humanidade, a caminho do Reino definitivo. “Com essa categoria bíblica a Igreja se entendia, comprometida com uma visão dinâmica e evolutiva de história, como sujeito histórico. Superando esquemas rígidos e acabados de eclesiologia, o Concílio colocou a Igreja nos caminhos da humanidade”¹⁰³.

L. Boff enunciava as implicações da teologia do Povo de Deus: “Ter a coragem de deixar crescer uma Igreja popular, uma Igreja do povo, com os valores do povo, em termos de linguagem, expressão litúrgica, religiosidade popular etc. Até há pouco a Igreja não era do povo, mas dos padres para o povo”¹⁰⁴.

Da mesma forma, J. B. Metz falava praticamente de uma segunda reforma da Igreja: “Uma reforma propriamente a partir de baixo, a reforma a partir da base. Não nos chegará como um acontecimento individual dramático, trata-se, ao contrário, de um processo a longo prazo, que passa quase despercebido, mas que avança com firmeza, mesmo que com muitas derrotas e equívocos”¹⁰⁵.

Na medida em que a Igreja se abre para o povo, torna-se, ela mesma, cada vez mais povo de Deus; na medida em que o povo e, especialmente, os pobres e oprimidos da sociedade reúnem-se na escuta da palavra da salvação e da libertação, eles realizam, concretamente, na história, a Igreja de Jesus Cristo¹⁰⁶.

¹⁰¹ BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese*. As comunidades de base reinventam a Igreja. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977, p. 47.

¹⁰² METZ, J.B. *A fé em História e Sociedade*. São Paulo: Paulinas. 1981, p. 163.

¹⁰³ CAVACA, Osmar. *Op. cit.* 2013, p. 116.

¹⁰⁴ BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994, p. 223.

¹⁰⁵ METZ, J.B. *Más allá de la religión burguesa*. Salamanca: Sígueme, 1982, p. 63.

¹⁰⁶ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1977, p. 213.

O conceito de Povo de Deus foi a contribuição teológica principal do Vaticano II e condicionou todos os documentos conciliares. Mais ainda, Povo de Deus foi o conceito que melhor expressou o espírito do Vaticano II. Se quiséssemos, numa palavra, exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, precisaríamos dizer: lembrou à Igreja que ela é Povo de Deus¹⁰⁷.

2.2.1 Igreja - Comunhão

O Concílio foi beber sua inspiração da própria fonte, origem de toda ação e missão da Igreja. A Igreja é um povo convocado pelo Pai. Povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (LG 4). A recuperação do conceito eclesiológico povo de Deus é um momento de conversão da Igreja a seus próprios princípios.

Aprouve, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade. E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente, manifestando, na própria história do povo, a si mesmo e os demais desígnios da sua vontade e santificando-o para si. Tudo isto aconteceu como preparação e figura daquela aliança nova e perfeita, que haveria de ser selada em Cristo, e da revelação mais plena que havia de ser comunicada pelo próprio Verbo de Deus, feito carne (LG 9).

Trata-se do povo messiânico que tem por cabeça o próprio Cristo, “o qual foi entregue por causa dos nossos crimes e ressuscitou para nossa justificação” (Rm 4,25). Esse povo tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, e por lei o mandamento novo, de amar como Cristo nos amou (Jo 13,34), e finalmente tem como finalidade, o reino de Deus, começado já na terra pelo próprio Deus e que deve ser continuamente desenvolvido até que no fim dos séculos seja por ele completado, quando Cristo, nossa vida, aparecerá (Cl 3,4), e toda a criação “também ser libertada da escravidão da corrupção, para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,21). Assim também o novo Israel do tempo atual, que anda em busca da cidade futura e permanente (Hb 13,14), chama-se Igreja de Cristo (Mt 16,18), porque ele a conquistou com seu sangue (At 20,28), a encheu do seu Espírito e a dotou com meios aptos para uma união visível e social (LG 9).

João XXIII, no discurso de abertura do Concílio, expressou que a Igreja devia trilhar os mesmos caminhos que a humanidade estava percorrendo. Nesse sentido, a categoria Povo de Deus se mostrava bem mais adequada que a de Corpo de Cristo, pois, como testemunhou o

¹⁰⁷ BLÁZQUEZ, Ricardo. *La Iglesia del Concilio Vaticano II*, Salamanca: Sígueme, 1991, p. 41.

Cardeal Ratzinger, “recorreu-se ao conceito de povo de Deus, que sob este ponto de vista é muito mais amplo e flexível que as categorias de corpo e de membros”¹⁰⁸.

2.2.1.1 Mistério de comunhão em Cristo

O Concílio apresentou a Igreja como mistério. A Igreja é em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano. A Igreja como mistério é uma imagem do primeiro milênio, retomada felizmente pelo Concílio. Comunhão que nasce no seio das pessoas trinitárias e que deve continuar na Igreja na vivência da fé, na oração, na participação sacramental, na comunhão entre todos seus membros e especialmente com os pobres e necessitados¹⁰⁹.

O Concílio voltou ao modelo bíblico de Igreja e a apresentou novamente como uma Igreja de comunhão, povo de Deus e sacramento do Reino. Neste modelo, as relações entre os carismas partem do objetivo dos mesmos que é o de favorecer a unidade na diversidade. As distinções não consistem primordialmente em uma ordem hierárquica, mas no tipo de serviço¹¹⁰.

A plenitude da Igreja, junto com todo o gênero humano, acontecerá quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas em Cristo. Sua consumação será na glória celeste, quando, pela graça de Deus, conseguirmos a santidade à qual todos somos chamados (LG 48). A dimensão comunitária é a base de toda a Igreja. Todas as imagens bíblicas que o Vaticano II mencionou são comunitárias:

A Igreja é o redil, cuja porta única e necessária é Cristo (cf. Jo 10,1-10). É o rebanho, do qual o próprio Deus anunciou que seria o Pastor (cf. Is 40,11). A Igreja é a lavoura ou campo de Deus (cf. 1Cor 3,9). Cristo é a vide verdadeira que comunica a vida e a fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que pela Igreja permanecemos nele e sem o qual nada podemos fazer (cf. Jo 15,1-5). A Igreja é chamada de edifício de Deus (cf. 1Cor 3,9). O próprio Senhor comparou a si mesmo com a pedra que os construtores rejeitaram, mas que se tornou pedra angular (cf. Mt 21,42). A Igreja é ainda chamada Jerusalém do alto e nossa mãe (Gl 4,26; cf. Ap 12,17) (LG 6).

A comunhão com Cristo e entre todos aqueles que acreditam e seguem seus passos é o fundamento principal da Igreja.

2.2.1.2 Vivificada pelo Espírito

A Igreja nasce do Espírito do Senhor. A *Lumen Gentium* desenvolveu essa ideia fundamental: “repartiu conosco o seu Espírito, o qual, sendo um só e o mesmo na cabeça e

¹⁰⁸ RATZINGER, Joseph et al. *Igreja em nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 20.

¹⁰⁹ CODINA, V. *Op. cit.* 2013, p. 467.

¹¹⁰ MACISSE, C. La violencia en la Iglesia. *Revista Testimonio*, nov. 2003, p. 04.

nos membros, vivifica, unifica e dirige de tal modo o corpo inteiro, que a sua função pode ser comparada pelos Santos Padres àquela que a alma, princípio de vida, exerce no corpo humano” (LG 7).

Era importante deixar bem evidente que o Espírito Santo santifica a Igreja, além dos sacramentos e ministérios, também por meio dos diversos e abundantes carismas com que é agraciado o Povo de Deus (LG 12).

O Espírito Santo habita na Igreja como a alma que transforma a comunidade em templo santo de Deus (1 Cor 3,17; Ef 2,21) É esse Espírito que guia, unifica e enriquece a Igreja com seus dons hierárquicos e carismáticos. Ele a renova e rejuvenesce constantemente (LG 4), e a assimila continuamente a si por meio do seu dom específico, que é a caridade (Rm 5,5; Gl. 5,22). “Porque a caridade, sendo como é, o vínculo da perfeição e a plenitude da lei (Cl 3,14), dá-lhes forma e os conduz à perfeição. Daí que seja a caridade, para com Deus e para com o próximo, o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo” (LG 42).

Graças ao sopro do Espírito Santo, o Concílio lançou as bases de uma nova primavera da Igreja. Ele não marcou a ruptura com o passado, mas soube valorizar o património da inteira tradição eclesial, para orientar os fiéis na resposta aos desafios da época moderna. Diante de uma Igreja triunfalista, poderosa e dominadora, o Concílio falou de uma Igreja peregrina que caminha rumo ao Reino, à escatologia. Uma Igreja santa, necessitada de purificação e de reforma, que abraça em seu seio os pecadores, que não busca a glória, nem o poder do mundo. Uma Igreja que, como Jesus, é solidária com os pobres e aflitos, evangeliza os pobres, vive entre dificuldades e perseguições, anuncia a cruz e a ressurreição do Senhor até a sua volta (LG 8).

Na *Lumen Gentium* foi recuperado o aspecto teológico junto com a dimensão mística da Igreja. O Concílio nos ofereceu uma síntese que nos ajuda a captar o verdadeiro sentido da unidade mística da Igreja, apresentando-a “como uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino” (LG 8).

2.2.2 Contribuição do episcopado brasileiro ao Concílio

A Igreja começou a mudar, após o breve pontificado do Papa Roncalli. Vibrava interiormente com as novas ideias e forças surgidas dos documentos conciliares. Dizia-se, nos tempos do Concílio, que o Papa queria abrir umas janelas para arejar a Igreja, mas, de fato, foi um escancarar de janelas e portas assustando muita gente e causando crises em quem pensava que a Igreja não devia mudar.

O episcopado brasileiro, capitaneado por Dom Helder Câmara¹¹¹, teve grande influência por tudo o que aconteceu na Igreja, principalmente na América Latina. Na abertura do Concílio Vaticano II, a Igreja do Brasil contava com o terceiro maior episcopado do mundo, logo depois do italiano e norte-americano. Estavam presentes na Primeira Sessão 173 dos 204 bispos brasileiros. Na última, já eram 194 os que participaram.

Numa assembleia com 2.500 pessoas, não era fácil alguém se destacar como indivíduo, a não ser aquelas pessoas que tinham um papel institucional importante dentro do próprio Concílio, como os moderadores que dirigiam as sessões ou aqueles que estavam à frente de algumas Comissões de redação dos documentos conciliares. Dos bispos brasileiros nenhum deles esteve nesses postos chave.

No terceiro dia de trabalhos da primeira sessão, após a intervenção do Cardeal Achille Liénart, secundado por outros cardeais, a Cúria Romana perdeu influência e entraram outros personagens no cenário conciliar. Os presidentes das Comissões foram substituídos por membros dos episcopados recém-chegados a Roma. A partir daí ganhou também muita força o único organismo de caráter continental que existia em toda a Igreja, o Conselho Episcopal Latinoamericano, o CELAM, com Dom Manuel Larraín e Dom Helder Câmara, como vice-presidentes do mesmo. Eles articularam com as demais conferências episcopais para comporem a nova lista para as novas Comissões Conciliares, impedindo que a Cúria Romana perpetuasse o controle do Concílio¹¹².

Mesmo não estando na presidência de nenhuma Comissão, Dom Helder ganhou destaque nos bastidores do Concílio, pois foi ele quem animou a criação de alguns grupos de articulação, como o grupo chamado de Ecumênico que reunia os secretários e presidentes das Conferências episcopais. Começou com 21 Conferências e depois no final eram 53 que se

¹¹¹ Dom Helder não era apenas um visionário, segundo Beozzo, mas também um notável articulador. Possuía ainda o agudo senso de que, mais do que as palavras e os documentos, o que realmente chegava às pessoas e as tocava eram determinados gestos e símbolos, e que era pelas imagens que se fixava no povo o sentido do Concílio. Assim, também um dos teólogos mais importantes do Concílio, o padre Yves Congar, que colaborou estreitamente com dom Helder e com os grupos por ele animados, tornando-se um pouco o coordenador do *Opus Angelorum*, percebeu, logo no primeiro encontro entre ambos, a importância de Dom Helder e de sua liderança que aportava ao Concílio –algo mais que faltava aos outros: uma “visão”, no sentido do visionário, daquele que enxerga longe e com larguezas de vistas. BEOZZO, José O. *Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II*, in GONÇALVES, Paulo Sérgio e BOMBONATTO, Vera (orgs.), *Concílio Vaticano II – Análise e Perspectivas*, São Paulo, Paulinas, 2004. p. 152-153.

¹¹² BEOZZO, José O. *Dom Helder Câmara e o Concílio Vaticano II*, p. 3. Em <http://www.cefep.org.br/documentos/textoseartigos/documentosecartas/domheldercamaraeconciliovatianoi.doc/view>. Acessado em 09 jan. 2017.

reuniam cada semana no local onde moravam os bispos brasileiros, na *Domus Mariae*¹¹³. Era uma articulação ofíciosa dentro do Concílio, que estudava a agenda, preparava os votos, tomava posições, e escrevia para o Papa se fosse necessário.

Ao mesmo tempo, também existia a articulação do *Coetus internacionalis patrum*, comandado pelo arcebispo espiritano Mons. Marcel Lefebvre. O grupo, representante da parte conservadora, tinha também entre seus membros alguns bispos brasileiros muito ligados ao movimento leigo TFP (Tradição, Família e Propriedade), e ao seu fundador, doutor Plínio Correia de Oliveira. O *Coetus*, porém, não conseguiu ampliar sua posição no interior do episcopado brasileiro como um todo¹¹⁴. O episcopado brasileiro, liderado por Dom Helder, sabia o que queria e não se expressava como uma “boiada”, quando se tratava de apoios ou votações na sala conciliar¹¹⁵.

A maioria do episcopado esteve também muito empenhado no grupo de articulação que defendia a Igreja dos pobres. “Tratava-se de um episcopado que, pela diversidade de sua composição, movia-se no interior das muitas e complexas redes de articulação existentes no Concílio e estava permeado por múltiplas influências”¹¹⁶. Nessa articulação, em favor da Igreja dos pobres, os bispos brasileiros foram os mais numerosos. No final, esse grupo tomou um compromisso que teve grande repercussão, firmando o Pacto das Catacumbas.

De grande importância, desde o ponto de vista teológico e pastoral, foram as conferências da *Domus Mariae*, onde bispos, cardeais, e os melhores teólogos da época¹¹⁷, a maioria assessores do próprio Concílio, tentavam colocar em dias o episcopado brasileiro sobre temas atuais da teologia e suas possíveis consequências para os documentos conciliares. Comentando as conferências, Dom Clemente Isnard escrevia anos mais tarde, que a

¹¹³ De acordo com Beozzo, na pesquisa de Caporale, jornalista norte-americano, Dom Helder foi uma das figuras mais influentes do Concílio. Também aparecia o grupo dos bispos brasileiros da *Domus Mariae*, como o mais importante, e entre os animadores daquele grupo que se reunia regularmente, cada sexta feira, estava Dom Helder Câmara. MARQUES, Luis Carlos Luz, BEOZZO, José O. *A Igreja do Brasil na preparação do Vaticano II*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 986-1009, dez. 2011. p. 1003-1004. Em:

https://www.google.com.br/search?q=beozzo+e+caporale&rlz=1C1PRFE_enBR677BR677&oq=beozzo+e+caporale&aqs=chrome..69i57.14087j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 23 maio 2017.

¹¹⁴ BEOZZO, José O. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II. 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 186-190.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 530. O termo “boiada” foi a expressão utilizada com vivacidade pelo novo presidente da CNBB, dom Ângelo Rossi, para responder um questionamento do cardeal Suenens.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 530.

¹¹⁷ Entre outros, foram os grandes teólogos do concílio Karl Rahner SJ, Henri de Lubac SJ, Yves Congar OP, Hans Küng, Edward Schillebeeckx OP, Bernard Haring CSSR, Joseph Ratzinger, Foram noventa conferências distribuídas ao longo dos quatro períodos conciliares.

experiência do Concílio tinha sido uma verdadeira reciclagem para todos, pois as conferências na *Domus Mariae*, apesar de não ser oficiais, eram muito proveitosas e esclarecedoras, na linha de abertura aos movimentos que já circulavam na Igreja¹¹⁸.

A Igreja do Brasil não brilhou nas estruturas formais do Concílio, mas foi extremamente importante nas estruturas informais. “Foi o episcopado brasileiro quem inaugurou a prática das intervenções coletivas, sendo de sua responsabilidade as duas primeiras pronunciadas na aula conciliar. Esta prática passou em seguida para o regulamento conciliar”¹¹⁹. Além disso, agiu articuladamente aportando seu voto consciente em questões cruciais do Concílio. Como o terceiro episcopado mais numeroso, seu voto articulado sempre tinha um peso importante no conjunto da assembleia conciliar.

Uma intervenção assinada por Dom Helder Câmara, que ao longo dos quatro anos nunca interveio na Aula Conciliar, era dirigida ao Secretário de Estado, Amleto Cicognani, com um pedido de que fosse submetida à apreciação do Papa João XXIII. Era assinada por bispos da Igreja dos Pobres e pedia que o Concílio deslocasse seu olhar das questões internas da Igreja para os vastos problemas do mundo, que aguardava uma palavra da Igreja, citando os problemas do exercício da justiça e da caridade, tanto pessoal como social, em particular em relação aos povos em desenvolvimento; os problemas da paz e da fraterna união de todos os povos; a evangelização dos pobres e dos afastados; as exigências de renovação evangélica nos pastores e fieis da Igreja¹²⁰.

Merece destaque a intervenção do episcopado brasileiro quando se trataram as temáticas sobre as missões, fome, subdesenvolvimento, desigualdades internacionais, justiça e paz no mundo. Nesses momentos se colocaram lado a lado o episcopado brasileiro, latino-americano, asiático e africano. As intervenções encontravam apoio mútuo dos bispos desses continentes. No final do Concílio os bispos brasileiros mandaram uma mensagem para o povo brasileiro falando da importância do acontecimento eclesial vivido por todos, pois tinham sido testemunhas e, ao mesmo tempo, atores do grande trabalho realizado durante o Concílio, em unidade com o episcopado do mundo inteiro¹²¹. O Vaticano II foi um tempo de graça para a Igreja e, praticamente, nenhum bispo saiu do Concílio da mesma maneira que entrou.

¹¹⁸ BEOZZO, José Oscar. *Padres Conciliares Brasileiros no Concílio Vaticano II*. Participação e Prosopografia. 1959-1965. Em http://br.radiovaticana.va/news/2015/04/08/as_confer%C3%A3ncia_da_domus_mariae_marca_brasil_eira_no_conc%C3%ADlio/1127572 Acessado em 09/01/2017.

¹¹⁹ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004. p. 142.

¹²⁰ BEOZZO, José O. *A participação do episcopado brasileiro nas sessões do Concílio*. Em http://br.radiovaticana.va/news/2015/04/29/a_participa%C3%A7%C3%A3o_dos_bispos_brasileiros_n_a_sala_conciliar/1136840 Acessado em 09 jan. 2017.

¹²¹ A mensagem final dos bispos brasileiros no Concílio. Em http://www.msc.com.br/a-mensag_em-final-dos-bispos-brasileiros-no-concilio/ Acessado em 02 jan. 2017.

2.2.3 Igreja ministerial

Em 1962, ano do início do Concilio, a modernidade presente nos meios culturais europeus, também se fazia notar dentro dos diversos ambientes da Igreja. Grandes pensadores desenvolveram reflexões teológicas sobre a presença do leigo cristão na Igreja e no mundo. Essa mentalidade era uma das características que a modernidade reclamava.

A atuação do laicato no mundo, iniciado através da Ação Católica¹²², com seu engajamento e assumindo compromissos políticos, aos poucos, levaram-no a uma maior participação dentro da Igreja, requerendo uma maior formação espiritual e teológica. Foi, assim, que o laicato se defrontou com os problemas da modernidade, e o Concílio mostrou a pretendida igualdade de todos os cristãos, a partir do batismo, sua identidade principal e sua condição de Povo de Deus.

Povo messiânico, sacerdotal e profético, ao qual se entra pelo batismo (LG 9-10), que possui o sentido da fé, e inclusive de infalibilidade, quando vive esta fé em comunhão com toda a Igreja. É um povo dotado de diversos carismas (LG 12), aberto ao mundo, pois o projeto salvífico de Deus é universal, um povo composto por todas as raças e culturas (LG 13).

Com o Concílio Vaticano II a questão dos ministérios foi vista na sua tríplice dimensão: profética (anúncio e ensinamento), sacerdotal (culto) e pastoral (guia da comunidade), fundamentado tudo na pessoa de Cristo, profeta-mestre, sacerdote e pastor. Além disso, a tríplice dimensão do ministério não foi considerada apenas exclusiva dos ministros ordenados, mas de todos os fiéis, homens e mulheres, cada um em seu lugar, com o seu carisma, sem confusão de funções.

Revalorizava-se, assim, o sacerdócio comum dos fiéis, essencialmente diverso do sacerdócio ministerial, pois este tem como objeto de seu ministério o sacerdócio comum de todos os batizados, e este necessita daquele como dispensador da graça, promulgador da palavra e serviço de direção. Porém, um e outro, distinguem-se e são diferentes essencialmente e não só em grau.

Toda a Igreja se origina na Trindade e tem, como objetivo final, participar da vida trinitária em plenitude. Ela é herdeira da missão sacerdotal de Israel e, como novo povo sacerdotal, participa do múnus sacerdotal de Cristo. Em seu seio, o sacerdócio comum e o

¹²² Incentivou o Brasil através da carta *Quamvis nostra de actione catholica aptius promovenda*. No documento o Papa Pio XII exorta o Cardeal Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, a constituir as associações de Ação Católica devido à insuficiência de clero. *Enchiridion delle Encicliche*. Vol. 5, Bologna: Dehoniane, 1995.

sacerdócio ministerial ou hierárquico se articulam em benefício da unidade e do crescimento de todo o Povo de Deus (LG 10-11). A esse povo, o Senhor também educa e conduz conforme a sua Palavra e o cumula de carismas, de modo que o povo santo participa também do múnus profético de Cristo (LG 12).

A unidade e a comunhão, por cima de qualquer outro dom ou carisma, devem ser os sinais visíveis dos ministérios dentro da Igreja, tanto o sacerdócio comum como o sacerdócio ministerial, pois ambos participam do mesmo sacerdócio de Cristo, sua cabeça, estando sempre um em função do outro.

Consoante com esta concepção de Igreja, como comunhão fundada na autocomunicação divina, é o fato de a *Lumen Gentium* tratar do povo de Deus, considerado no seu conjunto, com prioridade aos diversos ministérios ou ofícios. E certamente também o fato da Constituição sobre a Liturgia apresentar a assembleia litúrgica como sujeito da celebração. O sacerdócio comum dos fieis, sacerdócio existencial que faz da existência cristã uma “oferenda viva, santa, agradável a Deus, um culto espiritual” (Rm 12, 1), nascendo da oferenda do Cristo, é anterior ao sacerdócio ministerial ou ministério sacerdotal ordenado, que está a serviço do primeiro¹²³.

No plano mais interno da Igreja, mesmo em sua época, a maioria dos bispos presentes ao Concílio Vaticano II percebeu que precisava mudar a doutrina sobre os ministérios. Por isso foi retomada a valorização do sacramento do batismo e se proclamou o princípio do sacerdócio comum de todas as pessoas batizadas. Mas a parte mais conservadora exigiu que o Concílio dissesse que há uma diferença de essência entre o sacerdócio do batismo e o sacerdócio ministerial. Ministérios, carismas e outros dons seriam as formas de viver o sentido de pertença à Igreja como Povo de Deus.

Portanto, falamos de um nível substantivo, que é o da igualdade entre os membros da Igreja, e de outro nível relativo, o dos ministérios, que existem em função da comunidade de iguais. Portanto, a essência da Igreja, povo de Deus, impede que os ministérios sejam substantivados e colocados no mesmo nível da igualdade substantiva da Igreja, que é o centro de gravitação de toda a vida da Igreja, ao redor do qual tudo o mais gira e em função da qual tudo o mais é instituído¹²⁴.

A consagração batismal une a todos em Cristo, dando-lhes a mesma dignidade. Só os diferentes estados de vida distinguirão uns dos outros. Pois, como diz Paulo, em Cristo e na Igreja, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher” (Gl 3,28). Ou seja, a Igreja é um povo, construído não a partir de condições particulares e privilegiadas, mas tão somente sobre os fundamentos da fé em Jesus Cristo (LG 32). O

¹²³ RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. O Concílio Vaticano II quarenta anos depois. *Perspectiva Teológica*, 37 (2005), p. 22-23.

¹²⁴ CAVACA, Osmar. *Op. cit.* 2013, p.124-125.

sacerdócio comum fundamenta a participação de todo cristão na tríplice missão da Igreja profética, sacerdotal e régia. Por isso, a Igreja é toda ministerial.

A razão de ser do ministério sacerdotal é constituir o sinal e instrumento eficaz, pela ação do Espírito, da presença de Cristo Cabeça no meio dos fieis. O ministério, pois, é um dom de Deus à comunidade, e testemunha o caráter também de dom que tem a salvação. Por isto, os poderes ministeriais não se originam da própria comunidade, mas de Cristo mesmo que sai ao encontro de todos os incorporados nele pelo batismo.

“O ministério sacerdotal não faz dos bispos e seus auxiliares mais sacerdotes que os leigos, uma espécie de super-cristãos. Ele é um serviço para o sacerdócio comum que é o principal. O Concílio é claro. Trata-se de uma diferença de essência e não de grau”¹²⁵.

2.2.4 A Igreja e a Palavra de Deus

O retorno à Bíblia, e a devolução da mesma ao povo, marcaram a virada do catolicismo após o Concílio. Depois de séculos em que a Sagrada Escritura era vista como algo perigoso, pelos erros que poderia propiciar e cujo uso, portanto, deveria permanecer restrito ao clero, a Bíblia foi devolvida às comunidades e às bases da Igreja. Não apenas isso, pois houve também um esforço para tornar à Bíblia, a fonte primeira de inspiração e orientação da práxis eclesial.

João XXIII, na Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, persuadido da etapa crítica na qual a Igreja se encontrava, apontava para a necessidade “de injetar a força vital e divina do Evangelho nas veias da humanidade”. A nova primavera eclesial, querida pelo Papa, devia passar pelo encontro e fidelidade ao Cristo vivo, do qual a Igreja beberia sua força e vigor. Precisava recuperar sua vitalidade a partir da Tradição. A renovação chegaria através do caráter vivo da Tradição.

Despojar-se das formas caducas e voltar às fontes era uma das perspectivas fundamentais do projeto de renovação eclesial do Concílio. A refontalização não significava somente um regresso às fontes, mas que as fontes entrassem em ação e começassem a jorrar de novo.

O modo como se realizaram as refontalizações no trabalho da comissão litúrgica pós-conciliar, assim como nas outras comissões, foi controlado constantemente, até ao pormenor, por Paulo VI.

Foi com conhecimento de causa que nos dias em que entrou em vigor o novo *Ordo*

¹²⁵ RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. *Op. cit.* 2005, p. 23.

Missae, ele pronunciou esta frase muito pensada: “É um passo em frente da tradição autêntica”¹²⁶.

A Palavra de Deus foi valorizada devidamente ao longo de todo o Concílio e em todos seus documentos. A Bíblia foi entronizada e presidiu todas as sessões do Concílio. A Palavra de Deus deu a nota e marcou a diferença, provocando um novo olhar da Igreja sobre ela. Assim, o Vaticano II rompeu com a longa história de divisão com os protestantes, colocando a Revelação como alimento espiritual e fortalecimento da fé, no dia a dia do Povo de Deus. Foi a Palavra de Deus, não mais como duas fontes paralelas, Escritura e Tradição, mas como única Palavra viva, presente e em relação continua com a história da humanidade. O povo simples começou a manusear a Bíblia, conhecendo-a e passando a vivê-la, quebrando velhos preconceitos e medos. O povo de Deus aprendeu a reconhecer sua própria vida naquilo que “os nossos pais nos contaram” (Sl 44,2; 78,3).

Sua divulgação e estudo foram promovidos e estimulados, criando-se inúmeros centros de estudo, cursos, publicações e círculos bíblicos, dos quais surgiram mais tarde as comunidades de base. A ligação da Bíblia com a vida, e da vida com a Bíblia, tornou-se uma chave hermenêutica para interpretar as diversas situações vividas pelos cristãos.

O Concílio colocou a Bíblia nas mãos e na boca do povo. Encaminhou o povo para as fontes orais da Palavra de Deus, a Tradição oral, da qual se originou a Bíblia. A Igreja, como mãe da Bíblia e formadora de seu cânon, quis orientar e educar o povo para beber de seu manancial. “Os primeiros cristãos eram assíduos aos ensinamentos (orais) dos apóstolos” (At 2,4). A casa da Bíblia tornou-se novamente a casa do povo de Deus¹²⁷.

A Igreja devia viver essa tensão constante, como transmitir essa mensagem antiga, mas de um modo novo, mantendo suas origens em Jesus Cristo, mas ao mesmo tempo fazendo-se para todos. A Boa Nova, sempre antiga e sempre nova, precisava encontrar novos caminhos e novas formas para chegar a todos e ser sempre atual. “Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo” (1 Cor. 9,22). A Igreja, Povo de Deus, precisava se encarnar no coração da história da humanidade que estava em constante mudança. A Igreja tinha que crescer na compreensão do Deus que estava agindo constantemente na história da humanidade. Por isso, a Igreja tem necessidade de

¹²⁶ PIERRE-MARIE, GY, O.P. *Liturgia da Igreja, Tradição viva e Vaticano II*. p. 42. Em: https://www.google.com.br/search?q=LITURGIA+DA+IGREJA%2C+TRADI%C3%87%C3%83O+VIVA+E+VATICANO+II1&rlz=1C1PRFE_enBR677BR677&oq=LITURGIA+DA+IGREJA%2C+TRADI%C3%87%C3%83O+VIVA+E+VATICANO+II1&aqs=chrome..69i57.1277j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 23 de maio de 2017.

¹²⁷ Assim a descreve Carlos Mesters na parábola introdutória de seu livro *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1974.

uma revisão periódica para assim permanecer fiel à sua missão, procurando voltar sempre às suas fontes¹²⁸.

A Igreja sempre foi consciente de que é portadora de uma mensagem, mas que ela pode e deve ser atualizada no devir da história. Assim, pois, Tradição é essencialmente a adaptação da Igreja às novas situações de cada época sem deixar de ser sempre a Igreja de Cristo. É o que poderíamos chamar de Tradição Viva, encarnando-se realmente no coração de cada momento histórico em que a Igreja é convidada a viver. O Espírito de Deus está presente e age para continuar e aperfeiçoar a criação na história.

Assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até a consumação dos tempos. Por isso, os apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fieis a que mantenham as tradições que aprenderam quer por palavra quer por escrito (cf. 2 Ts 2,15), e a que lutem pela fé, recebida uma vez para sempre (cf. Jd 3) (DV 8).

A Tradição e a Bíblia estão intimamente ligadas. Tanto uma como a outra tornam presente e fecundo na Igreja o mistério de Cristo, presente na Igreja até o fim do mundo (cf. Mt 28,20). O Concílio não pretendeu substituir a Palavra de Deus por seus documentos, mas ajudar a interpretar e acolher a Palavra como norma última do espírito de todos os textos conciliares, obedecendo a São João: “Nós vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu: o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,2-3).

Essa redescoberta da Palavra de Deus, tanto por parte da *Lumen Gentium* como pela *Dei Verbum*, provocou numerosas iniciativas em toda a Igreja, tanto nos ambientes europeus, mais acadêmicos, como na América Latina, mais populares. Tudo isso fez possível que a Igreja, à luz da Palavra de Deus, tivesse um novo olhar para a realidade, procurando iluminar todas as realidades da sociedade.

2.3 Medellín: O Povo de Deus na América Latina e solidariedade com os pobres

Os bispos latino-americanos, com escassa participação e protagonismo no Concílio, voltando para suas sedes episcopais, reconheceram sua realidade humana à luz do novo espírito conciliar. Foi assim que os pastores conseguiram integrar a nova eclesiologia do Povo de Deus entre suas ovelhas. “O que vivemos é impressionante, mas se na América Latina não estivermos atentos aos nossos próprios sinais dos tempos, o Concílio passará à margem de

¹²⁸ CHAGAS, Dom Cipriano, OSB. *Pentecostes é hoje!* São Paulo: Paulinas, 1977, p. 86.

nossa Igreja, e quem sabe o que virá depois, dizia dom Manuel Larraín, em Roma, na última etapa do Concílio”¹²⁹. Era a hora da América Latina. Os bispos não podiam passar aquele tempo propício e favorável.

Em poucos anos, América Latina foi a primeira a colocar em prática essa nova visão de ser Igreja, a Igreja do povo. “O choque foi o Vaticano II e a sua teologia do povo. A maior parte dos bispos latino-americanos entraram no Concílio sem saber o que queriam. Na saída, já sabiam o que queriam”¹³⁰. Descobriram a cruel realidade da pobreza em que vivia o povo, sem nenhuma proteção, tanto de parte da sociedade como da mesma Igreja. Ainda mais, existia o antagonismo entre os pobres, a imensa maioria, e as elites dominantes, pequena minoria. Não interessava a ninguém enxergar as causas reais da pobreza, exploração e miséria do povo¹³¹.

Os bispos latino-americanos eram conscientes de que o sonho de João XXIII, a Igreja dos pobres, não conseguiu uma adesão total do Concílio, mas entenderam que a partir do Concílio podiam ter mais autonomia, não dependendo tanto da Igreja de Europa¹³². Para América Latina o marco referencial da recepção do Vaticano II foi a II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín, no ano de 1968. Nela, os bispos, incentivados por Paulo VI, empenharam-se para que na América Latina aquele sonho se tornasse a principal questão eclesial. “Por uma convergência de circunstâncias proféticas, hoje se inaugura com esta visita um novo período da vida eclesiástica. Procuremos adquirir consciência exata deste feliz momento, que parece ser por divina providência conclusivo e decisivo”¹³³. Todas as forças vivas da Igreja se colocaram mãos à obra, culminando com a celebração de Medellín.

Medellín apontou o que ficou depois conhecido como a marca registrada da caminhada eclesial na América Latina: a opção preferencial pelos pobres. Em poucos anos a Igreja latino-americana se transformou de cima para baixo. O eco do Concílio encontrou uma fervorosa acolhida na comunidade católica latino-americana.

Medellín significou a transposição da perspectiva do Concílio e de suas intuições ao contexto específico do continente latino-americano. Sem o Concílio, não teria existido Medellín, mas Medellín não teria sido Medellín

¹²⁹ GUTIERREZ, Gustavo. O Concílio Vaticano II na América Latina, em BEOZZO, José Oscar (org). *O Vaticano II e a Igreja Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 34.

¹³⁰ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 92.

¹³¹ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 106.

¹³² COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 92.

¹³³ VV.AA. *Discurso de S.S. Paulo VI na abertura da II Conferência*. Conclusões da Conferência de Medellín - 1968. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 2010, p.9.

sem o esforço corajoso de repensar o acontecimento conciliar a partir da realidade de pobreza e de injustiça que caracterizava a América Latina¹³⁴.

A Igreja, litúrgica e socialmente, vivia de costas para o mundo, pois se tinha convertido em algo totalmente estranho para a sociedade, na qual estava presente e, ao mesmo tempo, estava chamada a ser um sinal profético. O mundo, em processo de mudança e transformação exigia uma nova posição eclesial. O povo estava muito longe da hierarquia eclesiástica e, mais ainda, não tinha nenhum protagonismo na ação evangelizadora. O clero dominava e decidia por todos. Porém, os leigos também deviam ser protagonistas de sua própria evangelização. “A Igreja perdeu o povo –ela que devia ser povo. Povo terrestre e povo de Deus são solidários, caminham juntos ou param juntos”¹³⁵. A Igreja, na sua hierarquia, precisava lembrar que era Povo de Deus.

Medellín foi uma aventura de toda a Igreja, uma aventura espiritual, teológica e pastoral, cheia de entusiasmo, conduzida com participação, com verdadeira paixão, talvez como nenhuma outra que se possa recordar ao longo da história da Igreja. A Igreja latino-americana se converteu num fervilhar de ideias, de novas experiências, de renovação pastoral, de compromisso social, de reflexão teológica, e de uma nova experiência espiritual¹³⁶.

Aos poucos, a Igreja com seus agentes principais, principalmente os bispos, foi tomando consciência de que devia estar perto do povo, sentir as necessidades e os problemas do povo, identificar-se nas suas lutas, fazer suas as angústias e esperanças dos mais sofridos e abandonados. A Igreja ainda era incompreendida pela linguagem e pelas suas práticas religiosas. A cada dia, aumentava mais a distância entre o clero e o povo.

Povo evocava a multidão oprimida por uma classe dominante e exploradora. Povo era também o mundo da pobreza. Povo era a verdadeira Igreja porque as massas pobres eram as mais apegadas à Igreja. Povo era a solidariedade e a unidade na conquista de um mundo diferente. Povo era essa energia latente que já despertava. Povo era também emancipação da colonização, independência da colônia ou situação colonial. Povo era o novo povo sujeito da história, era a humanidade libertada. Tudo isso ao mesmo tempo¹³⁷.

Foi somente na América Latina que a teologia do povo de Deus chegou à sua expressão mais ampla. “Nenhum outro continente teve evento comparável ao de Medellín, como um caso exemplar de uma recepção continental e colegiada do Vaticano II, realizada de

¹³⁴ PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina: um depoimento. Em: SUSIN, Luiz Calos (org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 53.

¹³⁵ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 79.

¹³⁶ VIGIL, José María. *El Concilio y su recepción en América Latina*. servicioskoiononia.org./relat/177.htm, p. 36. (tradução do autor).

¹³⁷ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 94.

maneira fiel, mas ao mesmo tempo seletiva e criativa em relação às inspirações maiores do Concílio”¹³⁸.

Três foram os grandes temas de Medellín: Promoção humana; Evangelização e crescimento na fé; Igreja visível e suas estruturas. Foram produzidos 16 documentos, no horizonte dos três grandes temas citados: I) Justiça, Paz, Família, Demografia, Educação, Juventude. II) Pastoral popular, Pastoral de elites, Catequese, Liturgia. III) Movimentos de Leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação¹³⁹.

Essa redescoberta da Igreja dos pobres, doutrina tão clara na Bíblia, era voltar a um passado já esquecido quase por todos. Por isso muitos bispos e teólogos não estavam preparados para integrá-lo na eclesiologia do Vaticano II¹⁴⁰. Apesar dos apelos patéticos do cardeal Lercaro, os Padres conciliares não estavam preparados para entender. Foi na América Latina, principalmente em Medellín, onde os bispos souberam interpretar o Vaticano II de maneira autêntica, levando-o à explicitação esclarecedora. “O documento eclesiológico de Medellín, no número 14, espelha bem essa acolhida e leva por título e por conteúdo essa preocupação essencial: Pobreza na Igreja”¹⁴¹.

Medellín significou a tentativa de uma recepção criativa da nova visão eclesiológica conciliar, o que influenciou, sobremaneira, a ação da Igreja Católica no continente latino-americano. “A Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral e de seu episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico (Med 1)”¹⁴². A revisão que hoje se deve levar a cabo em nossa situação continental há de ser inspirada e orientada pelas ideias diretrizes muito sublinhadas no Concílio: a da comunhão e a da catolicidade (LG 13).

Medellín foi a interpretação, partindo da realidade concreta, do Vaticano II para a América Latina. A Conferência situou no centro de sua atenção o homem que vivia aquele momento decisivo de sua história, e teve como tema global a Igreja na atual transformação de América Latina, à luz do Concílio. Sem dúvida, Medellín levou muito a sério a pobreza extrema de tantas pessoas, externando sua grande preocupação pelos pobres.

Começa para a Igreja da América Latina “um novo período de sua vida eclesiástica”, conforme o desejo de Paulo VI. Período marcado por uma

¹³⁸ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2005, p. 537.

¹³⁹ VV.AA. *Op. cit.* 2010, Índice.

¹⁴⁰ GONZÁLEZ-FAUS, José I. *Memoria de Jesús. Memoria del Pueblo.* Santander: Sal Terrae, 1984, p. 99-125. Para este autor, os pobres são os grandes esquecidos da Igreja no século XIX.

¹⁴¹ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2005, p. 538.

¹⁴² VV.AA. *Op. cit.* 2010, p. 37.

profunda renovação espiritual, por generosa caridade pastoral e por uma autêntica sensibilidade social. Sobre o continente latino-americano Deus projetou uma imensa Luz que resplandece no rosto rejuvenescido de sua Igreja. É a hora da esperança. Estamos cientes das graves dificuldades e tremendos problemas que nos atingem. No entanto, mais do que nunca o Senhor se acha no meio de nós, construindo o seu Reino¹⁴³.

Medellín foi fruto da vida das comunidades cristãs representadas por seus bispos. Não é possível imaginar que um grupo de bispos elaborasse esse documento. Todos os episcopados contribuíram. Medellín não foi um manifesto político, mas uma presença profética da Igreja, no seu sentido bíblico: olhar os acontecimentos desde a fé, anunciando o Reino de Deus. Foi um marco, ponto de partida da resposta eclesial a tantas angústias e sofrimentos do povo latino-americano, que clamava na esperança.

2.3.1 Igreja dos pobres

Em Medellín, o episcopado latino-americano refletiu e orientou para uma presença da Igreja mais intensa e renovada para a transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II.

Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós, novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas¹⁴⁴.

Foi o Papa João XXIII que, às vésperas do Concílio, usou pela primeira vez a expressão Igreja dos pobres. Em sua mensagem ao mundo no dia 11 de setembro de 1962, falando de Cristo como luz do mundo e da missão da Igreja de irradiar essa luz, exprimiu, de forma surpreendente e inesperada, o que qualificou como um ponto luminoso: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”¹⁴⁵.

As intenções eram boas. O Espírito estava presente na aula conciliar. E, na *Lumen Gentium*, ficou em termos bem expressos, a motivação radical do papel dos pobres, no mais profundo do mistério da Igreja:

¹⁴³ VV.AA. *Op. cit.* 2010, p. 6.

¹⁴⁴ VV.AA. *Op. cit.* 2010, p. 39-40.

¹⁴⁵ JOÃO XXIII. “Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio”. Em VATICANO II. *Mensagens discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007, 20-26, letra L.

Do mesmo modo que Jesus Cristo consumou a sua obra de redenção na pobreza e na perseguição, assim também, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho para poder comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus, tendo “condição divina... esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo” (Fl 2,6-7) e por causa de nós “ele que era rico, fez-se pobre” (2 Cor 8,9)... Cristo foi enviado pelo Pai “para evangelizar os pobres... a proclamar a remissão aos presos” (Lc 4,18), “a procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10): de modo semelhante a Igreja envolve em seus cuidados amorosos todos os angustiados pela fraqueza humana, e mais, reconhece nos pobres e nos que sofrem, a imagem do seu Fundador, pobre e sofredor, esforça-se por aliviar-lhes a indigência, e neles quer servir a Cristo [...] “Mas enquanto Cristo santo, inocente, imaculado” (Hb. 7,26), não conheceu o pecado (cfr. 2 Cor. 5,21), mas veio expiar unicamente os pecados do povo (cf. Hb. 2,17), a Igreja que reúne em seu seio os pecadores, é ao mesmo tempo santa, e sempre necessitada de purificação, sem descanso dedica-se à penitência e à renovação” (LG 8).

Não se tratava tanto de que a Igreja fosse pobre, mas de que os pobres tivessem acolhimento dentro da Igreja, de que os pobres fossem os protagonistas principais do novo Povo de Deus, testemunhando com suas vidas a libertação querida por Deus para seu Povo¹⁴⁶.

A partir do Cristo pobre, despejado e perseguido, o Concílio quis também traçar as linhas mestras da Igreja como Povo de Deus. O modelo estava claro e evidente para todos. Porém, a situação dentro da sala conciliar, não foi tão pacífica como se poderia pensar, nem as intenções do Papa chegaram a ser colocadas no papel. A proposta, reforçada na aula conciliar pelo Cardeal Lercaro, em sua célebre intervenção¹⁴⁷, não logrou tornar-se o eixo central da *Lumen Gentium*. O mistério de Cristo na Igreja sempre foi o mistério de Cristo nos pobres. Era necessário que isso aparecesse no documento: acolher o mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres, como centro de todo trabalho pastoral¹⁴⁸.

O que o cardeal Lercaro colocou para todos os Padres, e que ele considerava a questão central do Concílio, era o mesmo desejo de João XXIII. Somente uma minoria entendeu a intenção do Papa. Os pobres deviam ser sujeitos da evangelização e da sua transformação social. Tratava-se de “estar com os pobres; viver como os pobres; viver para os pobres. Por

¹⁴⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. Os pobres na Igreja. *Concilium*. n. 04, 124, 1977, p. 90 [466].

¹⁴⁷ O texto principal da mensagem: “O mistério de Cristo na Igreja sempre foi, e o é hoje, o mistério de Cristo nos pobres. Infelizmente, nenhum dos esquemas a nós propostos espelha este aspecto primário e essencial do mistério de Cristo. Antes de concluir os nossos trabalhos, devemos considerar nosso dever de acolher o mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres, e fazer deles o centro e a alma do nosso trabalho, hoje, que o problema da pobreza é tão dramaticamente sentido e que a Igreja parece preocupar-se menos com os pobres, que a consideram distante e estranha”. Apud CAPRILE II, p. 254; *AS* 1/4, 327ss. Em BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2005, p. 538.

¹⁴⁸ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2005, p. 538.

isso, A Igreja é o povo dos pobres. O povo de Deus são os pobres. Não há nada na Bíblia que seja mais fundamental, mais evidente”¹⁴⁹.

Embora a Constituição não recolhesse esse pedido, o espírito para que a Igreja assumisse ser a Igreja dos pobres não passou inadvertido para um numeroso grupo de Padres conciliares. Vários deles tomaram a iniciativa de espalhar essa sensibilidade entre os membros do Concílio, apoiados por peritos e assessores que eram a favor da Igreja dos pobres¹⁵⁰. Capitaneados pelo Cardeal Suenens e Dom Helder Câmara conseguiram a adesão de um significativo número de bispos do mundo inteiro, começando por um pequeno grupo de bispos brasileiros¹⁵¹.

Esse movimento, em favor de uma Igreja mais pobre e dos pobres, concretizou-se no final da quarta sessão. “O grupo mais permanente de 39 bispos, em concelebração discreta na Catacumba de Santa Domitila, no dia 16 de novembro de 1965, selou um compromisso com a pobreza e o serviço aos pobres, firmando o chamado Pacto das Catacumbas”¹⁵². Esse compromisso¹⁵³ recolheu posteriormente a assinatura de mais de 500 padres conciliares que aderiram ao espírito que pairava sobre o Concílio. O Pacto das Catacumbas foi a certidão de batismo dessa nova formulação e novo modelo de Igreja. Apesar do desejo do Papa, não foi possível introduzir este tema como o eixo da Constituição sobre a Igreja, destacando o lugar dos pobres no Povo de Deus¹⁵⁴.

Jon Sobrino mostrou que as quatro notas da Igreja se encontravam exatamente na Igreja dos pobres e, por conseguinte, ela era a verdadeira Igreja. Não se tratava de uma Igreja nova nascendo ao lado da antiga, mas de uma ressurreição da Igreja antiga a partir dos pobres. Esse foi o projeto que apareceu e foi lançado na América Latina e perdura até hoje, apesar de tantas contradições e oposições¹⁵⁵.

Esses novos conceitos também apresentavam suas limitações, dentro da teologia do povo de Deus do Concílio. Assim, o mesmo Jon Sobrino cita as três seguintes:

¹⁴⁹ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 97.

¹⁵⁰ Esse grupo foi conhecido como “Ecumênico”, pois procurou articular diversas conferências episcopais. O grupo se reunia na *Domus Mariae*, local de residência do episcopado brasileiro.

¹⁵¹ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004, p. 148-149.

¹⁵² BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2005, p. 191.

¹⁵³ Os signatários do pacto, entre eles cinco brasileiros e muitos latino-americanos, embora inúmeros outros aderissem ao pacto mais tarde, se comprometiam a viver em pobreza, a renunciar a todos os símbolos ou privilégios do poder e a pôr os pobres no centro do seu ministério pastoral. O compromisso fundamentalmente era de viver uma vida simples, de não ter carro, conta bancária, morar entre os pobres e, se tivessem terras da Igreja nas suas dioceses, as entregariam aos lavradores.

¹⁵⁴ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 87.

¹⁵⁵ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 107-110.

Em primeiro lugar a Igreja, enquanto povo de Deus, permanece num universalismo abstrato: todos os leigos são iguais, como se não estivessem situados numa história humana feita de dominação e de exploração. Em segundo lugar, é preciso superar a concepção de Igreja “para” os pobres. A Igreja “para os pobres” proporia um problema ético. Porém os pobres levantam um problema eclesiológico. Trata-se de ser uma “Igreja dos pobres”. Em terceiro lugar, a Igreja dos pobres não pode ser simplesmente uma parte da Igreja, como se houvesse, do lado e dentro do conjunto da Igreja, uma Igreja dos ricos ou de qualquer outra, cada uma com a sua dinâmica própria. A Igreja dos pobres interfere na totalidade da Igreja e dos seus membros. Tudo na Igreja deve partir da centralidade dos pobres¹⁵⁶.

A Igreja de Jesus Cristo é a Igreja dos pobres, passando a ser uma de suas características mais importantes, algo intrínseco a ela e, sem a qual, deixaria de ser a Igreja de Jesus Cristo. “Na medida em que a Igreja se abre para o povo, torna-se, ela mesma, cada vez mais povo de Deus; na medida em que o povo e, especialmente, os pobres e oprimidos da sociedade reúnem-se na escuta da palavra da salvação e da libertação, eles realizam, concretamente, na história, a Igreja de Jesus Cristo”¹⁵⁷.

A Igreja primitiva procurava os pobres espontaneamente, porque eram pobres em busca de outros pobres. Não era necessário falar de Igreja dos pobres, porque de fato era dos pobres. Quando os pobres estão no centro, tornam-se o centro da Igreja, dando direção e sentido a todas suas estruturas e atividades¹⁵⁸. A Igreja dos pobres, portanto, não deve ser aquela que, estando fora do mundo dos pobres, lhes oferece generosamente sua ajuda.

2.3.2 CNBB: Fecundo exercício de colegialidade

O Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín foram ocasiões ímpares para firmar a colegialidade dentro de episcopado brasileiro, sentindo também que faziam parte de um episcopado e uma colegialidade maior, o CELAM.

Um grande fruto do Concílio, sem dúvida, foi a oportunidade que tiveram os bispos brasileiros de estar juntos tanto tempo em Roma, quase em um único espaço geográfico, hospedados na *Domus Mariae*.

Aconteceu uma espécie de curso intensivo de colegialidade que os anos de CNBB não tinham produzido. Isso facilitou aos bispos configurar seu próprio espírito colegial.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 107-110.

¹⁵⁷ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1994, p. 213.

¹⁵⁸ SOBRINO, Jon. *Op. cit.* 1982, p. 103.

Dom Hélder Câmara, fiel a uma sugestão do Papa João XXIII, já havia criado a Conferência Nacional dos Bispos como um colegiado¹⁵⁹.

Os bispos brasileiros, em espírito de colegialidade, vivenciando já o novo espírito conciliar, souberam intervir nos diferentes debates das sessões, sobretudo a partir da aprovação da *Lumen Gentium*, de maneira bastante preparada, amadurecida e articulada. Numericamente, tratava-se do terceiro maior episcopado do Concílio, mas apresentava, porém, um grau de articulação e coesão que os outros não dispunham, graças à estrutura e método de trabalho da CNBB¹⁶⁰.

O Ecumênico, que se reuniu regularmente, a cada semana, sempre no mesmo local onde estavam hospedados os bispos brasileiros, na Domus Mariae, acabou se tornando o mais importante aglutinador da opinião conciliar da maioria e o verdadeiro motor das iniciativas mais decisivas, tanto na introdução de novos temas como nas mudanças na estrutura e regulamento do Concílio, superação de conflitos e impasses. A contribuição brasileira, via dom Helder Câmara, verdadeira alma da iniciativa e principal ponte do grupo com o cardeal Suenens, um dos quatro moderadores do Concílio, foi estratégica e por todos reconhecida¹⁶¹.

Se outros episcopados, oficial ou oficiosamente, patrocinaram conferências de bispos e teólogos durante o Concílio, nenhum deles montou uma programação tão densa e prestigiosa como a das conferências da *Domus Mariae*, contando sempre com uma audiência numerosa e constante de padres conciliares. Foi uma intensa e rica reciclagem cultural, teológica e pastoral oferecida sistematicamente ao episcopado brasileiro que, como nenhum outro, beneficiou-se do período conciliar para refazer sua visão dos problemas do mundo contemporâneo e da Igreja¹⁶².

Foram feitas duas assembleias da CNBB, uma, durante a terceira sessão conciliar em 1964, para mudança dos estatutos e adequação antecipada das estruturas da entidade, para a aplicação do concílio e eleição da nova diretoria; a outra, extraordinária, ao longo dos três meses da última sessão, de setembro a novembro de 1965, dedicada à discussão e aprovação do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) destinado a traduzir na prática, em face da realidade brasileira, as decisões do Concílio¹⁶³.

Naqueles dias, a CNBB já trabalhava com um pé no Concílio e outro no pós-

¹⁵⁹ É de autoria de Dom Helder o primeiro projeto concreto de atuação do Concílio, enviado durante o mês de janeiro de 1963 a bispos do mundo inteiro, pouco mais de um mês após o encerramento do 1º Período, intitulado “Trocando ideias com os irmãos no episcopado” (Arquivo da Biblioteca do INP, Brasília, n. 09130).

¹⁶⁰ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004, p. 159.

¹⁶¹ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004, p. 147.

¹⁶² BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004, p. 162.

¹⁶³ BEOZZO, José Oscar. *A recepção do Vaticano II*. Em: <http://www7.uc.cl/facteo/centromanuellarrain/download/beozzo.pdf>. p. 7. Acessado em 02-01-2017.

Concílio, voltando-se para sua recepção e implementação na vida da Igreja do Brasil. Na ultima sessão conciliar em 1965, aconteceram como que dois concílios paralelos, um acontecendo de manhã na Basílica de São Pedro e outro, à tarde e à noite, no local onde viviam os bispos brasileiros na *Domus Mariae*. Houve uma assembleia praticamente permanente da CNBB, para pensar como seria a recepção do Concílio no Brasil¹⁶⁴.

2.3.2.1 Organização da ação pastoral

O que preocupava realmente aos bispos brasileiros era como levar à vida pastoral aquelas ideias conciliares, que já estavam absorvendo e assimilando. “Enquanto muitos bispos, do mundo inteiro, chegaram ao Concílio, em 1962, sem saber exatamente o que os esperava e saíram dele, em 1965, sem saber como colocar em prática decisões recém-tomadas, Dom Helder, desde o início, tinha para isso um preciso programa, que colocou imediatamente em ação”¹⁶⁵. Os bispos discutiram e aprovaram, antes de voltarem para o Brasil, o Plano de Pastoral de Conjunto, o PPC, um plano de cinco anos, no qual eles resumiram as grandes propostas do Concílio em seis linhas pastorais, e trataram de aplicá-las à Igreja do Brasil. Sua significação maior foi a de permitir à Igreja do Brasil, sair do Concílio, com um plano de trabalho, para a recepção e implantação do espírito e das diretrizes do Vaticano II, já aprovado pelo conjunto dos bispos.

Numa de suas últimas circulares, ao final do Vaticano II, escrevia Dom Helder: “A querida CNBB, dentre todas as conferências episcopais, é a que está mais avançada para o após-concílio. Dispõe de um plano de pastoral de conjunto, calcado nas constituições e nos decretos conciliares, desdobrado em cinco anos e já contando com os recursos financeiros (recebidos da hierarquia alemã) e de excepcional equipe humana...”¹⁶⁶.

Era muito difícil, uma vez terminado o Concílio, com as distâncias do país e o isolamento de muitas das regiões, em particular da Amazônia, convocar de novo os bispos de todo o Brasil, por um período suficientemente longo, para permitir a preparação de tal plano de pastoral. O PPC se propôs como objetivo geral: “Este plano visa criar meios e condições para que a Igreja do Brasil se ajuste, o mais rápido e plenamente possível, à imagem de Igreja do Vaticano II”¹⁶⁷.

¹⁶⁴ *Ibidem*. p. 8.

¹⁶⁵ MARQUES, Luiz C. L. Helder Pessoa Câmara, bispo para o mundo. *Concilium* (Brasil), Petrópolis, v. XLV, 2009, p. 3.

¹⁶⁶ *Ibidem*. p. 16.

¹⁶⁷ CNBB. *PPC*, p. 11. Em:
http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf?PHPSESSID=4be2eddd282714069300030376d95969. Acessado no 02-01-2017

O fato de ter iniciado o Concílio com um planejamento conjunto de Pastoral, o Plano de Emergência (1962), permitiu que cada reforma conciliar fosse sendo repensada à luz desse plano, um primeiro treinamento para trabalhar de maneira articulada e planejada. Isso permitiu que fosse assimilado esse instrumento importante de ação que é o planejamento, tornando possível, no final do concílio, a elaboração de um ambicioso projeto, o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), de aplicação, para a realidade brasileira, da renovação conciliar em todos os níveis: pastoral, catequético, teológico e organizativo¹⁶⁸.

Era um novo modelo de Igreja, que facilitava a plena participação dos batizados, tanto na vida da Igreja como também na realidade social.

2.3.2.2 Plano de Pastoral de Conjunto (PPC)

O Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) para 1966-1970 foi o que possibilitou a aplicação articulada de toda a riqueza do Concílio, por parte da Igreja no Brasil. No seu objetivo geral e objetivos específicos definiu orientações expressas que geravam, dinamicamente, seis Linhas de Trabalho¹⁶⁹. A resolução mais importante do Plano de Pastoral de Conjunto foi a de propor um novo modelo de Igreja que facilitasse a plena participação de todos os batizados na base da sociedade e da Igreja.

Faz-se urgente uma descentralização da paróquia, não necessariamente no sentido de criar novas paróquias jurídicas, mas de suscitar e dinamizar, dentro do território paroquial, comunidades de base (como as capelas rurais), onde os cristãos não sejam pessoas anônimas que apenas buscam um serviço ou cumprem uma obrigação, mas sintam-se acolhidos e responsáveis, e delas façam parte integrante, em comunhão de vida com Cristo e com todos os seus irmãos (PPC 58).

A Conferência Nacional dos Bispos encontrou no planejamento pastoral o instrumento para animar e articular a ação pastoral em nível nacional e regional a partir das Igrejas locais, garantindo, ao mesmo tempo, a presença da Igreja numa sociedade em profundo processo de transformação. A dinâmica da renovação conciliar avivou a consciência dos laços culturais e dos problemas sociais comuns, bem como a necessidade da busca de caminhos pastorais para uma evangelização encarnada.

A Assembleia de Medellín (1968), partindo da análise estrutural da realidade latino-americana, abriu caminhos para aplicação mais concreta das exigências conciliares na situação de injustiça vivida pelos povos do continente. Ao mesmo tempo, o Sínodo de 1971 sobre a “Justiça no Mundo”, enfatizava o empenho pela justiça e pela libertação integral da pessoa humana como dimensão constitutiva da evangelização. Vivendo os tempos

¹⁶⁸ BEOZZO, José Oscar. *Op. cit.* 2005, p. 535.

¹⁶⁹ CNBB. Documento 61. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* 1992-2002, 36.

difícies e sofridos da ditadura militar, a Igreja assumiu o compromisso sempre mais claro e consequente com a defesa dos direitos humanos, sobretudo dos mais pobres e oprimidos: camponeses, operários e estudantes¹⁷⁰.

Com o novo Plano de Pastoral se pretendia que, aos poucos, cada Igreja particular se renovasse conforme a imagem de Igreja do Concílio Vaticano II. Toda a estrutura de dioceses e prelazias deveria ajudar a formar o Povo de Deus, intensificando sua unidade em Cristo. O Plano estava dividido em três partes: A primeira parte correspondia à Introdução geral do Plano, e apresentava dados gerais sobre a CNBB, sua história e suas finalidades, assim como o objetivo geral desse Plano, sua ligação com o Plano de Emergência¹⁷¹, e os princípios básicos que orientaram a formulação das diretrizes. A segunda parte correspondia ao pano de fundo de toda formulação do Plano e de seu desenvolvimento. A partir dos objetivos de ação da Igreja traçava as diretrizes que formulavam as opções feitas, e fundamentavam as decisões a serem tomadas no seu detalhamento e desdobramento; estabelecia igualmente os princípios gerais de aplicação dessas diretrizes aos planos nacional, regionais e diocesanos. A terceira parte continha o Plano nacional de atividades da CNBB, e definia os objetivos do trabalho, a sistemática adotada, os responsáveis pela execução, as tarefas, datas, prazos (PPC 15-16).

O PPC estruturava suas propostas de implantação da reforma conciliar em torno a seis linhas pastorais que tentavam reduzir a uma síntese operativa o conjunto das constituições, decretos e declarações do Vaticano II: Linha de trabalho n.1: Promover uma sempre mais plena unidade visível no seio da Igreja Católica (*Lumen Gentium, Apostolicam Actuositate, Perfectae Caritatis, Christus Dominus*); Linha de trabalho n. 2: Promover a ação missionária (*Ad Gentes, Perfectae Caritatis*); Linha de trabalho n. 3: Promover a ação catequética, o aprofundamento doutrinal e a reflexão teológica (*Dei Verbum*); Linha de trabalho n. 4: Promover a ação litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*); Linha de trabalho n. 5: Promover a ação ecumênica (*Unitatis Redintegratio*); Linha de trabalho n. 6: Promover a melhor inserção do povo de Deus como fermento na construção de um mundo segundo os desígnios de Deus (*Gaudium et Spes*).

¹⁷⁰ *Ibidem*, 42,43.

¹⁷¹ Segundo Beozzo, João XXIII pediu em 1961 através de uma carta, às diferentes igrejas locais da América Latina e do Caribe, um esforço redobrado de mobilização e articulação dos seus recursos materiais e humanos em torno a um plano de pastoral. No Brasil, o Plano de “Emergência” foi preparado, às pressas, e aprovado durante a V Assembleia Ordinária da CNBB, de 2 a 5 de abril de 1962, já às vésperas do Concílio. JOÃO XXIII. “Discurso à hierarquia latino-americana”. 3^a Reunião Anual do CELAM (Roma: 06-15-1958, REB 19/1, 1959, 176ss).

“Pode-se falar de uma geração do Concílio Vaticano II, cuja trajetória foi profundamente marcada por esse evento e que levou essa marca tanto para sua atuação pastoral como para as estruturas e formas de interagir e de agir da própria CNBB”¹⁷². É, pois, na recepção e aplicação do Concílio que se encontra a melhor e mais inovadora contribuição brasileira para o Vaticano II¹⁷³. Os Bispos da Amazônia, formando também uma unidade regional, sentiram-se chamados a vivenciar essa pastoral de conjunto, em comunhão com todo o episcopado brasileiro, mas, ao mesmo tempo, procurando encontrar suas próprias pistas de ação para atingir a vasta região amazônica.

2.3.4 Santarém: “Cristo aponta para a Amazônia”

A colegialidade episcopal, tão sonhada no Concílio, já era uma realidade na região amazônica, sentida pelo conjunto de seus prelados. Não obstante as dificuldades próprias das distâncias e a falta de comunicação, os Bispos procuravam manter vivo esse espírito, procurando mútuas ajudas, através de encontros, ideias, projetos, sonhos e ações em conjunto.

Os Bispos da Amazônia, apesar dos inúmeros desafios que enfrentavam no seu dia a dia, reuniam-se desde 1952, ano que viu nascer a série dos chamados Encontros Inter-regionais. Assim, encontravam-se regularmente para discutir assuntos de interesse comum e, também, para trocar experiências, pois o exercício do ministério episcopal, na vastíssima região amazônica, exigia um intercâmbio e uma interajuda, muito maior do que nas regiões onde tinham uma infraestrutura e meios de comunicação mais consolidados. “Se o governo vai tentar o soerguimento econômico destas regiões, é urgente que um largo surto espiritual se antecipe aos progressos materiais, e os acompanhe, e os envolva, dando-lhes rumo seguro e feliz”¹⁷⁴.

Os Prelados, fazendo valer também sua grande missionariedade, continuaram se encontrando periodicamente. Viviam preocupados pelo apostolado entre os indos civilizados e não civilizados, a expansão do protestantismo, a dependência financeira das dioceses e prelazias, o comportamento do clero (geralmente, muito apegado a privilégios tradicionais) e a falta de um centro de formação pastoral-missionária¹⁷⁵. Insistia-se, já naquele tempo, na

¹⁷² BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004. p. 544.

¹⁷³ BEOZZO, José O. *Op. cit.* 2004. p. 162.

¹⁷⁴ 1º Encontro inter-regional dos Bispos da Amazônia, Manaus 2 a 6 de julho de 1952, Documento final. Em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/carta-do-1-encontro-da-igreja-catolica-na-amazonia-legal/118154>. Acessado em 02 jan. 2017

¹⁷⁵ Assuntos tratados em Belém, em janeiro de 1954, estando presente Dom Helder Câmara, representando a CNBB.

necessidade de despertar o zelo apostólico dos leigos. “Assim como sem plantar não se colhe, sem iniciar leigos no apostolado o missionário não se multiplica”¹⁷⁶.

Durante a segunda e terceira sessão do Concílio¹⁷⁷ os Padres conciliares tiveram a preocupação de definir e articular os laços entre os bispos do Norte e a CNBB nacional, visando a integração e a colegialidade episcopal. Foram criadas as duas seções regionais da CNBB na Amazônia, o Regional Norte I (Manaus) e o Regional Norte II (Belém). O pano de fundo dessa modificação interna foi a insistência do Concílio em fortalecer as Conferências episcopais em nível nacional (LG 23).

Em 1967 o Papa Paulo VI publicou sua Encíclica *Populorum Progressio* onde, já nas suas primeiras palavras, revelava a razão daquele documento pontifício:

O desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que se esforçam por afastar a fome, a miséria, as doenças endêmicas, a ignorância; que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas; que se orientam com decisão para o seu pleno desenvolvimento, é seguido com atenção pela Igreja (PP 1).

Partindo das exigências da Encíclica, e seguindo o espírito da *Gaudium et Spes*, os bispos da Amazônia começaram a criticar a educação precária, a valorização dos próprios produtos agrícolas, a ausência de uma política de desenvolvimento, que promovesse o homem e toda a região amazônica. Eles mostravam abertamente sua preocupação pela situação do ser humano naquela realidade amazônica. Em plena ditadura militar essas críticas foram duramente condenadas por parte das autoridades.

Houve quem censurasse a ousadia destes bispos brasileiros apenas de coração de imiscuir-se em assuntos internos do País, de modo que a CNBB, rejeitou esse surto de xenofobia e aconselhava: Bastaria uma simples visita às missões, para reconhecer naqueles mensageiros de Deus, os mais ativos operadores da integração da Amazônia¹⁷⁸.

O episcopado brasileiro começou sua preocupação pela região amazônica só a partir de 1971¹⁷⁹, provocado pelos novos desafios que apresentava a região, pela abertura das rodovias e a migração em massa. Sentia-se a necessidade de uma organização eficaz da pastoral, dada a ausência de meios, estruturas e pessoas preparadas, insistindo na elaboração de um Plano de Pastoral Integrado¹⁸⁰.

¹⁷⁶ KRAUTLER, Erwin. *A voz dos Pastores da Amazônia*. Discípulos Missionários na Amazônia. CNBB, 2007, p. 38-40.

¹⁷⁷ Reunião acontecida em agosto de 1964.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 44.

¹⁷⁹ De 14 a 16 de julho, aconteceu o 1º Seminário sobre a Pastoral da Amazônia no Rio de Janeiro.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 45.

Como consequência de toda essa caminhada eclesial, iniciada pelo Vaticano II, teve lugar em Santarém o Encontro Inter-Regional dos Bispos da Amazônia, que constituiu um marco na caminhada da Pastoral na Amazônia, acontecido de 24 a 30 de maio de 1972. É muito difícil entender esse Encontro sem as linhas pastorais estabelecidas por Medellín.

“Cristo aponta para a Amazônia”, lembrava o Papa Paulo VI aos bispos da Amazônia por ocasião de seu encontro em Santarém¹⁸¹. Foi um momento indelével na história da Igreja da grande região amazônica, habitada por povos de culturas e tradições tão diferenciadas. As palavras do Papa inspiraram as Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia. Os bispos iniciavam sua carta dizendo: “Mais uma vez, nós, Bispos, afirmamos os valores humanos e sociais do amazônida, que deu sempre provas de simplicidade, de espontaneidade, de fortaleza e de religiosidade no quadro de sua própria cultura vinculada à amplitude da natureza”¹⁸².

A carta pastoral foi feita pelos 22 bispos das arquidioceses, dioceses e prelazias da Amazônia. Foi o ponto marcante da inovação e evangelização da Amazônia brasileira. O texto mostrou uma total atualização e adaptação dos documentos do Concílio Vaticano II e de Medellín, identificando as graves feridas que atingiam violentamente os povos originários e tradicionais da região. A transformação acontecida no interior da Igreja impactou profundamente na mudança de rumo da pastoral na região amazônica. Nas conclusões da carta, os bispos lembravam as palavras de Paulo VI:

Em mensagem que se dignou enviar ao povo brasileiro, em outubro do ano passado, nosso Pontífice e Amigo, Paulo VI, colheu nos lábios de Maria o feliz preceito das bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser”, e perguntou: “Que é que ele nos diz agora? Ele aponta para a Amazônia”. Os bispos concluíam sua carta dizendo: Mas, se “Cristo aponta para a Amazônia”, aponta também para nós que somos seus vigários e seus instrumentos modestos¹⁸³.

Portanto, a partir do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, e recolhendo a experiência e os anseios das bases, a Igreja da Amazônia escolheu duas diretrizes básicas: a encarnação na realidade, pelo conhecimento e pela convivência com o povo, na simplicidade, e a evangelização libertadora. Ambas orientaram a definição das quatro prioridades da Pastoral da Amazônia:

1. A formação de agentes de pastoral: deve considerar, em primeiro plano, os elementos locais, os autóctones. Ninguém melhor do que o homem do

¹⁸¹ VV.AA. *Desafio missionário. Documentos da Igreja na Amazônia. Coletânea*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 27.

¹⁸² *Ibidem*, p. 13.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 27.

próprio meio tem condições para exercer a liderança dentro da comunidade; 2. As comunidades cristãs de base: o documento cita Medellín (15): A Comunidade Cristã de Base é o primeiro e fundamental núcleo Eclesial, foco de evangelização, fator primordial de formação humana e desenvolvimento. A paróquia há de descentralizar sua pastoral; 3. A pastoral indígena: A Igreja na Amazônia está cumprindo a missão que lhe vem de Cristo e que a impele em busca, preferencialmente, dos agrupamentos mais frágeis, mais reduzidos e mais suscetíveis de esmagamento nos seus valores e no seu destino. O CIMI, há pouco criado em Brasília, foi considerado órgão providencial (...) a serviço do índio e das missões indígenas; 4. Estradas e outras frentes pioneiras: Nesta hora em que a Transamazônica e outras estradas estão empreendendo a integração e o desenvolvimento da vastíssima região em conexão com as hidrovias, novos problemas solicitam nossa atenção e nossas providências¹⁸⁴.

A reunião dos Bispos em Santarém produziu um documento cujas orientações iluminaram a vida e a missão da Igreja regional. Encarnação na realidade e evangelização libertadora foram as diretrizes fundantes de um novo rosto da Igreja que passou a assumir opções marcantes dentro de um contexto de exclusão e marginalização. Nessas diretrizes e opções se inscreve a plena identificação com a missão salvífica de Cristo. Foi a primeira vez que se usou a expressão prioridades pastorais.

A Igreja na Amazônia seguindo essas novas orientações eclesiológicas e pastorais buscou evangelizar a partir de uma visão mais ampla e profunda da vida e da realidade amazônicas. Assumiu sua pastoral com grande espírito missionário, a partir da realidade local. Milhares de religiosos e religiosas, leigos e leigas, presbíteros e bispos se embrenharam nas matas, navegaram rio abaixo e rio acima, viajaram pelas precárias estradas daquele mundo desigual, levando a Palavra de Deus, criando e organizando comunidades eclesiais, vivas e participativas, proféticas e missionárias, numa grande rede de solidariedade, mantendo viva a chama da fé e da esperança e valorizando, sobretudo, sua grandiosa religiosidade popular¹⁸⁵.

O Documento de Santarém foi a carteira de identidade da Igreja da Amazônia, que procurou oferecer pistas de ação em benefício da evangelização do povo amazonense.

Conclusão parcial

Com os documentos emanados do Vaticano II e, sobretudo, com o novo espírito surgido do mesmo, foram colocados os alicerces de uma nova Igreja, a Igreja Povo de Deus, sendo uma Igreja pobre e para os pobres. A América Latina, e o Brasil ao mesmo tempo,

¹⁸⁴ KRAUTLER, Erwin. *Op. cit.* 2007, p. 45-46.

¹⁸⁵ Carta do primeiro encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal. Em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-da-amazonia/1802-carta-do-primeiro-encontro-da-igreja-catolica-na-amazonia-legal>. Acessado em 02 jan. 2017.

preocuparam-se de levar rapidamente esse espírito à pastoral, através de Medellín e da CNBB, com seu Plano de Pastoral de Conjunto. Causa admiração como em pouco tempo o Concílio começou a ser vivenciado e colocado em prática no meio de todo o povo latino americano.

Muitas iniciativas foram tomadas, através de cursos, encontros bíblicos, formações adequadas às necessidades do povo, treinamentos, dando início a uma caminhada onde a fé devia estar unida à vida. A vida do povo começou a ser sentida dentro da estrutura eclesial e esta sentiu a necessidade de estar no meio do povo e a seu serviço.

Com a Palavra de Deus nas mãos do povo, procurando ser uma Igreja toda ministerial e valorizando devidamente o sacerdócio comum de todos os fieis, iniciou-se a formação de comunidades cristãs, nas bases, onde o povo vivia e onde a Igreja devia estar, para ser a Igreja do povo, e para que o povo fosse a Igreja querida por Cristo.

O caminho para as Comunidades Eclesiais estava sendo trilhado e o surgimento de inúmeras comunidades marcou a vida eclesial do Brasil, da Amazônia e do Acre. Abria-se, assim, um novo campo de apostolado que marcaria uma época, tanto na América Latina como no Brasil. A Igreja dos pobres foi um fermento na sociedade, em tempos difíceis pelas ditaduras imperantes em diversos países, com grandes desafios, conflitos, riscos e mortes. Igreja que devia ser voz e vida para os que não tinham vida plena e em abundância.

3 CEBs: UMA EXPRESSÃO DO POVO DE DEUS NO ACRE

Os bispos do continente latino-americano assumiram as novas orientações do Concílio Vaticano II e, de forma colegial, dispuseram-se a recriar a Igreja latino-americana, com uma opção clara em favor dos pobres do continente. Era necessária a pobreza evangélica da Igreja como testemunho diante da situação de pobreza e miséria social do povo. Eles estavam conscientes do início de uma grande virada na história da Igreja, dado que já existiam movimentos, como a Ação Católica, e outros que caminhavam na mesma direção.

Aos poucos, e partindo de Medellín, a Igreja conseguiu uma nítida consciência da atualização e renovação de sua missão, abrindo-se ao diálogo com a realidade. Perscrutando os “sinais dos tempos” (GS 4), dispõe-se generosamente a evangelizar, para colaborar na construção de uma nova sociedade, mais justa e fraterna, que é o clamor que surge dos nossos povos (DP 12). A conversão continuou sendo a opção de toda a Igreja latino-americana, sempre atualizada por significativos documentos de episcopados nacionais e regionais. Assim, nas periferias e nas margens da Igreja e da sociedade, começou a surgir uma grande rede de comunidades eclesiais de base, de caráter popular e laical.

Essa renovação também chegou até a Prelazia do Acre e Purus, produzindo um efeito extraordinário com a criação de numerosas Comunidades, onde a vivência da fé, na prática da fraternidade e da solidariedade, constituiu um novo povo, o Povo de Deus a caminho de um mundo melhor do vivido até aquele tempo.

As Comunidades sem perder sua identidade eclesial, e partindo das bases, colocaram os alicerces de uma vida a serviço da vida plena, onde, à luz da Palavra, começou um novo alvorecer. A novidade dessa prática pastoral trouxe alegrias e esperanças aos oprimidos e explorados. Começou-se a falar de direitos humanos, com suas lutas e reivindicações. Enfim, uma vida nova parecia surgir no meio do povo.

As CEBs marcaram uma época na história da Igreja no Brasil e no Acre. Por meio de Dom Giocondo Maria Grotti, e seu novo Plano de Pastoral, iniciou-se uma etapa muito frutífera, como presença e missão da Igreja em favor dos pobres e desfavorecidos, contribuindo na formação da consciência cristã do povo.

3.1 Nova forma de ser Igreja no Brasil

O Concílio Vaticano II, através da *Lumen Gentium*, iniciou uma reforma eclesial partindo de uma maior e mais consciente participação do povo na vida da Igreja. Ele quis atingir a base da Igreja com sua nova estrutura eclesial, fundamentada no conceito Povo de Deus. Insistiu-se, sobretudo, na importância da comunhão eclesial, com toda sua carga

religiosa e humana. E, como consequência, a igualdade, a partilha e a fraternidade passaram a ser as marcas fundantes da nova eclesiologia conciliar¹⁸⁶.

A eclesiologia do Vaticano II desejava ser uma reação essencial contra outras eclesiologias que desprezavam a realidade humana e tratavam os seres humanos como se fossem objetos. Os leigos não tinham nenhuma importância diante do clero, pois eles eram simplesmente objeto de seus cuidados e vistos como fim do seu programa salvífico¹⁸⁷.

A refontalização promovida pelo Concílio devia levar o povo a beber das fontes escriturísticas que jorram continuamente: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” e, “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”. Unidade, comunhão e partilha foram seus elementos principais, tendo-os como fontes inspiradoras e que, junto à Palavra, os sacramentos e a prática da caridade, foram os sinais visíveis da ação do Espírito nas comunidades cristãs (At 4,32; Mt 18,20).

Com essa inspiração a Igreja continuou sua caminhada no continente americano, que já tinha diferentes iniciativas que seguiam o mesmo rumo. No Brasil, entre outras muitas, cabe sublinhar os movimentos apostólicos de leigos, concretizados, sobretudo, nos diversos ramos da Ação Católica¹⁸⁸ (Juventude Agrária Católica, a JAC; Juventude Estudantil Católica, a JEC; Juventude Independente Católica, a JIC; Juventude Operária Católica, a JOC e Juventude Universitária Católica, a JUC); o Movimento de Educação de Base (MEB), inspirado nas teorias pedagógicas de Paulo Freire; o “Movimento de Natal”, que se espalhou posteriormente por todo o estado de Rio Grande do Norte e visava atividades com fins religiosos, incrementando a vida comunitária, a saúde e a educação¹⁸⁹.

A consciência de eclesialidade e espírito comunitário foram o motor determinante de toda a reforma eclesial acontecida a partir de Medellín, de modo conjunto e articulado no continente, e que foi chegando até os lugares mais longínquos da Amazônia brasileira. As camadas mais pobres foram as primeiras a apreciar esses princípios norteadores da nova prática eclesial. Passou-se, assim, a incentivar e viver, cada vez mais, uma vida comunitária,

¹⁸⁶ No Brasil, a elaboração do Plano de Emergência (PE), em 1962, dez anos depois da criação da CNBB, facilitou a colocação em prática das novas ideias conciliares, dando origem posteriormente ao PPC.

¹⁸⁷ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 26.

¹⁸⁸ A Ação Católica, com seu método de ver, julgar e agir, colocou a base metodológica de toda sua ação apostólica.

¹⁸⁹ O “Movimento de Natal” constitui, sem dúvida nenhuma, a mais bem sucedida experiência pastoral de grande envergadura, em extensão e profundidade, realizada no Brasil.

<http://domeugeniosales.webnode.com.br/fatos-da-historia/movimento-de-natal/>. Acessado em 21/06/2017.

onde a igualdade fazia acontecer a fraternidade. Era o lugar certo para que fossem vivenciados os principais valores do Reino¹⁹⁰.

3.1.1 CEBs, origem e desafios

As Comunidades Eclesiais de Base não nasceram por geração espontânea, nem foram fruto do acaso. Surgiram da intenção, necessidade e assessoria de numerosos agentes eclesiás, que tinham a grande preocupação de ter uma pastoral renovada, ao serviço do povo e da Igreja¹⁹¹. A história da Igreja na América Latina e Caribe dos últimos tempos, não pode ser entendida sem as CEBs. Foram um fenômeno eclesial e social. Provocaram numerosos câmbios na vida e na missão das comunidades cristãs¹⁹².

As CEBs nasceram diante dessa privação e da necessidade do povo se encontrar para celebrar a presença do Ressuscitado e de seu Espírito¹⁹³. O povo precisava fortalecer sua fé na luta do dia-a-dia, através da escuta da Palavra, mostrando-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações (At, 2, 42). Por isso, começaram a se reunir semanalmente e, às vezes, até duas vezes por semana, no compromisso de viver como Povo de Deus a caminho.

Era uma nova forma de ser e sentir-se Igreja, embora sem a presença do ministro ordenado e sem a celebração do sacrifício eucarístico, mas em perfeita obediência, unidade e comunhão com suas paróquias e dioceses. Os leigos passaram a ser os novos dirigentes ou monitores das Comunidades, em espírito de igualdade, mas com grande espírito de liderança e senso da prática da justiça e da caridade.

O surgimento das CEBs e a praxe que nelas revigora possuem um valor inegável de questionamento da forma vigente de ser-Igreja. Elas nascem de elementos mínimos como a fé, a leitura e meditação da Palavra, o mútuo auxílio em todas as dimensões humanas. Como consideramos, são verdadeira Igreja. Nelas aparecem muitas funções, verdadeiros novos ministérios: de coordenar a comunidade, de catequizar, de organizar a liturgia, de cuidar dos doentes, de alfabetizar, de olhar pelos pobres etc. Isso

¹⁹⁰ O Objetivo geral do PPC era “levar todos os homens à comunhão de vida com o Pai e entre si, por Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja”. Doc. 77 CNBB.

¹⁹¹ MARINS, José. *CEBs, la Iglesia en pequeño*. Bogotá: Paulinas, 1996, p. 49. (tradução do autor)

¹⁹² No Brasil, as primeiras Comunidades surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, Arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. Eram pequenos grupos que se organizavam em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos.

¹⁹³ Normalmente se considera que sua origem se deu no começo dos anos de 1960, como resultado da experiência de catequese popular em Barra do Piraí (1956) ou do Movimento da Diocese de Natal ou ainda do Movimento de Educação de Base. Uma das motivações iniciais era suprir a ausência de padres nas regiões onde os desafios eram maiores, nas quais os batizados não tinham nenhum contato com um processo de evangelização.

tudo é feito dentro de profundo espírito fraternal, num sentido de co-responsabilidade e de consciência de se estar construindo e vivendo a Igreja. O termo que melhor expressa esta experiência é o usado frequentemente neste contexto: re-invenção da Igreja. A Igreja começa a nascer das bases, do coração do Povo de Deus. Esta experiência questiona o modo comum de se entender a Igreja. Faz descobrir a verdadeira fonte que permanentemente faz nascer e cria a Igreja: o Espírito Santo¹⁹⁴.

As CEBs se tornaram o melhor espaço para o florescimento de novos ministérios leigos. Elas facilitaram, de igual forma, a participação de todos os batizados como integrantes do único Povo de Deus. De forma simples e humilde, mostraram a existência de uma Igreja viva, com uma participação mais consciente de seus fieis, vivenciando o fundamental da boa nova do evangelho, como é a paternidade de Deus e a fraternidade com todos os homens. A celebração da ressurreição de Jesus, realizada principalmente aos domingos, manifestava a caminhada da Comunidade no seu seguimento de Jesus Cristo, fazendo acontecer o Reino de Deus entre eles, procurando a libertação de todo tipo de escravidão e injustiça social. “É constatável a aproximação social da Igreja-hierarquia às classes subalternas, expressa na opção preferencial pelos pobres e, em sua prática, pela defesa dos direitos humanos. Do ponto de vista teológico, surge o chamado novo modo de ser Igreja, uma nova consciência de si e de sua missão no mundo”¹⁹⁵.

A vida da Igreja se viu enriquecida com a presença de numerosas pessoas que tinham importância nas esferas de decisão social, transformando também a vivência eclesial com compromissos sociais, unindo fé e vida. Os pobres, animados pela fé, inspirados na Palavra de Deus proclamada e refletida, partilhada nos círculos bíblicos e com a vivência de uma vida comunitária, organizaram-se para lutar por uma vida mais digna, antecipando um pouco o Reino definitivo¹⁹⁶.

A principal mudança acontecida consistiu em passar de uma Igreja que se apoia tradicionalmente nos poderes políticos, econômicos, culturais deste mundo, para uma Igreja seguidora de Jesus que se apoia na fé do povo, pois a Igreja sofria as consequências da sua associação aos poderosos, tornando-se, ao mesmo tempo, rica e poderosa e impedida de estar próxima dos pequenos e pobres. A Igreja acabava, muitas vezes, legitimando e caindo no mesmo sistema de poder, com todas suas práticas de injustiça e exploração dos pobres. Em

¹⁹⁴ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1976, p. 410.

¹⁹⁵ BALDISSERA, Adelina. *CEBs, poder, nova sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.39.

¹⁹⁶ BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*. Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes. 1986, p. 21.

definitiva, tornava-se cúmplice da injustiça, ainda que se justificasse dizendo: não há outro caminho, não há outra solução¹⁹⁷.

As CEBs representaram uma nova experiência de Igreja, de comunidade, de fraternidade, dentro da mais legítima e antiga tradição. A primeira impressão era de que alguma coisa nova, uma ação do Espírito estava presente naquele acontecimento, no qual o povo pobre e que acreditava se organizava para viver comunitariamente sua fé. Não era a repetição de um passado, nem se pretendia reformar alguma estrutura obsoleta: era a novidade do Espírito, uma eclesiogênese¹⁹⁸. “Teologicamente se mostra que a Igreja, institucionalmente, pode se reinventar e pode criar para si estruturas novas mais adequadas ao meio social, capazes de traduzir para hoje a positividade da fé dos apóstolos. Trata-se de uma verdadeira eclesiogênese”¹⁹⁹.

Parecia que se atualizava a história das primitivas comunidades cristãs, com a mística que as caracterizava. Era a Igreja do povo; não para o povo, mas com o povo, onde existia fraternidade, diálogo, serviços, relações horizontais, co-responsabilidade. Em definitivo, buscava-se o pobre, sendo uma Igreja encarnada que detectasse as injustiças, que defendesse os explorados, e tomasse consciência dos direitos humanos, em obediência ao Evangelho e escutando os clamores do povo sofrido.

As CEBs concretizam uma concepção de Igreja fraternal, Igreja-comunidade, Igreja-Corpo de Cristo, Igreja-Povo de Deus. Num primeiro momento vigora uma igualdade fundamental de todos. Pela fé e pelo batismo todos são inseridos diretamente em Cristo; o Espírito se faz presente em todos, criando uma comunidade e uma verdadeira fraternidade, na qual as diferenças de sexo, de nação, de inteligência, de posição social não contam (Gl 3,28) porque todos são um em Cristo (Gl 3,28). Na comunidade todos são enviados, não somente alguns, todos são responsáveis pela Igreja, não apenas alguns, todos devem dar testemunho profético, não somente alguns, todos devem santificar, não apenas alguns²⁰⁰.

Ninguém podia negar que as Comunidades fossem Igreja, pois possuíam os elementos eclesiais que constituem o fundamento da Igreja: batizados na mesma fé, vivendo no mesmo amor e esperança, lendo, meditando e colocando em prática os ensinamentos das Escrituras, unidos plenamente a Cristo e aos irmãos na celebração da Eucaristia e dos sacramentos.

¹⁹⁷ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 101.

¹⁹⁸ A palavra eclesiogênese, cunhada por Leonardo Boff, quer dizer a gênese de uma Igreja que nasce da fé do povo.

¹⁹⁹ BOFF, Leonardo. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Vozes. 1978, p. 91.

²⁰⁰ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1976, p. 413.

3.1.2 Características das CEBs

Os pobres, a partir dessa experiência de fé, passaram a ser os protagonistas principais da vida comunitária, pois foi na fé onde se alimentaram e nutriram seus ideais cristãos. Os pobres reassumiram seu papel na história da Igreja sendo o Povo de Deus a caminho do Reino definitivo. Assim, a Igreja começou a ter uma maior participação interna como Povo de Deus organizado e, ao mesmo tempo, um olhar para sua vida externa, um olhar comprometido com a realidade onde vivia seu povo.

O Documento de Medellín diz que começava para a Igreja da América Latina “um novo período de sua vida eclesiástica”, conforme o desejo de Paulo VI. Devia ser um tempo de grande renovação espiritual, de generosa caridade pastoral e com grande sensibilidade social²⁰¹. E mostrava com alegria a esperança que tinha surgido no meio do povo: “Sobre o continente latino-americano Deus projetou uma imensa Luz que resplandece no roto rejuvenescido de sua Igreja. É a hora da esperança. Estamos cientes das graves dificuldades e tremendos problemas que nos atingem. No entanto, mais do que nunca o Senhor se acha no meio de nós, construindo o seu Reino”²⁰².

Várias expressões dos bispos participantes nos levam a sentir o espírito vivido em Medellín: “Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, mas sobretudo, não haverá continente novo sem homens novos, que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis” (1,4). “Assim é que a Igreja quer servir ao mundo, irradiando sobre ele uma luz e uma vida que cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a unidade da sociedade e dá um sentido mais profundo a toda a atividade dos homens” (1,5). “Se o desenvolvimento é o novo nome da paz, o subdesenvolvimento latino-americano, com características próprias nos diversos países, é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz” (2,4). “A paz só se obtém criando uma ordem nova que ‘comporta uma justiça mais perfeita entre os homens’. Nesse sentido, o desenvolvimento integral do homem, a passagem de condições menos humanas para condições mais humanas é o nome novo da paz” (2,14).

As comunidades reuniam pessoas que tinham a mesma fé, pertenciam à mesma Igreja, moravam na mesma região e que, motivadas pela fé, viviam em comum-união em volta de seus problemas do dia-a-dia, dificuldades de sobrevivência, conflitos de moradia, lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. Eram eclesiais porque constituíam os núcleos mais importantes da fé da Igreja, e integradas, ao mesmo tempo por

²⁰¹ VV.AA. *Op. cit.* 2010, p. 6.

²⁰² VV.AA. *Op. cit.* 2010, p. 6.

pessoas que trabalhavam com as próprias mãos, pessoas da base²⁰³. Tornaram-se os espaços de participação, onde os leigos podiam falar com liberdade, sem repressão nem censura, mostrando toda sua criatividade cultural com alegria, passando a ser os verdadeiros protagonistas e sujeitos de sua própria história²⁰⁴. Daí o nome que recebiam de Comunidades Eclesiais de Base.

Os pobres, vivendo à margem de tudo, sentiram-se acolhidos nas comunidades eclesiais. As comunidades se constituíram no espaço onde eles recuperavam seu caráter de cidadãos, além de expressarem sua fé. Ali os pobres eram valorizados e seus pensamentos acolhidos, podiam falar abertamente e sua cultura se tornava reconhecida.

A Igreja que se faz pobre, mais ainda, que permite os pobres se sentirem Igreja a ponto de constituírem a Igreja dos pobres, com sua cultura de pobres, com sua situação espoliada (e denunciada profeticamente), com sua forma de celebrar Jesus Cristo que se fez pobre (cf. 2Cor 8,9) com a confiança no Espírito Santo, “pai dos pobres”, uma Igreja assim se torna, efetivamente, o sacramento da libertação e pode se apresentar como a portadora do mistério da libertação integral²⁰⁵.

Desta maneira, o Concílio, pela ação do Espírito, provocou o nascimento de uma nova eclesiologia, uma nova experiência de vida comunitária, um renascer da própria Igreja diante das necessidades e realidade daquele tempo. A ação salvífica, a partir da nova eclesiologia, passou a ser uma manifestação comunitária, não mais individualista e intimista. A nova comunidade eclesial, em definitivo, permitia que os pobres se tornassem povo, o Povo de Deus, e não apenas pessoas sobrantes da grande massa social e sobreviventes da vida discriminatória e cruel. Os leigos se tornaram os grandes protagonistas: leigos evangelizando leigos. Em definitiva, eram os pobres os que evangelizavam os pobres.

3.1.3 Eclesiologia das CEBs

A *Gaudium et Spes* sublinhava a missão da Igreja que consiste em sentir-se verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história, pois não devia existir realidade alguma, verdadeiramente humana, que não encontrasse eco no seu coração (GS 1). E elencava as aspirações mais universais e profundas do gênero humano (n. 9 e 10), procurando entender a universalidade da Igreja em sua capacidade de corresponder universalmente a elas (n. 11), pois a Igreja não atua a partir de fora, mas a partir de dentro,

²⁰³ LIBÂNIO, Frei Alberto. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.17.

²⁰⁴ BOFF, Leonardo. Teologia à escuta do povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 41, fasc. 161, março de 1981, p. 75.

²⁰⁵ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1986, p. 35.

abraçando a todos os homens, quer creiam ou não, ajudando-os a perceber sua vocação integral, na construção de um mundo mais de acordo com a dignidade do ser humano, com o objetivo de uma fraternidade universal (n. 91).

As Comunidades Eclesiais de Base não se podiam considerar como mais um movimento dentro da Igreja. Tratava-se de algo mais transcendental para a própria Igreja, a partir da sua vivência de Povo de Deus. Elas tentavam encarnar, a partir da fé, a vida comunitária nas suas próprias condições sociais, políticas e econômicas. Nelas se podiam encontrar as marcas das primeiras comunidades cristãs: a fé apostólica, a fração do pão, a comunhão de bens e as orações. E também, a alegria pela perseguição por causa da fé, a coragem da palavra e a pregação itinerante²⁰⁶.

As CEBs queriam ser a Igreja visível, que se constituía a partir de quatro elementos: fé, celebração, comunhão e missão. A fé é a grande característica das CEBs. A referência maior dessa fé era a Palavra de Deus, tendo como espelho a prática de Jesus, com total confiança na força e ação do Espírito que conduzia o povo pelas trilhas da nova sociedade: Evangelho na vida e a vida inspirada no Evangelho.

Uma Igreja não vive só de fé, mas principalmente das celebrações da fé. As CEBs davam às celebrações uma criatividade maior, uma simbologia e até uma participação renovada. Nas celebrações, principalmente na eucarística, eram muito valorizadas as procissões, ganhando destaque a cruz, o círio pascal, a Bíblia, assim como outros objetos simbólicos da vida do povo e levados por pessoas simples até o altar. Começaram a renovar a liturgia por dentro, com o novo modo de ser Igreja, com o jeito diferente de rezar, com seus cânticos nascidos da vida iluminada no Cristo, com poesias e símbolos gerados no quotidiano da vida. As celebrações sacramentais deixaram de ser fatos da vida estreitamente pessoal de cada um, e adquiriram um valor comunitário importante. Sem dúvida, a música e a cultura popular trouxeram uma grande riqueza para celebrar melhor a fé.

A eclesialidade das CEBs inclui, além da fé e da celebração, a comunhão. A proclamação da paternidade de Deus e da fraternidade universal de todos os seres humanos, sem exceções, era a linha marcante de todas as Comunidades. Era necessário chegar à comunhão na vida comunitária e à partilha de bens de todos os que professavam a mesma fé. Nas CEBs, em geral, tudo era partilhado e todos se interessavam pela causa dos outros, principalmente os mais necessitados. Mutirões de trabalho e de ajuda eram uma constante na

²⁰⁶ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1986, p. 89.

vida comunitária. Foi um grande avanço na vida eclesial e uma valiosa contribuição na prática da vida cristã.

Por fim, o último elemento fundamental da eclesialidade, e como consequência dos anteriores, era constituído pela missão e pelo serviço aos homens no mundo. As Comunidades eram o solo adubado para o nascimento de homens e mulheres que tinham coragem de enfrentar sistemas iníquos, todo tipo de injustiças e tentar estabelecer uma nova ordem na sociedade, à procura de uma nova terra. Era a nova missão do cristão, que devia continuar fora do templo, para a construção de um mundo mais solidário e fraternal.

As CEBs incentivavam a organização e a luta pela igualdade, a dignidade e o respeito pela vida e seus direitos. Era o novo cristão-cidadão, com os pés no chão, que devia lutar por seus direitos e, ao mesmo tempo, comprometia-se também pela vida dos irmãos de caminhada. Vida e ações que levavam, às vezes, até o derramamento de sangue e a doação da vida. Esses fatos conferiam a dignidade e a grandeza da Igreja que se inseria nas bases mais humildes e sacrificadas, como uma luz de esperança para toda a Igreja. Muitos membros das CEBs foram martirizados por assumir com Jesus a defesa da vida, anunciando e testemunhando os valores do Reino²⁰⁷.

Por serem seguidoras do Evangelho e assumirem as causas do Mártir Jesus de Nazaré, podemos afirmar que as CEBs são cotidianamente marcadas pelo martírio, que vai acontecendo na vida do povo, por assumirem com Ele e com eles e elas, nossos Mártires, as causas da Justiça, da Paz, da terra livre, da vida justa, da ecologia integral²⁰⁸.

A Igreja encontrou duas realizações principais de sua missão: na profecia e na pastoral. Através da profecia a comunidade cristã devia anunciar a proposta de Deus, revelada em Jesus Cristo e denunciar as forças contrárias ao Reino. E, pela pastoral, devia acompanhar todas as pessoas na sua realidade e situações concretas, animando, promovendo a vida plena, criando comunidades de fé, esperança e caridade²⁰⁹.

Para tudo isso acontecer, era de grande importância que a comunidade aprofundasse, em termos de vivência e de uma práxis nova do relacionamento comunitário, os valores

²⁰⁷ Tanto no Brasil como na América Latina, muitos mártires estavam intrinsecamente ligados a uma comunidade Eclesial de Base: Santo Dias; Pe. Gabriel Maire, Dorcelina de Oliveira Folador, Raimundo “Gringo”, Sebastião Rosa da Paz, Vilmar de Castro, Monsenhor Romero, Lázaro Condor.

²⁰⁸ PEREIRA DA SILVA, Antônio Carlos. *CEBs e os mártires da caminhada*. Em: <http://www.portaldascebs.org.br/publica%C3%A7%C3%A3o/artigos-e-entrevistas/cebs-e-os-m%C3%A1rtires-da-caminhada>. Acessado no dia 22/06/2017.

²⁰⁹ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1986, p. 89.

imprescindíveis do cristianismo: fraternidade, mútua ajuda, solidariedade, partilha e participação nas decisões dos assuntos de interesse da comunidade.

Era necessária também uma mística da fé, da adesão a Jesus Cristo, presente na comunidade, e ao seu Espírito, manifestado através dos diferentes serviços. Criar convicções de fé profundas e inabaláveis, capazes de suportar dificuldades e perseguições, pois sem ela o fiel não teria forças para suportar confrontos, perseguições, e até prisões por causa de seu engajamento, fundamentado na fé. Essa mística não podia ser esquecida, nem substituída pelo engajamento social, nem pelos direitos humanos. Devia estar sempre presente, para alimentar a fé, criar força e coragem, e tornar presente Jesus Cristo ressuscitado.

Essa mística, junto a um grande espírito missionário, fez possível que também no Acre se assumisse como própria a causa do Reino, fazendo acontecer a nova realidade das Comunidades, através de seu principal inspirador e incentivador, o Bispo que tinha participado no Concílio Vaticano II, Dom Giocondo M. Grotti.

3.2 Dom Giocondo: presença missionária e pastoral na Igreja do Acre

Dom Giocondo Maria Grotti, OSM,²¹⁰ seguiu as grandes inspirações do Vaticano II e de Medellín, sobretudo no que fazia referência às CEBs. Ele foi nomeado Prelado ordinário do Acre e Purus em novembro de 1962, tomando posse em janeiro de 1963. Participou do Concílio Vaticano II, a partir da segunda sessão, mostrando um grande espírito renovador e participando ativamente em todos os assuntos que faziam referência a seu novo campo de trabalho apostólico²¹¹.

Excepcionalmente dotado, não enterrou os seus talentos. Sua vida, tão breve e tão rica de dons, foi uma doação plena ao serviço de Deus e dos homens. Foi um homem fiel à vocação carismática do autêntico missionário. Viveu seu lema episcopal com autenticidade: “Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”. Quando foi eleito, partiu cheio de

²¹⁰ Dom Giocondo M. Grotti nasceu aos 13 de março de 1928, em Bologna, Itália; veio para o Brasil quando ainda era estudante de 2º ano de Teologia, religioso da Ordem dos Servos de Maria. Terminou os estudos no Seminário Central de Ipiranga, São Paulo, onde foi ordenado sacerdote em 7 de junho de 1952. Foi nomeado Prelado ordinário do Acre e Purus em novembro de 1962, tomando posse em janeiro de 1963. Foi sagrado Bispo titular de Tunigaba em 1965. Faleceu no dia 28 de setembro de 1971, quando o avião em que viajava de Sena Madureira para Rio Branco se incendiou momentos após a decolagem.

²¹¹ Segundo palavras de Oscar Beozzo: “Giocondo Grotti foi, de início, um franco-atirador, mas, a partir de determinado momento da terceira sessão, tornou-se porta-voz dos prelados da região amazônica”. Em: *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II. 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 537.

entusiasmo para a nova missão que a Igreja lhe encomendava. Entusiasmo que não decresceu nunca, que não esmoreceu um só instante, até o momento em que o Senhor veio buscá-lo.

Como o Bom Pastor, Dom Giocondo também conhecia o seu rebanho; conhecia e amava o seu rebanho, lutou para que sua Comunidade agisse como uma força viva, segundo os novos apelos do Concílio Vaticano II, e numa identificação real com Cristo e a Igreja. Grande conhecedor da realidade da Prelazia do Acre e Purus, num mundo cheio de dificuldades, lutou para fazer dos homens da terra agentes de seu próprio desenvolvimento, buscando todas as formas de uma educação libertadora, capaz de construir e tornar o homem feliz.

Como verdadeiro pastor do seu rebanho buscou os meios de fazê-lo caminhar na arrancada de renovação da Igreja, de maneira incansável, organizando e realizando cursos, palestras e encontros, contando sempre com os colaboradores que com ele se sentiam felizes de assumir tão grande e consoladora tarefa. Preocupava-se por alimentar com sua palavra esclarecida as suas ovelhas e não perdia nenhuma oportunidade de dirigir-lhes ensinamentos capazes de levá-las a um comprometimento sempre maior pelo Reino. Uma preocupação constante e o devotamento perene a todas as suas ovelhas.

Dom Giocondo tornou-se benquisto pelo povo e uma das figuras mais estimadas pela população acreana, pela sua bondade para com todos e, sobretudo, pelo seu amor preferencial para com os pobres, os indefesos, numa época em que o movimento pelos direitos humanos estava ensaiando os primeiros passos. Alguns testemunhos escritos conservados mostram-nos sua atenção de pastor, seus cuidados, seu apreço pelos padres, e seu interesse pela vida digna do seu rebanho.

Seu zelo pastoral e seu amor aos mais abandonados levaram-no a ir de avião até os lugares mais afastados da Prelazia para conhecer, *in loco* a própria realidade do povo. Seu interesse foi sempre procurar melhorar a vida de todos, oferecendo melhores condições de comunicação aos povoados que ficavam isolados dos centros urbanos, através de campos de pouso para avião pequeno, que já a Prelazia tinha conseguido para o serviço da Prelazia, transportando os enfermos mais graves e de urgente tratamento.

Em carta entregue, em mãos, ao Senhor Presidente da República do Brasil, Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, de visita a Rio Branco, em 1966, Dom Giocondo fez uma breve análise da situação nacional e do Acre, dando seu parecer, suas queixas e suas sugestões e, ao mesmo tempo, fazendo seus pedidos em favor de seu rebanho, o povo da Prelazia. Entre outras palavras dizia:

Sinto o dever de repetir quanto o Concílio já proclamou em dias recentes: “onde o exercício dos direitos foi restringido, por certo tempo, em vista do bem comum, mudadas as circunstâncias, restitua-se quanto antes a liberdade (Vat. II, Decreto “Ad Gentes, nº 75). [...] O problema fundamental do Acre é a falta de homens; homens com tarimba para mandar, para organizar, para administrar..., e homens que saibam ser mandados também, pois há no Acre, além do fato “evasão dos melhores”, duas pragas que maltratam, em geral, todo acreano: a doença e a ignorância. [...] Bastem estes números para formar uma ideia: Analfabetismo: 60% abundante; Lepra: 1% abundante; Tuberculose: 4%; Avitaminose: 80%; Verminose: 100%!....²¹²

A instituição eclesial ainda mantinha relações de cooperação com o governo local e, de certo modo, era uma aliada importante da oligarquia dominante. Ninguém questionava as estruturas injustas, como as relações de trabalho vigentes nos seringais. Conservava práticas religiosas e sociais próprias de uma Igreja-cristandade.

Naquela situação social tão adversa, as ideias conciliares se despontaram como uma luz para orientar a ação da Igreja do Acre e Purus, e influenciou sobremaneira o assentamento de uma linha de atuação pastoral que levasse em conta os problemas sociais do lugar. Em sintonia com toda a Igreja da Amazônia, começou a apontar, em termos proféticos, a verdadeira causa dos desequilíbrios sociais, numa posição nada cômoda para ela, pelas consequências negativas de perder as ajudas econômicas que recebia para suas obras. Assim, Dom Giocondo, em seguida, começou a organizar a nova vida apostólica da Prelazia. Na festa da Páscoa mandou uma mensagem para todo o povo da Prelazia, partilhando seus desejos de pastor para com seu rebanho. Entre outras palavras dizia:

Muito se fala hoje em reformas, e em reformas de base; pouco, no entanto, se fala da verdadeira reforma e do centro de toda atividade reformista: o homem! Cristo Jesus, operando a Redenção que é também uma reforma, focaliza este centro: a pessoa humana, tão rica em sua dignidade religiosa, moral, jurídica, política e econômica, numa palavra, em sua estrutura natural, até no ponto de merecer o sacrifício de um Deus! E ainda há quem diga que o Cristianismo é um angelismo e se esquece do homem?... Este cristianismo que reconhece o amor de um Deus a serviço do homem?... [...] Nossa Acre... precisa de paz, de luz, de amor, de caridade... precisa de homens que saibam dar, de homens que saibam passar por cima das barreiras que separam e dividem os homens, que saibam superar o cerco tremendo do egoísmo e do interesse pessoal para dar-se, como o Mestre se deu, a todos, com largueza, com a generosidade que somente d'Ele aprenderemos. [...] Todos teremos algo a aprender, algo a emendar, algo a tirar... não podemos fechar os olhos à luz que brilha diante de nós; sejamos portadores de luz, de amor, de caridade e de verdade!²¹³.

²¹² GROTTI, Dom Giocondo. *Cartas*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

²¹³ Periódico: *O Acre*. Ano XXXV, Domingo, 5 de Abril de 1964 - Nº 1565, p. 2, Col. 1, 2 e 3.

O seu agir tinha dimensões múltiplas: o anúncio da Palavra (grande era a sua preocupação de levar a todos a mensagem de Cristo); minorar os problemas de injustiças sociais. Vários projetos de leis, neste sentido, estavam sendo preparados por ele para serem entregues ao Governo. Um desses projetos, principalmente, era sua preocupação com a situação do seringueiro, o homem sofrido e perdido na mata, que lutava esquecido, sem previdência social, e sem condições humanas de vida e trabalho. Para isso, matriculou-se e concluiu o curso de Direito da UFAC (Universidade Federal do Acre) para poder defender melhor os direitos dos seringueiros.

Dom Giocondo, em sintonia com a nova eclesiologia já existente em outros lugares, e junto a algum sacerdote e vários leigos, iniciou a experiência das primeiras Comunidades Eclesiais na periferia de Rio Branco, que foram uma espécie de comunidades piloto que, aos poucos, conseguiram espalhar-se por toda a geografia da Prelazia.

Mas, o Senhor veio buscá-lo como o ladrão que chega quando ninguém espera... A semente melhor de ser plantada custa o jogo da vida: tudo ou nada!²¹⁴. Dom Giocondo nunca jogou o futuro no escuro, mas na luz de Cristo. Ele sempre o entrevia. E, foi por isso, que se empenhou todo, que deu tudo para semear o bem, a paz e o amor! Foi o verdadeiro pastor do novo povo de Deus surgido na floresta acreana!

3.2.1 Novos tempos para a Igreja: dos Movimentos tradicionais às CEBs

A história da Prelazia do Acre e Purus não se pode entender sem a presença das CEBs no seu meio. Elas foram um fenômeno eclesial e social, promovendo numerosas mudanças na vida e na missão da Igreja e da sociedade. Era a nova forma de ser Igreja, onde os leigos passaram a ser os monitores das Comunidades, com grande espírito de serviço em favor da justiça e da caridade.

O laicato da Prelazia estava basicamente organizado em associações tradicionais como Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Vicentinos, Cruzada Eucarística e Congregações Marianas. Essas associações leigas, na sua maioria, tinham vida formal e vegetativa. Estavam voltadas prioritariamente para atividades litúrgicas, e os trabalhos sociais que desenvolviam consistiam em práticas de caridade e assistência individual. Funcionavam nas cidades, como força auxiliar do clero, e dele dependiam essencialmente. Sua influência, notadamente no

²¹⁴ No dia 28 de setembro de 1971, às 14 horas locais, perecia em acidente aéreo Dom Giocondo M. Grotti. Viajava num avião da Companhia “Cruzeiro do Sul”, da linha Sena Madureira-Rio Branco, quando o velho e gasto DC-3 se precipitou logo após a decolagem de Sena Madureira. Dos 32 passageiros a bordo, nenhum sobrevivente. Verdadeira comoção tomou conta da Prelazia que perdia seu tão estimado Pastor. Com 46 anos de idade a vida de Dom Giocondo foi truncada.

meio das classes populares, era quase nula e sua ideologia era puramente conservadora. Era necessária, portanto, uma revisão daquelas associações e obras sem razão suficiente, ou com métodos obsoletos que não correspondiam mais às necessidades pastorais da Igreja (AA 19).

A Igreja acreana, seguindo os passos de toda a Igreja latino-americana, quis dar também um salto corajoso e qualificado, assumindo uma opção evangélica: queria colocar-se ao lado dos pobres e dos marginalizados que constituíam a maioria da população. Desejava corresponder, assim, aos novos tempos marcados pelo Vaticano II e acomodar todas suas estruturas às novas Diretrizes pastorais. “Se a Igreja do Acre encontrou o caminho novo da libertação e levantou sua voz profética sem medo, foi devido à fé, à constância e aos sofrimentos dos primeiros missionários, que souberam ser fiéis à sua missão de semeadores da boa semente, preparando o terreno fértil para dele colher os frutos no futuro”²¹⁵.

A Igreja do Acre teve em si mesma o fermento da renovação. Dom Giocondo entendia que muitas coisas deviam ser mudadas, pois a Igreja devia ser o sonhado Povo de Deus, dando origem ao nascimento das Comunidades Eclesiais de Base e onde os leigos eram inseridos na missão evangelizadora. O caminho inicial foi lento e não isento de suspeições. Das Comunidades nasceram os Movimentos Populares, como frutos da fé e da caridade, valores fundamentais proclamados pelo Evangelho. A Igreja se tornou, então, a única instituição que conseguiu canalizar as aspirações populares, iluminando-as com a luz do Evangelho.

A primeira Comunidade Eclesial começou na periferia de Rio Branco, no bairro da Estação Experimental, crescendo com grande rapidez e consolidando-se como experiência modelo. Essa Comunidade nasceu por iniciativa popular, resultado da intervenção direta de uma equipe no meio popular, mas em unidade e comunhão com a hierarquia, dando lugar, assim, à sua força transformadora²¹⁶.

A decisão de iniciar essa experiência não foi precedida de uma longa discussão ideológica e com um programa claro de ação, nem de uma metodologia exaustivamente debatida. A equipe era movida por um único sentimento: era preciso fazer alguma coisa diferente, em nível pastoral, que procurasse incorporar as camadas populares e que, em seu conteúdo, incorporasse um mínimo de sensibilidade aos problemas sociais. Eram necessários

²¹⁵ FICARELLI, Pe. André. *A Igreja do Acre e Purus e os Servos de Maria*, p. 23. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

²¹⁶ A partir de fevereiro de 1971, uma equipe formada pelo Pe. Manoel Pacífico, Mássimo Mengarelli, Nilson Mourão e Leônicio Asfury, passaram a desenvolver de modo sistemático um trabalho pastoral no bairro. A realização dessa experiência foi o resultado de uma decisão subjetiva dessa equipe, com o consentimento formal de Dom Giocondo.

agentes externos que trouxessem sua realidade para dentro da equipe e sensibilizassem a todos com sua dura realidade. A equipe decidiu morar no próprio bairro, numa casa modesta e pobre, que em nada diferia das outras. Acreditavam que desse modo seria possível realizar um trabalho sério e consistente. Num texto intitulado Auto Crítica, a equipe fez a seguinte observação:

A opção da equipe de se estabelecer num bairro marginalizado se movia num gesto de profunda solidariedade com a vida desse povo. Acreditávamos, com sinceridade, que só poderíamos realizar algum trabalho sério se experimentássemos a vida daquela gente. Se bebêssemos da mesma água, tomássemos o mesmo ônibus, comêssemos do mesmo pão e dormíssemos na mesma rede. Nossa solidariedade não seria de fachada, mas em razão de uma experiência existencial. Nossa intenção era, então, estando inseridos no meio do povo, partilhando de sua vida, tentar descobrir sua linguagem, seu modo de viver, suas expectativas, sua situação de vida. Queríamos captar o pensamento do povo acerca de sua situação e a interpretação que eles davam aos acontecimentos²¹⁷.

Todas as paróquias precisavam ser descentralizadas em pequenas comunidades, onde fosse possível experimentar o amor do Pai, como família cristã, e fermentar toda a massa humana. Aos poucos, aquela experiência se espalhou rapidamente pela cidade, como serviço concreto de evangelização, de caridade e o compromisso social, em favor dos últimos e mais pobres. Não se podia continuar a evangelizar os mesmos evangelizados de sempre. Abriu-se um novo e mais amplo horizonte de evangelização, até alcançar os becos mais distantes das paróquias, começando pequenas Comunidades nas casas, com participação de adultos, jovens e crianças. A casa se convertia em pequena CEB, onde recebia com frequência a visita do padre para celebrar a missa no terreiro da casa.

O novo método pastoral se espalhou rapidamente para as áreas rurais, onde ainda acontecia a clássica desobriga às rarefeitas populações da mata, com uma catequese reduzida ao mínimo necessário e à administração dos sacramentos. No novo tempo, a visita e a presença do padre, das irmãs, ou leigos, nas zonas rurais tinha como finalidade principal criar pequenas comunidades cristãs, procurando que fossem autossuficientes; suscitar e formar líderes comunitários, que deviam conduzir a comunidade e preparar seus membros para a vida sacramental. Era um trabalho pastoral muito difícil, porque exigia muita coragem pelas dificuldades de transporte, perigos e empecilhos de todo tipo. Além disso, também exigia uma constante animação por parte dos padres e uma formação pastoral específica. A maior

²¹⁷ VV.AA. *Documento Auto Crítica*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

dificuldade decorria da flutuação da população que, face à expansão do latifúndio, tinha que abandonar suas terras.

Nessas caminhadas pelas matas, sem recursos porque nem era possível carregar muitas coisas, sendo que se deviam fazer muitas horas a pé, muitas vezes o medo tomava conta da gente, quando de um momento para outro o vento soprava forte, as árvores se curvavam, galhos quebravam e caiam, onça esturava, cavalos se assustavam, atoleiros impediam passagens, chuvas, raios, trovões, e nada se podia fazer contra a natureza. As pessoas ao perceber que se tinha medo diziam: “A senhora não confia em Deus, não? Se Deus quiser, nada vai acontecer”. Ao dormir no relento, sentíamo-nos felizes enquanto cavalos, vacas, porcos, cachorros, rondavam ao redor da gente, porque era sinal que não havia onça ou inseto (cobra)²¹⁸.

As Comunidades rurais, formadas por agricultores ou seringueiros, conseguiam mais facilmente realizar uma evangelização ou catequese inculcada, ligando com mais espontaneidade o Evangelho com a vida comunitária. Vivendo na mesma realidade social, seus membros enfrentavam com mais clareza os problemas comuns, formando associações de colonos, reivindicando seus direitos e lutando pelos objetivos coletivos.

Houve várias ações, de iniciativa popular, que procuraram melhorar a realidade do povo. Escolas de alfabetização de jovens e adultos, muito precárias, mas que deram uma grande contribuição para amenizar o analfabetismo reinante; práticas de saúde alternativa, com estudo e conhecimento de plantas medicinais contribuíram na melhora e qualidade de vida do povo; fundação de diversas associações: MORHAN (Movimento de Reabilitação do Hanseniano), lavadeiras, sindicato dos trabalhadores rurais, associações de seringueiros.

Nesses anos, além de tudo isso, e forçada pelas circunstâncias e situações de evidente injustiça, a Igreja se fez defensora da defesa dos direitos dos pobres, colocando-se a seu lado, contra a prepotência dos grupos dominantes. Era o único caminho a escolher para ser coerentes com o Evangelho. Era o novo modo de ser Igreja.

3.2.2 Primeiro Plano de Pastoral: ir ao encontro do povo

Dom Giocondo, após sua participação no Concílio, começou a delinear os contornos da nova imagem da Igreja proposta pelo Vaticano II. À luz do Plano Pastoral de Conjunto dos bispos do Brasil (1966-1970), Dom Giocondo procurou, sem abandonar algumas obras assistenciais, ainda necessárias e úteis ao desenvolvimento da região, dar mais ênfase à evangelização do que à sacramentalização, como também investir menos em obras sociais e mais nos agentes de pastoral.

²¹⁸ RIQUETTI, Irmã Zulmira Antônia. *Trabalho da CRB*, p. 2. Arquivo da Província Catequistas Franciscanas. Porto Velho.

Em maio de 1971 Dom Giocondo convocou a Primeira Assembleia Geral de todos os Agentes Pastorais da Prelazia, tentando descobrir e traçar novos caminhos para uma ação pastoral conjunta. Era a primeira vez que os leigos participavam de uma reunião para tratar assuntos de pastoral, junto aos padres e religiosas, que eram os que decidiam anteriormente tudo o relacionado com a vida pastoral da Prelazia. Essa reunião foi o ponto de partida da renovação eclesial da Prelazia, organizando todas as ações pastorais de forma conjunta e organizada. Foram tomadas decisões importantes: a ação pastoral de conjunto; novo modelo de evangelização; formação espiritual e cultural dos agentes de pastoral; inserção dos leigos nos trabalhos pastorais; criação de Comunidades Eclesiais de Base; criação de um Centro catequético; instituição do Conselho de Pastoral; valorização dos meios de comunicação social; autêntica promoção humana²¹⁹. Tudo isso não ficou no papel, pois todos se puseram mãos à obra, apesar de algumas resistências.

Os debates em torno da evangelização e das Comunidades Eclesiais de Base, à procura de novas formas de promoção humana, e ainda as trocas de ideias em torno do Conselho Prelatício e da administração econômica da Prelazia, desencadearam uma série de reflexões e atividades pastorais importantes. Sublinhou-se a necessidade de uma ação pastoral planejada e estabeleceram-se algumas prioridades.

Assim, nasceu o Centro Catequético da Prelazia, colocando subsídios atualizados a disposição dos agentes de pastoral, nessa hora de renovação e revisão dos quadros tradicionais. Foi criado também o Conselho Prelatício, como instrumento válido de corresponsabilidade eclesial. Nasceram vários encontros de reflexão, como o dos agentes pastorais de Rio Branco e o Conselho Geral dos Movimentos Juvenis, unificando toda a pastoral juvenil. E, junto a isso, nasceram várias Comunidades de Base.

Dom Giocondo percebeu que a Igreja estava num momento de graça. Com o entusiasmo que lhe era peculiar, assumiu como próprias todas as decisões tomadas comunitariamente, embora soubesse que era um salto no escuro e que alguns ainda não tinham captado os sinais dos tempos. Assim, a preparação do I Plano de Pastoral, acolhendo a linha pastoral da CNBB, traçava os princípios orientadores:

- Não será possível formar o cristão se não se garantir ao homem um mínimo de condições humanas. Por isso, ainda que em caráter supletivo, a Igreja, na Prelazia do Acre e Purus, coloca-se ao lado de todas as forças vivas de promoção social. Do organograma aparecerá claramente a importância atribuída a este setor de atividade;

²¹⁹ FICARELLI, Pe. André. *Op. cit.*

- Todas as atividades têm no bispo sua unidade e sua força; mesmo garantindo a descentralização, tudo será feito com ele e nada sem ele. Desta unidade se espera uma força maior, fruto do entrosamento de todas as forças atuantes e uma maior e melhor organização;

- O Plano Prelatício é formulado tendo como bases: a realidade objetiva da circunscrição eclesiástica; o plano regional de Pastoral (Regional Norte I); o plano nacional de Pastoral de Conjunto; o possível plano estadual;

- O plano Regional reduziu as seis linhas de ação do Nacional a três apenas, e o Plano Prelatício reduziu as três do Regional a duas; a saber: Religião (linha 1-5 do Nacional; linha 1-2 do Regional); Caridade (linha 6 do Nacional; linha 3 do Regional); Na linha Religião é fixado o programa diretamente religioso e na linha Caridade o da ação social²²⁰.

De início ficou revelado o objetivo do Plano, que era o objetivo da Igreja do Acre e Purus: Caminhar ao encontro da base, do povo simples. A Catequese deveria ser o carro chefe da nova vida a ser oferecida ao povo sofrido e explorado, vítima do egoísmo mais desumano vivido no tempo da escravidão da borracha. Deviam ser os próprios seringueiros os que catequizassem seus próprios irmãos, porque eram os únicos que podiam embrenhar-se nas matas, e fazer-se multiplicadores da Palavra libertadora que devia ser anunciada, confessada e testemunhada (também porque a falta de sacerdotes não permitia outra coisa).

A formação, em todos os níveis, foi a maior prioridade, convertendo-se no elemento principal da nova pastoral implantada através do Plano de Pastoral. Foram organizadas várias etapas de formação de catequistas, monitores e líderes que, de uma forma ou de outra, geravam pequenas comunidades de vida fraterna, à luz da Palavra de Deus. Ao iniciar cada uma dessas etapas, às quais acorriam tantas e tão diversas pessoas, Dom Giocondo refletia, assim, antes de começar: “É preciso amar os homens como eles são agora, isto é, segundo toda a sua amplitude futura, manifesta na promessa daquilo que eles são hoje”²²¹.

A formação devia levar a convicções firmes e duradouras no conhecimento da mensagem de Jesus Cristo, pois nunca tiveram essa vida e prática cristã, dada a escravidão, o abandono, a precariedade e transitoriedade da vida no seringal. Devia partir tudo de uma opção pessoal, para ser fermento na própria barraca, na colocação do seringal e no seu trabalho. Todos deviam ser responsáveis pela família e pela sociedade, sentindo os problemas e necessidades da humanidade, e da sociedade acreana em particular. Era necessária, portanto, uma renovação autêntica. Era a hora da verdade. Ninguém podia ficar alheio à voz da Igreja. Na missa de encerramento de formação com os catequistas, Dom Giocondo disse:

²²⁰ GROTTI, Dom Giocondo. *Documentos*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

²²¹ *Ibidem*.

Catequese é grande a necessidade do nosso povo, que precisa passar: de noções vagas e de conhecimentos reduzidos a convicções exatas e um conhecimento pleno da mensagem de Cristo; de uma religiosidade de tradição a uma religiosidade consciente de opção pessoal; de formas externas de valor relativo a formas de religiosidade mais vitais e atualizadas; do passivismo religioso ao ativismo cristão, sentindo-se responsável: de si mesmo, de sua família, de sua paróquia, de sua cidade, sentindo, inclusive, as ânsias e as angústias de toda a humanidade que precisa de Cristo e de sua mensagem para se tornar verdadeira e autenticamente humana. Para isso é necessário renovar-se. Renovar-se, e não renovar apenas os métodos e o conteúdo, mas renovar-se de verdade: sentindo profundamente o problema da ignorância religiosa, sentindo-o como problema pessoal; empenhando-se para a solução do mesmo, atuando de maneira discreta, mas concreta, em casa e fora de casa, na paróquia e fora da paróquia, no trabalho e fora do trabalho, sempre e em toda parte, agindo como fermento. Esta é a hora da decisão: ninguém pode ficar alheio à voz da Igreja que chama a todos, indistintamente, para, segundo a variedade dos dons recebidos, assumirem e serem apóstolos. (Rio Branco 24/1/71)²²².

Dom Giocondo ainda acrescentava que era necessário conhecer a realidade (homens e mulheres da terra) para, a partir dela e à luz do Evangelho, acolhê-la compassivamente e, aos poucos, transformá-la. Sempre alegres na esperança, embora tendo que ser pacientes na tribulação que cada dia se enfrentava, para ser coerentes com a fé que se professava. Ao término de uma etapa de formação e, após a revisão do que tinha sido feito, buscando novas prospectivas, disse:

Semeamos, semeamos com confiança e somente vamos ver como cuidar do que foi semeado... [...] Trabalhar em grupo não é fácil, mas é bom, é riqueza, é força, é animação, é entusiasmo, é estímulo..., e é, sobretudo, sinal. Sinal da divindade daquele que nos enviou para pregar e que da nossa unidade, nesta riquíssima diversidade disse que haveriam de conhecê-lo como Homem-Deus. Que os passos dados sejam seguidos por outros passos, que haja continuação nesta caminhada e ao amor que regou abundantemente esta experiência acrescente, a brisa benéfica e salvífica da bênção de Deus, Filho e Espírito Santo. Amém. (Rio Branco, 05-08-71)²²³.

O Plano de Pastoral dedicava também bastante espaço à vida sacramental. Ele constatava que a vivência sacramental deixava a desejar. E, em seguida, dizia que o sacramento assume seu real sentido quando vivido e celebrado dentro da comunidade. Celebrado fora da comunidade, torna-se vazio e sem vida. A Igreja queria caminhar ao encontro da base, para que a Igreja fosse povo e, assim, este seria o Povo de Deus.

²²² *Ibidem*.

²²³ *Ibidem*.

3.2.3 Igreja ministerial: Protagonismo dos leigos

Nas novas Comunidades Eclesiais os leigos passaram a ter o protagonismo indicado pelo Concílio. Eles deviam ser os novos sujeitos de evangelização do povo. Era a grande novidade das CEBs. Era também o grande risco que corria a Igreja, mudando consideravelmente o sujeito ativo da evangelização, passando dos padres para os leigos. Se as CEBs eram um novo modo de ser Igreja, elas implicavam também um novo modo de ser presbítero e uma nova prática pastoral.

A *Apostolicam Actuositatem* já falava: “Impõe-se, portanto, a todos os fieis o sublime encargo de trabalharem para que a mensagem divina da salvação seja conhecida por todos os homens, em toda a terra” (AA 3). O Concílio incentivava os leigos a colaborar diligentemente, segundo a capacidade intelectual e formação de cada um, segundo o pensamento da Igreja, para colaborar em explicitar, defender e aplicar devidamente os princípios cristãos no nosso tempo, e diante dos problemas que se espalham constantemente, tentando destruir a religião, a ordem moral e a própria sociedade (AA 6).

Posteriormente, também a Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* dizia: “Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal, devem também eles, através disso mesmo, atuar uma singular forma de evangelização” (EN 70).

Na Apresentação do documento 62 da CNBB disse que “retoma uma preocupação presente na *Christifideles Laici*, que deseja, na vida do leigo cristão, unidade e comunicação entre a inserção nas realidades temporais e a vida no Espírito, que brota da comunhão com Cristo fundada no Batismo, a fim de que leigos e leigas possam santificar-se no mundo (cf. CfL, que cita AA 4)”. E, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, fruto da Assembleia da CNBB de 1995, temos a visão da evangelização amplamente desenvolvida:

Salientam-se nelas quatro aspectos essenciais para a evangelização inculturada: serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão, que tem fundamento no Novo Testamento. Esta opção das Diretrizes foi justificada no próprio texto e se fundamenta principalmente em duas razões: o seu caráter prático, que provém da experiência da própria Igreja antiga e se presta a descrever eficazmente as grandes tarefas da Igreja no mundo de hoje; a sua capacidade de expressar, melhor do que outras formulações, a novidade da prática inaugurada por Jesus, confiada a seus discípulos²²⁴.

A ação dos leigos passou a ser de fundamental importância na vida das novas Comunidades, pois os ministros ordenados sozinhos, e responsáveis pela vida pastoral entre o povo, não conseguiam produzir muitos frutos. Assim, os leigos, com verdadeiro espírito

²²⁴ CNBB. Doc. 62, 52-53.

apostólico, supriam o que faltava no campo de apostolado e, ao mesmo tempo, davam um novo ânimo na revitalização da vida comunitária (AA 10).

Para Leonardo Boff, isso implicava: “Ter a coragem de deixar crescer uma Igreja popular, uma Igreja do povo, com os valores do povo, em termos de linguagem, expressão litúrgica, religiosidade popular etc. Até há pouco a Igreja não era do povo, mas dos padres para o povo”²²⁵. E, ao mesmo tempo, existia também uma fragilidade no meio desse processo, “Uma fragilidade evangélica, proveniente do fato de as CEBs serem integradas por gente pobre, semianalfabeta, oprimida e alienada, mas que apesar e por causa disso é depositária da missão da Igreja e das promessas do Reino”²²⁶.

A formação dos leigos para assumirem essa causa foi o grande desafio. Unir fé e comunidade não era tarefa fácil, para ser realizada de um dia para outro. Necessitava-se semear muito naquele novo solo, cheio de grandes desafios, e cultivar os pequenos e frágeis brotos que apareciam. Os novos agentes de pastoral deviam receber formação e treinamento para desenvolver principalmente o papel de coordenadores ou monitores na frente das suas Comunidades. “Se não é pela fé, um treinamento se justifica pela consciência que dá ao pessoal de seus direitos concretos com vistas a vencer a velha e negra opressão e marginalização em que se acham. Além da do Evangelho como tal, a causa do Povo vale toda a pena. Os monitores, despertados, iriam ajudar seu povo a se despertar”²²⁷.

O primeiro treinamento de monitores, realizado nos dias 11 e 12 de setembro de 1971, como os outros treinamentos que se seguiram depois, eram treinamentos bastante rápidos, de apenas um dia e meio de duração, de intensa vida comunitária e um roteiro de palestras, debates e encenações, obedecendo ao seguinte esquema: 1^a. A realidade do mundo que nos cerca; 2^a. Jesus Cristo; 3^a. Igreja como Comunidade; 4^a. O monitor; 5^a. O Novo Testamento.

Com a multiplicação dos grupos e o nascimento das Comunidades, tornou-se sempre mais imperioso, como consequência de uma opção de fé e amor evangélicos, um trabalho lento e persistente de conscientização. Conscientização era imprescindível numa evangelização libertadora que encarava a totalidade do homem. Precisava-se criar uma rede de Comunidades, tendo o leigo como protagonista principal, e onde os pobres criassem uma real fraternidade, sendo solidários e promovendo a libertação dos oprimidos²²⁸.

Depois, cada qual, compreendeu sua missão específica: a Igreja-grande – instituição assume a rede de comunidades de base, presta-lhes serviços que

²²⁵ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1994, p. 223.

²²⁶ BOFF, Clodovis. *Teologia Pé-no-Chão*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 115.

²²⁷ *Ibidem*, p. 56.

²²⁸ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1978, p. 91.

somente uma instituição organizada pode prestar, confere-lhe universalidade e a coloca na grande tradição apostólica; a rede de comunidades de base restituí à Igreja seu caráter comunitário, enraíza a fé na história, faz encarnar os anseios do povo a condições mais humanas de vida dentro do mistério da salvação de Jesus Cristo e permite uma verdadeira eclesiogênese no sentido de a Igreja se re-inventar em seus novos ministérios, em sua expressão litúrgica e nos acentos novos que coloca nas verdades cristãs, elaborando uma síntese original entre vida e fé²²⁹.

Não era qualquer um que se tornava agente de pastoral de um dia para outro. No Plano de Pastoral já eram definidos alguns critérios para todos saberem quem podia ser agente de pastoral. A pessoa devia ser escolhida e aceita pela comunidade. Não era o bispo quem a escolhia. Não era o vigário quem a indicava. Na Prelazia o agente de pastoral era o cristão que a própria comunidade aceitava e escolhia para coordená-la. Assim, a pessoa escolhida devia submeter-se às exigências de sua função: testemunho de vida cristã; comunhão com a Igreja; engajamento na comunidade; sentido de corresponsabilidade; aceitação das normas do Plano de Pastoral. Contudo, os agentes não são improvisados²³⁰. Eram formados através de treinamentos, tanto em nível de paróquia como de Prelazia. O papel do monitor era justamente coordenar: juntar, unir, aproximar as pessoas e os grupos, animar e ajuntar o pessoal. A função do monitor era ser um eixo entre os diversos grupos, articulando o movimento de cada um numa caminhada só.

Nas teologias anteriores se colocavam os ministérios acima da Igreja. Mais do que serviços, eram funções criadoras. A hierarquia parecia não estar a serviço da Igreja, mas se achava a fundadora da Igreja. Com a nova visão do Vaticano II, os ministérios começaram a ser serviços para agir dentro e em favor da própria Igreja e também tornavam visível a ação da Igreja dentro da mesma realidade humana. Novos carismas e serviços, portanto, surgiram diante das necessidades que apresentavam as Comunidades. Os serviços deviam ser em favor do povo e dentro do povo, no verdadeiro espírito fraternal e comunitário. Existia uma igualdade fundamental nessa forma de ser Igreja, pois todos tinham consciência de ser o Povo de Deus. Todos recebiam o envio oficial de parte da Igreja, pois todos eram responsáveis pela unidade da Comunidade e todos se deviam ajudar na própria santificação.

Estão aí, todos em círculo. Olho-os e vejo a Igreja dos pobres. São na verdade todos lavradores, seringueiros, pequenos comerciantes, lavadeiras, domésticas etc. Vejo a Igreja dos leigos: são os batizados, que assumem sua fé e sua Igreja como coisa própria. A divisão de trabalho não é rígida como aparece no caso do clero. Há ministros entre eles: dos enfermos, do dízimo,

²²⁹ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1978, p. 85.

²³⁰ LIBANIO, Frei Alberto. O canto do galo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 37, fasc. 146, junho de 1977, p. 263.

da catequese, da Palavra (monitor), do canto, da oração, dos direitos humanos etc. Mas são funções não vitalícias, pouco institucionalizadas, e em profunda igualdade entre elas (sem hierarquia verticalista). Por fim, vejo aí a Igreja dos vencidos, dos derrotados, mas não dos covardes e acomodados. É uma Igreja da resistência, da constância e da esperança, como era a Igreja do livro do Apocalipse. É uma Igreja que “não abre” e que morre de pé²³¹.

Diante da nova realidade havia um ofício especial e fundamental, como era o de dar unidade a todos os serviços para que tudo crescesse na harmonia: é a função do presbítero na comunidade paroquial, a do bispo na comunidade diocesana e a do monitor na comunidade local e particular. O importante era ser sinal de unidade, tanto na organização como na transmissão da fé. Aos poucos, foram-se dando os passos necessários para a promoção e protagonismo dos leigos. Era o novo Povo de Deus caminhando junto com seus pastores.

3.2.4 A Palavra de Deus: luz e alimento das Comunidades

O contato com a Bíblia teve um grande alcance evangelizador no âmbito das CEBs, pois elas propiciaram que a Sagrada Escritura se tornasse familiar e, ao mesmo tempo, também popular, fazendo parte da vida do povo. Era uma experiência nova, que não existia na vida do povo, nem nas anteriores práticas pastorais. Dentro da tradicional religiosidade do povo a Bíblia não tinha espaço nem maior importância.

É de admirar, como nas CEBs, o fato de colocar a Bíblia nas mãos do povo, produziu um efeito de profunda transformação, tanto em nível pessoal, como familiar, comunitário e social. A religiosidade popular continuava viva, mas com novos referenciais que fizeram mudar totalmente a vida do povo. As pessoas descobriram na Palavra de Deus o alimento de sua religiosidade. Muitas CEBs nasceram a partir da leitura, explicação, meditação e oração da Sagrada Escritura. Ela foi sempre motivo de inspiração, motivação e ação para a vida da Comunidade Eclesial²³².

Foi nas CEBs onde o povo descobriu que era Igreja, pois podiam viver uns ajudando os outros, alimentados pela Palavra de Deus, sem depender das esporádicas visitas do padre quando passava por aqueles recônditos lugares, nem esperar a chegada das festas tradicionais. Era algo que eles podiam fazer com frequência e sempre que necessitassem. E, ao mesmo

²³¹ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 102.

²³² Segundo Comblin: “A leitura das comunidades de base não é puramente popular. Ela é uma leitura feita nas comunidades populares com uma forte contribuição dos agentes de pastoral. Não se trata de uma leitura nem espontânea, nem ingênua. Por isso a leitura popular da Bíblia nas comunidades de base não é nem renovação das heresias ou dos cismas populares de outrora, nem a continuação anacrônica nos nossos tempos de uma leitura ingênua do passado. Ela é uma leitura crítica, e uma leitura eclesial”. COMBLIN, José. Critérios para um comentário da Bíblia. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, fasc. 166, Jun. 1982, p. 308.

tempo, o povo começou a se sentir importante e capaz de procurar soluções para seus próprios problemas sem ter que esperar pelos outros. O povo queria ser protagonista de sua própria história. Começou, assim, a ser sujeito ativo de sua própria evangelização.

De fato a Bíblia é considerada como o núcleo fundante das CEBs. É o elemento identificador de seu caráter cristão e eclesial. Nas CEBs se verifica de modo transparente esta convicção da eclesiologia: de que a Igreja de Cristo se constrói ao redor e em cima da palavra de Deus. De que é esta que convoca a Comunidade, a cria e a recria. A CEB é Igreja exatamente porque se põe a ouvir a Palavra e a responder a ela dialogicamente²³³.

A Bíblia começou a ser o livro da Comunidade, onde a Palavra de Deus era lida, comentada, ouvida e confrontada pela própria Comunidade. Por isso, o livro sagrado passou a ser venerado e entronizado em todas as celebrações das Comunidades. Ganhou destaque e valorização por parte do povo, como ninguém jamais teria imaginado, prova evidente da mudança que a Palavra de Deus faz acontecer nos corações mais simples e humildes. Acabou formando a consciência de que todos eram Povo de Deus.

O povo sentia fome da Palavra de Deus. Reclamava quando faltava a explicação da Bíblia. Não cansavam de dar ouvidos e se queixavam quando não se falava da Palavra de Deus. Não cansavam de escutar e aprender, a seu modo e maneira, de tudo o que fazia referência à Palavra de Deus. Assim, foram capazes de doar-se pela causa do Evangelho e dos mais, pobres. “O povo está enxergando a liberdade e os seus direitos por intermédio da Palavra de Deus. O povo tem agora a coragem de gritar pela justiça. Conta que num grupo uma mulher abriu o livro e disse: Taqui nossa regra: quem morre calado é sapo debaixo do pé do boi (Maria Lúcia)”²³⁴.

A estreita relação Evangelho-vida que se promulgava fazia compreender que se devia partir da própria vida comunitária e seu ambiente, para depois passar a um âmbito maior da sociedade, acontecendo a mudança de vida desejada. “O Evangelho é vida, por isso temos que ligar os dois. Do Reino de Deus se fala partindo dos problemas do povo. E quando se fala dos problemas do povo, se fala da vida de Cristo (João Martins)”²³⁵. A fé fazia parte da vida, tanto pessoal como comunitária, adquirindo nova luz e abrindo novos horizontes, no meio da realidade opressora, cruel e injusta que o povo vivia. “É preciso dizer que nesses interiores, os encontros de Evangelho são encontros integrais. São raras, e mesmo únicas as oportunidades dos seringueiros se encontrarem, pois vivem dispersos na mata pelo sistema de colocação

²³³ BOFF, Clodovis. CEBs: A que ponto estão e para onde vão. Em: *As Comunidades de Base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997, p.279.

²³⁴ BOFF, Clodovis. *Deus e o homem no inferno verde*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 19.

²³⁵ *Ibidem*, p. 111.

(parte de um seringal explorada por uma ou mais famílias)”²³⁶. Assim, ligando a religião à vida cotidiana, tiveram condições de assumir seus problemas ordinários e, todos unidos, buscaram soluções para eles.

Com a chegada do Evangelho também se conseguiu um dos frutos especiais das CEBs: a reconciliação. As numerosas intrigas e inimizades, que existiam no meio do povo, eram o problema maior para ter uma vida comunitária. O Evangelho conseguiu restabelecer laços rompidos, recriando verdadeira fraternidade. As comunidades recobraram, assim, um novo vigor e ânimo. “É comum o pessoal contar a história de um lugar nesses termos: antes, todos eram desunidos, havia cachaçadas, violência, confusão; mas depois que o povo se reuniu para ler o Evangelho, todos ficaram mais unidos, um ajudando o outro, sem brigas, nem vícios, tudo na santa paz”²³⁷.

As paróquias se organizaram com muita criatividade, com encontros mensais dos monitores das colônias, mini treinamentos nas áreas, cursos bíblicos e reuniões semanais com os monitores residentes na cidade. Por sinal, foi o tempo em que começaram os treinamentos até nos seringais, exigindo-se para tanto, uma organização descomunal. A massa continuava sendo analfabeta e desconhecia totalmente a Bíblia. Mesmo assim, alguns monitores davam sinais de sabedoria e preparação para enfrentar os desafios que as Comunidades foram apresentando, no seu dia a dia.

Essa constatação é confortadora e produz alívio pastoral. Pois a Bíblia é o segredo da força das CEBs. É tida como seu coração. Como sua raiz. E se a raiz está sadia, então a árvore está salva. De fato, decai a Igreja à medida em que se afasta da Palavra. E, ao contrário, cresce à medida em que se aproxima dela. A Igreja se forma e se reforma pelo vigor da Palavra²³⁸.

Nas CEBs se fazia uma verdadeira articulação da vida sacramental, com a iniciativa e empenho de todos os membros da Comunidade, visando principalmente a transformação da vida. Os monitores, junto com a Comunidade, demonstravam, assim, um verdadeiro amadurecimento da fé, diante da grande passividade que viviam anteriormente.

Com o crescimento das Comunidades, e para manter a unidade e comunhão entre todos, houve que criar meios de articulação para poder chegar até os lugares mais recônditos e afastados. Os novos Meios de Comunicação Social foram fundamentais para que as Comunidades mantivessem seu espírito vivo e atuante.

²³⁶ *Ibidem*, p. 37.

²³⁷ *Ibidem*, p. 87-88.

²³⁸ *Ibidem*, p. 279.

3.2.5 MCS: Veículo de unidade e comunhão

O povo que morava no interior da floresta, no meio da solidão da mata, e afastados uns dos outros por longas horas de viagem, através de ramais, rios e igarapés, sentiam a necessidade de reunir-se para celebrar sua fé rudimentar, queriam viver em comunhão com os irmãos que viviam a mesma fé. Era algo essencial para viver e manter viva a fé.

Os Meios de Comunicação Social (MCS), que existiam na época, foram todos usados em benefício da evangelização e, sobretudo, visando o espírito de unidade e comunhão. Foi uma explosão no âmbito de toda a Prelazia. Dom Giocondo, no final da década dos 60, iniciou o programa da Ave Maria, todos os dias, às 18 horas. Eram momentos de reflexão e de comunicação com o povo, principalmente com os ouvintes do interior da Prelazia, que escutavam através da Difusora Acreana a voz do seu Pastor.

As CEBs das diversas paróquias fortaleciam sua caminhada de conjunto através do boletim Nós Irmãos e do programa de rádio Somos Todos Irmãos. Esses meios eram considerados imperdíveis, pois constituíam uma verdadeira rede de comunicação comunitária, entre as CEBs da cidade e as da área rural.

O boletim Nós Irmãos²³⁹ passou a manter informados os monitores e outros agentes de pastoral, de forma mensal, sobre tudo aquilo que acontecia na Prelazia. No seu primeiro número, na editorial, falava-se do seu objetivo:

Alô, gente. Aqui estamos fazendo do “Nós Irmãos”, a voz de toda a Prelazia. Num momento como este em que a Prelazia está abalada pastoralmente, este boletim vem a ser um elo de união entre todas as comunidades. Notícias das comunidades de Brasiléia, Sena, Quinari, Boca do Acre, Leprosário, Xapuri, Experimental, etc... serão conhecidas em todos os cantos. Deixaremos de viver ilhados. Nossas alegrias e tristezas serão partilhadas. Momentos de dor como a ausência do nosso saudoso Giocondo e momentos de alegria como o das novas caminhadas pastorais²⁴⁰.

Nas suas páginas se encontrava de tudo: desde a notícia da morte de um ser querido, ou pessoa importante da Comunidade, até as palavras do Bispo e as indicações para o culto dominical a celebrar por cada Comunidade. O crescimento das Comunidades animava a todos. As diferentes atividades incentivavam uns aos outros a viver essa nova vida surgida no meio do povo. Ninguém ficava de braços cruzados, contando suas atividades, os treinamentos

²³⁹ Em dezembro de 1972, como prova do grande dinamismo que existia, a Prelazia iniciou a publicação do boletim diocesano Nós Irmãos. Era um simples boletim mimeografado que se tornou o instrumento mais importante para a veiculação de notícias, espaço para fazer denúncias sobre a situação política e fundiária, lugar de informações e comunicação para todas as Comunidades da Prelazia, principalmente do interior, mantendo e fazendo de elo entre todas.

²⁴⁰ Boletim “Nós Irmãos”, julho-agosto/81, p. 15. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

de formação, o nascimento de novos grupos de evangelização, a animação que surgia quando aparecia alguma Irmã. Era sempre uma festa para a Comunidade!²⁴¹.

O Boletim era o único veículo de comunicação na ampla, e cada vez maior, rede de Comunidades espalhadas por todo o vastíssimo território da Prelazia. Todos se sentiam partícipes, todos se sentiam importantes, todos conheciam o que estava acontecendo nas diversas paróquias, todos se sentiam parte da mesma Igreja. Era o boletim da Prelazia!²⁴²

Posteriormente, já na década dos anos 70 (1973), e também através das ondas da Rádio Difusora, começou o programa Somos todos Irmãos²⁴³, veiculado aos sábados. Era o programa preferido dos líderes das Comunidades, pois era a forma de manter viva a comunicação e fazer ecoar por toda a floresta a Boa Nova do Evangelho. As notícias da Prelazia, os programas de encontros, as novidades paroquiais, as visitas dos padres às Comunidades, as desobrigas, os avisos, tudo era repassado através das ondas da Voz da Floresta. Tudo era escutado com o maior interesse e repassado depois pelos monitores para sua Comunidade. O rádio de pilhas foi também um elemento determinante para a vida da Igreja.

Nas Comunidades sempre existiam artistas, que diante da liberdade de expressão que se praticava, mostravam com frequência seus saberes e qualidades para enriquecimento de todos. Poesias, desenhos, cartazes, eram práticas comuns, onde se manifestava o sentir do povo na caminhada à procura de uma vida melhor. Houve poetas e compositores que colocaram suas qualidades artísticas ao serviço das Comunidades, ultrapassando muitas vezes os limites geográficos do Acre.

O povo se alegrava, compunha seus cantos e suas orações para rezar e uns ensinavam para outros. Quantas e quantos analfabetos artistas fazendo seus cantos, suas poesias e suas orações. Nas assembleias e encontros de formação as pessoas sempre conseguiam improvisar um mural para expor sua criatividade. E se alegravam muito. Os temas dos cantos, poesias e

²⁴¹ Boletim “Nós Irmãos”, setembro 1972, p. 3. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

²⁴² “Nós tínhamos um boletim que fugia ao controle da censura porque era mimeografado. Não precisava ter autorização. Servia de instrumento para as notícias, documentos das tomadas de posição, que era espalhado no interior, nas mãos de todos os monitores. Ele se tornou, realmente, um meio de comunicação e também de protesto. E depois, ele ia pelo mundo. Nós mandávamos exemplares para o mundo inteiro, e então, as pessoas tinham possibilidades de apoiar, de serem solidárias. Foi instrumento muito útil. Era considerado, no mundo especializado desse tipo de boletim, no período, o melhor. E era feito de uma maneira muito precária, mas eu recebi muitas informações de que era o melhor boletim, o mais autêntico que tinha na região”. GRECHI, Dom Moacyr. Entrevista em “*Seringueiro, memória, história e identidade*”, vol. II, p. 539.

²⁴³ Com o nome “Somos todos Irmãos”, o dia 17 de março, entrou no ar, através da Difusora, no horário das 6 horas da manhã e da noite, aos sábados, o programa semanal da Prelazia. [...] Não deixe de ouvir semanalmente mais este programa. Ele é meu. Ele é seu. Ele é nosso! Boletim “Nós Irmãos”, março 1973, p. 3. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

orações giravam em torno do Cristo Crucificado, a seringueira de onde tira o látex, e aí há toda uma espiritualidade cultivada no dia a dia, na labuta para o sustento da família e em torno da qual se cria uma grande profundidade na oração e no modo de ser das pessoas em defesa da vida e da criação. A mata para o seringueiro é casa, é alimento, é repouso, é vida e é templo. O homem e a mulher da floresta são contemplativos. Eles tem uma maneira de se alegrar sem fazer zoada. Pode estar uma multidão reunida e não fazem barulho²⁴⁴.

Através desses meios de comunicação, simples e humildes, o Evangelho ecoava por toda a floresta, levando alegria e esperança para todos. Era a Boa Nova proclamada para todo o novo Povo de Deus espalhado pela selva. O povo precisava passar pela Palavra de Deus para chegar até seu Espírito. Foi grande o esforço que se fez na nova pastoral para que o povo se apropriasse da Bíblia.

3.3 Novo Povo de Deus

O sistema sócio-econômico-político vigente levou o povo da floresta a uma vivência de marginalização e exclusão total da sociedade, sem estrutura e liberdade, sem dignidade nem direitos. Era gente perdida na mata, sem as características próprias de qualquer povo, e sem nenhuma participação ativa na vida da Igreja.

“O que um povo busca? A liberdade. Como um povo busca a liberdade? Pela liberdade. A liberdade está no começo e está no fim. Não se forma um povo com escravos”²⁴⁵. A massa era analfabeta, desconhecia totalmente a Bíblia e nada entendia do sistema eclesiástico que se expressava em latim. Além disso, não tinha nenhuma capacidade de organização social. Todos ficavam totalmente passivos diante do clero. Não existia nenhuma oposição à Igreja oficial, pois se tinha constituído a famosa aliança entre a Igreja e os ignorantes. Por outro lado, os grupos sociais e as pessoas que se tornavam mais instruídas, mais livres, mais capacitadas para agir, iam reforçar os movimentos de oposição ao sistema. Poderíamos dizer que aquele povo era não povo. Mas essa massa era povo de Deus? Merecia o nome de povo?²⁴⁶.

Até aquele tempo a Igreja não ignorou esse povo, ao menos o tratou como objeto de caridade. Foi uma atitude totalmente paternalista. Os pobres não foram sujeitos, mas objeto da pastoral e de suas práticas de beneficência. Não participavam ativamente da vida da Igreja,

²⁴⁴ RIQUETTI, Irmã Zulmira Antônia. *Op. cit.*

²⁴⁵ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 219.

²⁴⁶ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 59. José Comblin aborda esta temática na sua obra, chegando a falar desse não povo, que ainda não chegou a ser o Povo de Deus.

pois eram simplesmente objeto de seu protecionismo. A caridade foi o exercício que escondeu os gritos dos pobres. Em definitiva, não foram reconhecidos como povo²⁴⁷.

Aos poucos, a Igreja do Acre foi descobrindo aquele novo mundo, aqueles homens e mulheres, a partir do espírito do Vaticano II. Eles não eram ilustrados, senão mal escolarizados ou analfabetos, desintegrados do sistema sócio-econômico-político, eram marginalizados por todos. No fundo, a Igreja teve confiança num futuro diferente. E, sem a consistência própria de sua cultura milenar, mas no meio de uma cultura de madeira, sem durabilidade e sem memória, chegou até os seringais e igarapés mais profundos e longínquos, onde aconteceu o milagre. Tratava-se de verificar como a Igreja é universal dentro do submundo e assumindo a causa dos não-homens.

Uma Igreja pobre, guiada e inspirada pelo Espírito, abraçou o povo de uma cultura efêmera, e sem nenhuma estrutura consistente. O não povo, com a importante colaboração da Igreja, passou a ser uma comunidade de vida. Começaram a aparecer Comunidades Eclesiais nos rios, colônias e ramais de toda a Prelazia. Passou a ser Povo de Deus. A graça negada pela natureza, tornou-se graça fecunda.

“Todos os homens são chamados a formar o novo povo de Deus. Por isso, este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo e em todos os tempos, para que se dar cumprimento ao desígnio de Deus” (LG 13a). E, ainda acrescentava mais: “Por último, também aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão destinados, de modos diversos, a formarem parte do povo de Deus” (LG 16a). A restauração do conceito de Povo de Deus esteve na base da Constituição *Gaudium et Spes*. O conceito Povo de Deus condicionou todos os documentos conciliares. Ele expressava o espírito do Vaticano II, lembrando à Igreja que ela é Povo de Deus²⁴⁸. Posteriormente, o Documento de Puebla, seguindo os passos de Medellín:

Hoje, dez anos depois, a Igreja da AL encontra-se em Puebla em condições ainda melhores para reafirmar, cheia de alegria e de felicidade, sua realidade de Povo de Deus. Neste período após Medellín, nossos povos vivem momentos importantes de encontro consigo mesmos, reencontram o valor de sua história, das culturas indígenas e da religiosidade popular. No meio deste processo descobre-se a presença desse outro povo que acompanha com sua história os nossos povos naturais. Começa-se a apreciar a contribuição dele como fator unificador de nossa cultura que ele tão ricamente fecunda com a seiva do Evangelho. Foi uma fecundação recíproca, já que a Igreja consegue encarnar-se em nossos valores originais e desenvolver, assim, novas expressões da riqueza do Espírito (DP 234).

²⁴⁷ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 81.

²⁴⁸ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 9.

Yves Congar sintetizou muito claramente as intenções da Comissão que preparou o texto votado pela assembleia conciliar:

A intenção era, uma vez demonstradas as causas divinas da Igreja na Santíssima Trindade e na encarnação do Filho de Deus: 1) demonstrar também a Igreja construindo-se na história humana; 2) estendendo-se, humanidade adentro, a diversas categorias de homens desigualmente situadas em relação à plenitude de vida que se encontra em Cristo e do qual é sacramento a Igreja por ele instituída; 3) expor o que é comum a todos os membros do povo de Deus, antes que intervenha qualquer distinção entre eles, em razão de ofício ou de estado, no plano da dignidade da existência cristã²⁴⁹.

Pode-se dizer que o conceito de Povo de Deus simbolizava, de alguma forma, as mudanças propostas e apontadas pelos movimentos que prepararam o ambiente conciliar, procurando superar a concepção jurídica, vertical e autoritária que se tornara quase doutrina na vida da Igreja anterior ao Concílio. Por isso, de todos esses movimentos nasceu uma nova eclesiologia que se sintetizou em torno do conceito de Povo de Deus. “Quem é amigo do povo é amigo de Deus, e quem é amigo de Deus é amigo do povo. Vivendo nessa certeza, a Igreja do Acre e Purus quer ouvir a voz do Espírito através do povo sofrido, de tal modo que, nela, as coisas do Pai (cf. Lc 2,49) sejam sempre as causas do povo”²⁵⁰. Em definitiva, a Igreja devia ser do povo e devia devolver ao povo o que era dele. O povo devia ser Igreja e a Igreja devia ser povo. Ser Povo de Deus é a meta, o ponto final do objetivo desejado²⁵¹. Todos pretendiam uma aproximação da existência do ser humano. Todos queriam situar a Igreja na realidade humana que vivia. Todos desejavam uma Igreja mais humana, e mais inserida na história da humanidade. Ser mais inserida na história era também ser mais fiel às suas origens²⁵².

A Prelazia do Acre e Purus iniciou uma nova caminhada. Como Abraão, ela partiu apoiada apenas na promessa do Senhor, que não esconde sua preferência pelos pobres e oprimidos (Gn 12, 1-4). Assim, a Igreja sacrificou sua tranquilidade e seu prestígio. Passou, inclusive, a ser perseguida pelos ricos e poderosos. As Comunidades Eclesiais foram o revulsivo que precisava a nova realidade social e religiosa, embora muitas vezes mal compreendidas e importunadas.

Aos poucos, a Igreja com seus agentes principais, tomou consciência de que devia estar perto do povo, sentir as necessidades e os problemas do povo, identificar-se nas suas

²⁴⁹ CONGAR, Y. *Op. cit.* 1965, p. 8.

²⁵⁰ LIBANIO, Frei Alberto. *Op. cit.* 1977, p. 251.

²⁵¹ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 95.

²⁵² COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 85.

lutas, fazer suas as angústias e esperanças dos mais sofridos e abandonados, estar ao lado de todos: seringueiros, índios, posseiros, ribeirinhos, homens e mulheres.

3.3.1 Igreja pobre e dos pobres

Os bispos em Medellín consideraram a experiência, que estava pipocando por toda a América Latina, como um novo jeito de ser Igreja, caracterizada pela ligação entre fé e vida, uma Igreja aberta e participativa, comprometida com a causa dos pobres e que era capaz de escutar: “Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte” (Med 14, 2).

O lugar central dos pobres teve seu fundamento na teologia do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Pai tornou-se pobre ao conceder plena liberdade e autonomia às suas criaturas. Cristo identificou-se com os pobres e foi ele próprio o pobre mais despojado na sua crucifixão. O Espírito Santo dirige-se aos pobres. “O reconhecimento da Igreja dos pobres leva necessariamente à mudança nas relações de poder. Não se trata de transferir o poder da hierarquia para os pobres, mas, pelo contrário, de mudar o próprio conteúdo e o modo do poder na Igreja. Há uma maneira pobre e uma maneira rica de exercer o poder”²⁵³. Esse foi o espírito que impregnou o novo modo de ser Igreja, Igreja como Povo de Deus.

É Deus que, por primeiro, optou pelos pobres e é só em consequência que a Igreja optou pelos pobres. “Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2,5; 1 Cor 1,26-28). A comunidade cristã, na sua opção de fé, buscou sua inspiração na fonte originária: sua identidade com o Cristo que se identifica nos pobres. A hierarquia e os leigos colocaram-se ao serviço do povo, assumindo a condição de servos, como Igreja ministerial e ao serviço dos mais necessitados.

Esta concretização do mistério da Igreja no meio dos pobres é tão decisiva que da relação solidária ou não para com eles se decide o destino escatológico de cada ser humano (cf. Mt 25,31-48). A partir da Igreja entre os pobres (fazendo-se pobre e dos pobres) se julgam as demais concretizações do mistério da Igreja em sua função salvadora. De nada definitivamente vale ser a Igreja corpo místico de Cristo, Povo de Deus, comunidade-comunhão, se não conseguir, no momento supremo da vida e da história, garantir a salvação eterna dos homens. Servindo os pobres, trabalhando com eles para a sua libertação universal. A partir daí as demais manifestações de seu mistério ganham plena significação e validade²⁵⁴.

²⁵³ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 100.

²⁵⁴ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1986, p. 35-36.

Ser pobre no Acre, ser povo, era ser nada, ser marginalizado e explorado. Era simplesmente um objeto, que se usava quando se precisava e se rejeitava quando não era mais necessário. “Pois é isso que se experimenta aqui na periferia da periferia: essa gente nunca é reconhecida como sujeitos. Só são agidos, nunca agem. São vítimas de decisões de cima, nunca atores. Alguns poucos são cúmplices”²⁵⁵. A Igreja, muitas vezes, também tratou o povo como objeto de amor, de libertação e de evangelização. Apesar de tudo, Deus escolheu esse povo para fazê-lo o seu povo.

Vendo aqueles homens de pele curtida pelo sol, aquelas mulheres prematuramente envelhecidas pelo peso da vida, os leprosos sentindo-se em casa, pensei na sala conciliar do Vaticano II. A disposição dos bancos na Imaculada (igreja) me trouxe à cabeça a imagem da sessão do Concílio. E veio forte este pensamento: Este é o concílio da Igreja de Deus no Acre e Purus. Aqui dentro estão aqueles que animam as comunidades e se sentem responsáveis pelo anúncio da Palavra. Aqui estão os santos, os mártires e os confessores desta Igreja. Aqui está o Espírito que dá vida ao corpo do Senhor encarnado nesta Igreja²⁵⁶.

O povo acreano sempre sonhou com sua libertação total. Os pobres nunca tiveram voz, pois tinham perdido sua liberdade e identidade na sociedade civil, assim como na vida eclesial. Eles nunca tiveram acesso ao verdadeiro evangelho nem a desenvolver uma vida ativa na Igreja. As Comunidades Eclesiais facilitaram esse sonho e colocaram o povo no lugar que lhe correspondia e que lhe foi sempre negado.

A Prelazia do Acre e Purus se posicionou decididamente, como Igreja pobre que era, em favor dos mais pobres e desprotegidos. A Igreja se deu conta de que quanto mais ela se fazia povo, mais o povo se fazia Igreja. Foi o passo decisivo e o divisor de águas da nova caminhada eclesial. Não era mais uma Igreja para os pobres, mas uma Igreja constituída pelos desprotegidos e excluídos da sociedade. No seu seio encontraram acolhida tanto os seringueiros como os índios, tanto os da cidade como os do interior. “A Igreja se aproximando dos pobres e se identificando com eles, e os pobres emergindo dentro da Igreja como sujeitos eclesiais. Opção pelos pobres é opção pelos pobres sujeitos (primeiro potenciais e depois reais). ‘Igreja dos pobres’ é ao mesmo tempo um projeto e um processo emergente”²⁵⁷.

Tratava-se, em definitiva, de ver se esse para os pobres se tornava um com os pobres, para acabar sendo finalmente dos pobres. Era a caminhada histórica que a Igreja devia fazer. Era a estrada que as novas CEBs deviam percorrer. Embora parecesse um novo método,

²⁵⁵ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 87.

²⁵⁶ LIBANIO, Frei Alberto. *Op. cit.* 1977, p. 254.

²⁵⁷ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 48.

porém, essa forma de ser Igreja era o modelo das Comunidades dos primeiros cristãos (At 2, 42). Era voltar à novidade dos Atos dos Apóstolos. Era, portanto, ser Igreja apostólica.

Os grandes e insondáveis mistérios do Reino eram revelados a eles. O papa, os bispos, padres, deviam ser para eles apenas administradores dos mistérios de Deus (1Cor 4,1) e todo o sistema eclesiástico devia existir para o serviço deles.

E eles na sua pobreza e abandono, mostram a riqueza e proximidade de Deus. Neles podemos ver que Deus é o Pai dos abandonados, o Filho é o Messias dos oprimidos e o Espírito é o Paráclito, isto é, o consolador e animador dos amargurados. Tudo isso é verdade, apesar (ou talvez mesmo por causa) da “ignorância religiosa” desses pobres, de sua falta de comunidade, de religião, piedade, oração, sacramentos, Igreja e tudo o mais. Porque disso tudo serão libertados, estão sendo libertados. De todas as suas faltas! Eles são como o ‘am há’arez do tempo de Jesus, - os pobres da terra – dentre os quais ele tirou seus apóstolos e a partir dos quais constrói sua Igreja²⁵⁸.

Era o início de um caminho novo. Ninguém tinha certeza do sucesso dessa nova forma de ser Igreja. A reação e a luta contra a exploração era algo totalmente novo e impróprio do povo dominado e escravizado. Era uma via que devia ser trilhada no escuro. Mas a experiência demonstrou que quando o povo se reunia para pensar, falar e agir, criava-se uma força nova e se liberava uma fonte de energia que fazia possível a transformação e a libertação sonhada. Isso revelou a força das Comunidades, sempre iluminadas pela Palavra de Deus, força motriz de toda iniciativa e ação comunitária. O povo não era tão ignorante e inativo como muitos pensavam. Simplesmente nunca teve oportunidade de falar e de agir. A pobreza não era só econômica, mas cultural. Era questão de formação e de consciência.

Volta-me sempre esta questão: Que capital político tem essa gente no sentido de sua força de mudança social? Vivem dispersos pela mata, isolados pelo próprio modo de exploração da borracha (que exige sua distribuição por toda a floresta) e numa dependência extrema da natureza e do sistema de barracão. Nessas condições, sua influência para mudar a própria vida é mínima. O que se diria então de mudar a história?²⁵⁹.

O tempo demonstrou que essa força foi capaz de mudar a história e os rumos da sociedade acreana. O povo ressurgiu de suas cinzas, convertendo-se em um novo povo, capaz de guiar seu destino, sendo protagonista de sua própria história.

3.3.2 CEBs no Acre: Missão, sair do templo

As Comunidades Eclesiais de Base substituíram as desobrigas pelas viagens missionárias, pois a finalidade não era mais só visitar, mas fundar outras novas CEBs.

²⁵⁸ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 71.

²⁵⁹ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 38.

Surgiram, assim, Comunidades nos rios e nas estradas (Pastoral das Estradas e dos Rios), nas casas dos bairros da periferia (Pastoral da periferia), para a Igreja caminhar com o povo, dialogar e colaborar com todos os homens de boa vontade e compartilhar alegrias e esperanças, tristezas e angústias.

As CEBs começaram a construir o Reino de Deus não, porém, entre as quatro paredes da sacristia, mas, sim, onde o povo trabalhava e lutava, sofria e se alegrava, vivia na fadiga de uma vida sempre incerta.

É gratificante a alegria e simplicidade das pessoas e de uma Igreja que não tem as quatro paredes para se reunir, mas uma Igreja viva, animada, sofredora e com todo o espaço aberto à sombra das mangueiras, ou outras árvores para celebrar o Deus da Vida. Uma Igreja livre de esquemas e estruturas burocráticas que mais escravizam do que ajudam as pessoas a desenvolver a consciência e o espírito cristão²⁶⁰.

Nas CEBs, além de chamar o povo para a igreja, procurava-se o povo para andar com ele. Todos queriam seguir os passos do Bom Pastor, e o povo se orgulhava disso através de suas músicas. A Igreja do Acre começou por essa prática de pastoral missionária que podia ser realizada de formas diferentes a cada época, porque existia uma opção fundamental: sair do templo e ganhar as ruas e os rios. A evangelização saia do templo para anunciar Jesus nas estradas, nos rios, nos varadouros, nas casas e nos ambientes de trabalho.

Já em 1970, os leigos de Rio Branco, como sinal profético do que aconteceu depois, foram chamados por Dom Giocondo para uma reunião especial. Eram homens e mulheres que já se destacavam nas várias associações presentes na Prelazia. Foi o início de um novo jeito de ser Igreja, obedecendo ao Espírito de Deus.

Na qualidade de Bispo recebo neste momento de encerramento do 1º encontro de Monitores o compromisso de vos tornardes verdadeiros animadores de vossas comunidades e ao mesmo tempo quero vos investir de poderes para realizar tão sublime missão e vos constituir verdadeiros animadores e líderes das comunidades e dos grupos que vão se formando. Seja a minha bênção de pastor e pai o penhor de minha gratidão pelas tarefas que desempenhais e a força para que possais realizar com êxito tão sublime, mas difícil missão!²⁶¹.

Os leigos, inicialmente, tiveram a impressão de terem sido chamados a colaborar mais fortemente com seus vigários, mas depois começaram a entender melhor que sua posição na Igreja era de uma verdadeira corresponsabilidade, e não simplesmente colaboração. Foram dezenas de casos, acontecidos na vida do povo, que provocaram e acompanharam o

²⁶⁰ RIQUETTI, Irmã Zulmira Antônia. *Op. cit.*

²⁶¹ Boletim “Nós Irmãos”, julho-agosto/81, p. 13. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

surgimento e o amadurecimento das CEBs, produzindo a conversão de bispo, padres e leigos, para viver e servir dentro da sociedade.

Na Prelazia a reflexão sobre uma Igreja toda ministerial favoreceu a prática da corresponsabilidade dos leigos na condução pastoral do novo caminho da Igreja. Os leigos começaram a agir como corresponsáveis em força de seu batismo, mas na diversidade dos carismas e dos ministérios próprios de cada um. De uma Igreja piramidal se passou a uma igreja circular, de comunhão. Do coordenador da CEB se dizia: Ele trabalha em pé de igualdade com o padre.

Sempre foi costume nos treinamentos e encontros de formação dos agentes de pastoral das CEBs, especialmente dos monitores, apresentar o estudo sobre Análise da Realidade juntamente ao estudo bíblico e catequético. Numa dessas formações, depois de estudar o texto da Carta de São Pedro, os monitores da Paróquia de Plácido de Castro escreveram uma carta para os que não tiveram a oportunidade de participar.

Fizemos uma reflexão sobre nossas vidas em comunidade e percebemos que também sofremos as injustiças e perseguições como os primeiros cristãos. Isso porque a sociedade que temos não nos permite a felicidade. E ao mesmo tempo refletimos que a nossa felicidade depende também de nós. No dia em que tomarmos consciência não vamos mais votar em pessoas que só pensam em subir, em mudar de vida. Pelo contrário, vamos lutar por um mundo melhor. Mesmo que exija sofrimentos. A 1^a Carta de São Pedro nos deixa claro que vale a pena sofrer para fazer o bem. “Pois se é da vontade de Deus que vocês sofram, é melhor que seja por praticarem o bem e não o mal”. Quem sofre praticando o bem está fazendo a vontade de Deus. E o que mais queremos, a não ser fazer a vontade daquele que deu a vida por nós e o que nos dá a vida eterna? Por isso pedimos a todos vocês: não desanimem diante dos sofrimentos, das dificuldades e das perseguições. Vale a pena lutar contra o mal e essa luta não pode ser individual. Temos que unir nossos pensamentos, nossas forças, acreditar no poder de nossa união e assim de mãos dadas comemoraremos a vitória²⁶².

A orientação constante da Prelazia sempre foi a de equilibrar a formação sobre os compromissos de culto, de anúncio, de sacramentos, de organização interna das CEBs, com a formação sobre conhecimentos e compromissos para com os problemas sociais, econômicos e políticos, criando clima de fraternidade e sensibilidade pela justiça.

A característica principal das CEBs sempre foi a interação entre fé e vida, entre aceitação do Evangelho e a ação concreta nas diferentes realidades sociais. Todas as Comunidades, através de seus monitores, recebiam mensalmente o material de reflexão para a vista clarear à luz do Evangelho, iluminando a realidade social em que se vivia.

²⁶² *Livro de Tombo da Paróquia de Plácido de Castro*, p. 120v. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

Pela encarnação na realidade, as CEBs levaram as paróquias a ser família que vive e anda com o povo mais sofrido, guiando a Igreja não só ao anúncio espiritual, íntimo e individual, mas a uma denúncia aberta e corajosa, e a intervir como fermento de transformação e renovação na vida da convivência humana. As CEBs ajudaram todas as paróquias, gigantes adormecidos, a se acordarem e a cumprirem sua missão nas bases populares, que era a missão de anunciar, organizar e promover a salvação integral, pois o objetivo principal era salvar o homem todo, com valores espirituais e valores sociais.

3.3.3 Formação ética e cristã de líderes para a vida

O método usado pelas CEBs, confrontando Evangelho e vida, trouxe consequências históricas. Os ricos e poderosos não queriam saber nada de Comunidades nas suas terras, pois elas eram um perigo para seus interesses econômicos. Os seringalistas e fazendeiros tinham medo de que o povo abrisse os olhos e conhecesse seus direitos²⁶³.

As novas comunidades, dispersas e desunidas em princípio, cobraram novo vigor, ao contato vivo com a Palavra de Deus e o confronto ativo com sua realidade gritante. E, todas unidas pela Palavra, foram uma força capaz de mudar a história do seu entorno social. “Sem esperança não há povo. O que faz um povo é a esperança comum. Não há esperança que não seja coletiva, esperança de uma multidão reunida em povo”²⁶⁴.

No boletim mensal da Prelazia, assim como nos programas radiofônicos e nas celebrações litúrgicas, foi sempre incentivada uma linha de promoção humana para todos os agentes de pastoral, com algumas opções bem definidas: documentar os fatos e ocorrências em que são violados de maneira gritante os direitos humanos; despertar a consciência social e hábitos comunitários em todos os meios e grupos profissionais; fazer com que a liturgia e o ensino religioso formem homens comprometidos na construção de uma sociedade mais humana e mais justa; mostrar nas obras de promoção o ideal social e evangélico do cristianismo; colaborar no aperfeiçoamento da administração judicial, cujas deficiências frequentemente ocasionam males; e defender, segundo o mandato evangélico, o direito dos fracos e oprimidos.

²⁶³ Assim expressava Clodovis Boff sua experiência pastoral entre as Comunidades: “Quando se reúne e pode falar livremente de seus problemas, o povo é sempre criativo. Frente a uma questão concreta, o agente não precisa pensar em soluções determinadas, mas juntar o povo e deixar a palavra correr solta. Aí acontecem sempre coisas, e as mais surpreendentes. Os pobres são os verdadeiros sujeitos históricos”. BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 80.

²⁶⁴ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 11-12.

Devem-se reconhecer os trabalhos, os sofrimentos, o espírito de fé e de sacrifício que fez com que tantos católicos se dedicassem à verdadeira reforma da Igreja e da sociedade - às vezes sem receber nada mais do que censura ou condenação²⁶⁵. Era necessária uma formação ética e, ao mesmo tempo, cristã para todos os agentes de pastoral, chamados a realizar aquela mudança na sociedade. O clero, por si só, era incapaz de abordar a problemática que o mundo apresentava, evangelizar e reevangelizar o que já se tinha perdido no percurso histórico. A Igreja, através do Concílio, fez um estudo crítico de sua missão na história da humanidade. Era necessário reler a história e, a partir daí, refazer a história. “O espírito cristão, católico e apostólico espera, no mundo inteiro, um salto para a frente”²⁶⁶.

Os leigos deviam ser protagonistas de sua própria evangelização. A Igreja, na sua hierarquia, precisava lembrar que era Povo de Deus. “A Igreja perdeu o povo –ela que devia ser povo. Povo terrestre e Povo de Deus são solidários, caminham juntos ou param juntos”²⁶⁷. Os leigos eram imprescindíveis nessa nova tarefa eclesial. Eles deviam ser o fermento no meio da massa. Por isso, era fundamental que agissem com verdadeiro espírito ético e cristão. Havia que conceder aos leigos o papel que se lhes tinha negado durante séculos. Ninguém queria ser mais o “Povo calado debaixo do pé do boi”.

Os monitores foram pessoas de uma importância vital na história das Comunidades da Prelazia. Suas vidas, escondidas e anônimas, sem reclamar os holofotes da mídia, contribuíram fundamentalmente para fazer nascer, manter, alimentar e crescer a fé do povo, porque eles deviam continuar a mesma missão dos apóstolos: pregar a Palavra e criar comunidades.

A caminhada da Igreja no Acre continuou centralizada na opção pelos pobres, que era testemunhada pela inserção das paróquias nas periferias, e pelas casas das Congregações religiosas nas áreas e nos ambientes mais pobres. Tudo isso favoreceu o avanço dos Movimentos Populares, de Associações e Sindicatos de seringueiros e colonos, na organização de Associações de moradores dos bairros, nas lutas dos agricultores, professores, lavadeiras, estivadores, estudantes e até na gestação de um Partido que se identificasse melhor com os profundos anseios de justiça e de liberdade de toda uma população, que fazia muitos anos sonhava com uma sociedade diferente. “As CEBs moldaram uma forma de vivência

²⁶⁵ A morte de um líder sindicalista provocou grande reação do povo: “Havia entre os monitores de Brasileia gente que tinha participado do ‘mutirão contra a jagunçada’. Eles contaram o fato dizendo: ‘Fomos lá cortar a cabeça da cobra porque o rabo já estava se mexendo por aqui’. Com figuras assim, o povo mostra que enxerga: enxerga que existe um sistema de exploração”. BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1980, p. 81.

²⁶⁶ JOÃO XXIII. *Op. cit.* 2004, p. 27.

²⁶⁷ COMBLIN, José. *Op. cit.* 2002, p. 79.

eclesial que facilitou a vinculação entre a fé e a vida quotidiana; a celebração litúrgica e o compromisso social e político” (PPC 58).

O Concílio, através da *Gaudium et Spes*, disse que a Sagrada Escritura devia iluminar também o olhar sobre a sociedade, sugerindo os temas a serem iluminados, de tal forma que Bíblia, sociedade e vida precisavam estar correlacionadas. A relação aqui era como entre a natureza e a graça. A graça podia elevar, aperfeiçoar e mesmo sanar a natureza, com a condição de esta preexistir como sua base (a graça supõe a natureza), e uma base dinamicamente aberta. Essa era a leitura bíblica preferida em todas as Comunidades Eclesiais, seguindo o espírito de Medellín:

Toda revisão e renovação das estruturas eclesiais no que tem de reformável deve evidentemente ser feita para atender às exigências de situações históricas concretas, mas não perdendo de vista a própria natureza da Igreja. A revisão que hoje se deve levar a cabo em nossa situação continental há de ser inspirada e orientada pelas ideias diretrizes muito sublinhadas no Concílio: a da comunhão e a da catolicidade (cf. LG 13)²⁶⁸.

A Igreja, novo Povo de Deus, colocava-se a serviço do povo, no meio do mundo, na contramão da sociedade e de seus interesses principais. Atitude que lhe fez ganhar credibilidade diante dos pobres e necessitados. Velhas alianças com o poder foram quebradas, tomando posicionamentos claros contra toda classe de violência e ataque à dignidade e aos direitos humanos. A libertação de tantas escravidões devia surgir da ética, inspirada em princípios cristãos. A Igreja, defensora dos humildes e simples, tomava posição definitivamente ao serviço da vida.

3.3.4 Vidas a serviço da vida

As CEBs constituíram um exemplo de uma nova sociedade, onde existia organização, distribuíam-se tarefas, apoiava-se sempre aos mais pobres, circulavam as informações, existia respeito para com todos, havia colaboração e solidariedade como atitude permanente, reconhecia-se, em definitiva, o valor do pequeno e humilde. “Elas vivem relações horizontais fraternas, não possuem acesso aos meios de comunicação; por isso estão muito mais expostas à prepotência dos poderosos. Mas apesar disto, em sua grande maioria, as comunidades eclesiais de base estão profundamente empenhadas na defesa dos direitos humanos”²⁶⁹.

O que o povo mais desejava era livrar-se da situação de pobreza que os impedia de ter uma vida digna. Percebiam, aos poucos, que a pobreza era fruto da injustiça social, e que essa

²⁶⁸ CELAM, *Conclusões de Medellín*. II Conferência Geral do episcopado Latino Americano. São Paulo: Paulinas, 1984, p.152-153.

²⁶⁹ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1978, p. 93.

situação era contrária ao projeto de Deus. Para a Igreja se tornou evidente que a libertação integral, segundo a vontade de Deus, passava pela comunhão de bens (At 2,44; 4,32-34). Esses textos eram constantemente comentados e serviam de espelho para todas as Comunidades. “As formiguinhas do andar de cima, que vivem isoladas das outras são os ricos. São fechados à Palavra de Deus e aos irmãos. Foi o povo que descobriu isso (Maria Lúcia)”²⁷⁰. Assim, criaram-se escolas de formação sócio-política, atendendo às pesquisas que as paróquias fizeram nos próprios bairros sobre os problemas mais graves que afligiam o povo: desemprego, moradia, violência, educação.

O povo se tinha acostumado à sua opressão. “Ele é escravizado e se escraviza ao mesmo tempo. É como um pássaro, criado e crescido em gaiola: abre-se-lhe a portinhola, mas ele não quer sair...”²⁷¹. Era necessário que algo empurrasse, que mexesse, que levantasse o povo escravizado e explorado. A ação libertadora tinha por trás um sonho, um amor, um ideal, uma loucura, um espírito, uma mística. A fé foi compromisso. A fé levou à ação.

As Comunidades se tornaram fonte de vida para todos, onde os direitos começaram a ser aprendidos e respeitados por todos. A semente da Palavra caiu em terra boa e germinaram frutos em abundância, homens e mulheres de luta, guerreiros na defesa da vida em todas suas manifestações. A fé transformou a vida das comunidades, não só como ação, mas como fermento de vida nova. Precisava-se um enraizamento pessoal para que a libertação fosse total. Nessa experiência surgiram muitos líderes que se destacaram no sindicato, nos partidos populares e em várias lutas, onde vários deles tombaram como verdadeiros mártires.

Mas o compromisso pessoal de um deles é o que me ficou mais gravado na alma. Segurou, firme, a vela diante de si, olhou fixo a chama que ardia e disse com voz forte: “Quero continuar o trabalho de comunidade para a libertação do meu povo. E nisso me comprometo até à morte com os poderes de Deus”. Vi aí um cristão novo: um homem pronto para o martírio. Uma Igreja capaz de produzir gente assim, homens e mulheres dispostos a dar sua vida pelos irmãos como Jesus, é uma Igreja verdadeiramente evangélica²⁷².

A Igreja pobre e dos pobres, presente na Prelazia do Acre e Purus, foi uma Igreja perseguida. O caminho da libertação tinha que passar pelo conflito. O caminho que seguiu Cristo mostrava o caminho que se devia seguir. A cruz do Senhor lembrava essa verdade. Por isso, a cruz sempre estava presente em todas as reuniões, encontros e formações de monitores. A luta exigia ter esse referencial para não se converter em luta de classes ou simples ideologia

²⁷⁰ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1980, p. 19.

²⁷¹ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 56.

²⁷² BOFF, Clodovis. *OP. cit.* 1984, p. 198.

política. Muitos monitores diziam: “Sou um lutador do Evangelho” ou “Estou na luta pela libertação de meus irmãos”²⁷³.

Não só os líderes das Comunidades, mas muitos participantes das mesmas, seringueiros, posseiros, ribeirinhos, lavadeiras, camponeses, índios e caboclos, eram odiados e perseguidos porque se comprometiam nesse processo de libertação e confessavam que seu compromisso nascia da vivência do Evangelho e da oração. Como nos primeiros tempos, ser cristão exigia o sacrifício da própria vida.

Quantos há que arriscam suas vidas na defesa dos espoliados e em nome do Evangelho ousam gritar aos que pisoteiam os humildes: Não te é permitido! E, não raro, são incompreendidos, são difamados, são perseguidos até por seus próprios irmãos de fé. E quantos são os humílicos cristãos das bases que em suas comunidades eclesiais vivem sua fé, testemunham o Evangelho e alguns até vão ao martírio por causa da justiça do Reino de Deus. De todos estes o mundo não é digno (cf. Hb 11,38) mas são dignos de nossa Igreja e do próprio Deus²⁷⁴.

As CEBs no Acre se constituíram em celeiro de agentes de mudança. Muitos tiveram a coragem de dar os primeiros passos na luta pela libertação total de si e de seus irmãos. As CEBs criaram cristãos novos, agentes com um olhar diferente da realidade, e com a coragem de entregar o sangue e a vida em benefício de uma causa tão sublime. Eles foram capazes de assumir seu compromisso e transformar a sociedade. O Acre não seria o mesmo sem o sangue derramado de tantos homens e mulheres, anônimos e conhecidos, que se empenharam e lutaram em favor da vida.

A Igreja acreana foi uma Igreja martirial. O sangue derramado na floresta germinou em vida, e vida em abundância. Foram sementes de vida, e vida renovada. Esses mártires são suficientemente importantes para conferir dignidade e grandeza àquela Igreja que nasceu a partir da base, como uma esperança para toda a Igreja. Não foram poucos os cristãos que, anunciando e denunciando as mais diversas formas de dominação e exploração desumana, e por causa do Evangelho, optaram pela defesa dos pobres, por sua libertação e por seus direitos.

Esse pessoal é santo sem o saber. É evangélico e não tem consciência disso. Mas não é justamente essa a qualidade da santidade verdadeira? “Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3) Quando hoje perguntamos aos monitores o que deveriam fazer para serem profetas, eles responderam com duas ou três frases aparentemente banais. No entanto, a vida de muitos deles é toda ela profética: pelo esforço e a coragem que desdobram junto aos

²⁷³ BOFF, Leonardo. *OP. cit.* 1986, p. 55.

²⁷⁴ BOFF, Leonardo. *Op. cit.* 1982, p. 228-229.

irmãos para sustentá-los na união, na luta e na esperança de um mundo novo²⁷⁵.

Seja como for, a partir do Documento de Santarém, enquanto esforço da Igreja amazônica de responder aos sinais dos tempos, marcou de maneira impactante a vivência cristã e, também, o desenvolvimento social e cultural de toda a região. Pode-se evidenciar como resultado mais notável, sem dúvida alguma, o peso dos líderes comunitários nas conjunturas eclesial e sociopolítica da região.

Além dos numerosos mártires que povoaram o solo acreano, também foi muito importante a contribuição que a Igreja deu a encontros de formação e frequentes reivindicações sociopolíticas na construção de uma identidade mais definida, naquilo que significava ser cristão dentro da grande diversidade que caracterizava a realidade acreana. Muitos católicos deram continuidade a seu primeiro engajamento enquanto catequistas ou animadores de pastoral, e outros assumiram cargos à frente de organizações sindicais, associações populares e partidos políticos.

Conclusão parcial

A Prelazia do Acre e Purus, Igreja pobre, iniciou uma caminhada junto com o povo, iluminada com a luz e vigor que irradiava da Palavra de Deus, dando origem a um novo povo, o Povo de Deus.

O Concílio Vaticano II foi a chave de abertura às novas iniciativas surgidas na América Latina, favorecendo que a Igreja voltasse seu olhar para o povo, para os mais pobres e desfavorecidos da sociedade, colocando-se em situação de serviço e assumindo sua condição de Igreja dos pobres. Foi, sem dúvida, o evento mais marcante na história da Igreja, como serviço em favor da humanidade.

As orientações do PPC, prorrogadas em 1970 e atualizadas no final de 1975, iluminaram o amplo projeto de renovação da Igreja em busca de uma Pastoral Orgânica ou de Conjunto. A partir de 1970 se adotou uma metodologia de planejamento mais flexível. Buscou-se a unidade em nível nacional através das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1975), deixando-se a definição de planos para os Regionais e as Dioceses, apoiados por planos bienais dos organismos nacionais.

A Prelazia do Acre e Purus bebeu também dessa fonte, e com seu Plano de Pastoral (1971) atualizado, e renovado posteriormente, conseguiu caminhar em comunhão com toda a

²⁷⁵ BOFF, Clodovis. *Op. cit.* 1984, p. 195.

Igreja do Brasil. Sob o impulso do Concílio, a Igreja viveu esse período em clima de grande alegria e esperança.

As Comunidades, com seu novo jeito de ser Igreja, em comunhão plena com a Igreja institucional, com verdadeiro espírito de serviço, como Igreja ministerial, uniram o povo disperso, fazendo acontecer uma nova vida cheia de luz e esperança. O batismo de todos os que formavam o Povo de Deus, com seu forte compromisso eclesial e social, foi o ponto de partida para a virada acontecida na segunda metade do século XX.

A hierarquia seguiu o rumo marcado pelos sinais dos novos tempos, e a Igreja institucional-sacerdócio ministerial se colocou ao serviço da Igreja Povo de Deus-sacerdócio comum dos fiéis. Surgiram caminhos novos de esperança, regados de suor e lágrimas ao serviço da vida do povo.

Respirava-se por toda parte uma verdadeira primavera eclesial, onde o Espírito suscitava e inspirava novos carismas e serviços para a Igreja dos pobres. A Prelazia do Acre e Purus renasceu e encontrou sua verdadeira identidade: ser Povo de Deus.

CONCLUSÃO

O presente estudo chega até a morte de Dom Giocondo M. Grotti (28/09/1971) e os seguintes passos dados para a criação das primeiras Comunidades Eclesiais de Base, que posteriormente tiveram um grandioso crescimento com seu sucessor Dom Moacyr Grechi. Com ele as CEBs alcançaram na Prelazia seu maior esplendor e influência na vida do povo.

Ao longo deste estudo percebemos quanto contribuiu o Concílio Vaticano II na atualização da Igreja, no seu *aggiornamento*. Muitas novidades significativas marcaram o novo rumo da Igreja, principalmente na América Latina e no Brasil, sendo a categoria de Povo de Deus a que produziu maiores benefícios para todos.

A hierarquia entendeu que seu ministério devia ser para o serviço do povo, e o povo percebeu que devia viver em unidade e comunhão com seus pastores, colaborando e sentindo-se corresponsável na ação pastoral da Igreja, sendo uma Igreja pobre e para os pobres.

A Palavra de Deus foi colocada de novo nas mãos do povo, e este à luz dessa Palavra retomou seu lugar na Igreja, como sujeitos da ação evangelizadora. A Palavra de Deus foi a força transformadora. Os leigos e leigas foram os agentes que mudaram a Igreja do Acre e Purus, não medindo esforço para servir e colaborar na sua ação evangelizadora. Eles continuam sendo a maior força da Igreja, assumindo seu protagonismo em todos os níveis da ação pastoral.

Dom Giocondo fez próprias aquelas palavras que ele ouviu na basílica romana, e que ficaram registradas na encíclica *Gaudium et spes*. Suas alegrias e esperanças seriam também as mesmas dos pobres e sofredores da Prelazia, não ficando alheio às realidades gritantes que existiam ao seu redor (GS 1). Com certeza, aquelas palavras ressoaram muito alto no seu coração e serviram de forte motivação para seus trabalhos pastorais e sociais, tentando colocá-las em prática na sua volta à Prelazia.

O povo que caminhava na escuridão da selva, vítima da exploração desmedida, da escravidão sem saída, e sem conseguir viver com a dignidade de Povo de Deus, começou a vislumbrar um novo tempo, através das ações da Igreja, principalmente nos campos da educação e saúde. A ação da Igreja foi fundamental naqueles tempos em que a borracha era a deusa a quem todos deviam servir e oferecer suas vidas.

O Concílio Vaticano II renovou o ar da Igreja, dando um novo aspecto às suas estruturas e colocando o povo no seu lugar, como elemento central da vida da Igreja. A *Lumen Gentium* fez a revirada eclesiástica, colocando o Povo de Deus como o centro da Igreja e a hierarquia a seu serviço. Os leigos começaram a ter seu protagonismo, a partir de

seu sacerdócio comum em Cristo, sendo um grande fermento e testemunho no meio da sociedade.

Em Medellín os bispos insistiram para que todos os esforços pastorais tivessem por finalidade a transformação daquelas comunidades, famílias de Deus, como o núcleo de uma verdadeira fraternidade onde se devia viver a fé, a esperança e a caridade. “A comunidade cristã, como elemento básico, é o primeiro núcleo eclesial fundamental que deve ser responsável pelo seu próprio nível de riqueza e expansão da fé e de adoração. Ela é, portanto, a estrutura eclesial inicial e do desenvolvimento humano” (Med 15, 10).

As CEBs, o novo modo de ser Igreja, surgido de Medellín, foram a grande novidade pós-conciliar na América Latina e principalmente no Brasil. Também aquela inovação chegou à Prelazia do Acre e Purus, onde os leigos assumiram seu papel e, à luz da Palavra de Deus, tiveram força e coragem para viver comunitariamente e enfrentar todo tipo de injustiças e adversidades. A Igreja começou a ser o Povo de Deus a caminho. A Diocese de Rio Branco, hoje, não seria a mesma sem a presença e ação pastoral dos leigos e leigas, constituindo-se na sua maior riqueza. São eles os protagonistas principais de toda ação evangelizadora.

As CEBs continuam sendo atuais e necessárias na realidade acreana, onde as distâncias, precariedade em todos os níveis e a falta de presbíteros, fazem impossível a presença da Igreja ministerial-sacerdotal em todas suas comunidades e paróquias. Os leigos, com seus carismas e ministérios, continuam sendo a base e sustentação da vida da Igreja. Elas são vitais para a sobrevivência da Igreja. As CEBs são um instrumento que “permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos da fé dos adultos. [...] Mantendo-se em comunhão com seu bispo, e inserindo-se no projeto da pastoral diocesana, as CEBs se convertem em sinal de vitalidade na Igreja particular” (DAP 178).

O Papa Francisco, na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, também continua na mesma linha: “Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular” (EG 29).

No último Congresso Eucarístico celebrado em Belém do Pará (CEN 2016)²⁷⁶, o Legado Pontifício nomeado pelo papa Francisco, o arcebispo emérito de São Paulo e

²⁷⁶ O CEN 2016, celebrado entre os dias 15 e 21 de agosto, teve como tema “Eucaristia e partilha na Amazônia Missionária”. O lema recordou os discípulos de Emaús “Eles o reconheceram no partir do pão”.

presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB, cardeal Cláudio Hummes, encerrou sua homilia com um apelo à Igreja no Brasil em favor da Igreja missionária na Amazônia, recordando a frase do papa Paulo VI “Cristo aponta para a Amazônia”. O cardeal salientou que o papa Francisco encoraja “sempre de novo a não esmorecer na Amazônia”. E lembrou as palavras do Papa no Rio de Janeiro: “A Igreja na Amazônia precisa arriscar e não ter medo. Não podemos perder a Amazônia, aqui onde já durante quatro séculos tantos missionários e missionárias deram sua vida e tantos hoje continuam a dar sua vida. Essa missão é nossa, é nosso maior e mais fascinante desafio missionário”.

E continuou insistindo nas ideias e exortações constantes do Papa Francisco para toda a Igreja, com palavras chave sobre como deve ser a Igreja: missionária, misericordiosa e pobre. E, tudo isso, sendo uma Igreja sempre “em saída”, para ir ao encontro de todos, nas periferias geográficas e existenciais, para anunciar Jesus Cristo e praticar a misericórdia, derrubando muros e construindo pontes. A Igreja deve acender luzes no meio da noite em que andam tantas pessoas desorientadas, consolar os tristes e abandonados, abraçar, sorrir e chorar juntos, enxugando lágrimas e curando feridas²⁷⁷.

Pôr-se ao serviço dos pobres, à escuta do povo, à escuta de Deus. E comunicar a verdade, a bondade e a beleza em pessoa. Esta é a missão da Igreja, segundo o Papa Francisco. A Igreja pretende, acima de tudo, proteger o homem da destruição de si mesmo. Deus deseja atuar conosco e contar com nossa cooperação. O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, capaz de tirar algo de bom até dos males que praticamos (LS 79-80). Nele está depositada nossa esperança. “Basta um homem bom para haver esperança” (LS 71).

No Acre, periferia da Amazônia, e de muitas formas periferia existencial, é onde também devemos colocar em prática o Evangelho da Criação, proposto pelo Papa na sua encíclica *Laudato Si'*, pois “toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele. A descoberta desta presença estimula em nós o desenvolvimento das ‘virtudes ecológicas’” (LS 88).

A Igreja, Povo de Deus, como povo escolhido por Deus, continua caminhando no Acre à procura de uma terra sem males, sendo uma “Igreja em saída”, anunciando a alegria do Evangelho e proclamando a graça do Senhor.

Assim, podemos concluir nosso estudo: “Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as

²⁷⁷ <https://diocesesa.org.br/2016/08/26/anunciar-jesus-cristo-e-praticar-a-misericordia-diz-dom-claudio-sobre-evangelizacao-na-amazonia/>. Acessado em 02-01-2017.

excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus, que não tinhеis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Pd 2, 9-10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

- AGOSM. *Relazione sullo stato della prelatura San Pellegrino nell'Alto Acre e Alto Purus*, in: Busta Acre e Purus, lettere e documenti (1926-1932).
- BERNARDI, Dom Próspero. *Carta* 1928. Archivio Generale OSM. Roma.
- _____ *Carta de 1923*. Archivio Generale OSM. Roma.
- _____ *Carta do dia 02.12.1921*. Archivio Generale OSM. Roma.
- _____ *Carta*, Archivio Generale OSM. Roma.
- _____ *Le missioni del Brasile*, em L'Addolorata, fasc. V, Firenze 1922.
- _____ *Carta de 1924*. Archivio Generale OSM. Roma.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2000.
- Boletim “Nós Irmãos”, abril, 1975. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- _____ julho-agosto, 81. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- _____ março, 1973. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- _____ setembro, 1972. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- Carta do primeiro encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal*. Em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-da-amazonia/1802-carta-do-primeiro-encontro-da-igreja-catolica-na-amazonia-legal>. Acesso em 02 jan. 2017.
- <http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/carta-do-1-encontro-da-igreja-catolica-na-amazonia-legal/118154>. Acesso em 02 jan. 2017.
- <http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/carta-do-1-encontro-da-igreja-catolica-na-amazonia-legal/118154>. Acesso em 02 jan. 2017.
- CELAM, *Conclusões de Medellín*. II Conferência Geral do episcopado Latino Americano. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CNBB. Doc. 61. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. 1992-2002.
- _____ Doc. 62. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*.
- _____ PPC. Em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf?PHPSESSID=4be2eddd282714069300030376d95969. Acessado no 02-01-2017.
- http://www.msc.com.br/a-mensag_em-final-dos-bispos-brasileiros-no-concilio. Acesso em 02 jan. 2017.
- DOCUMENTOS DO CELAM. *Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO. São Paulo: Paulus, 2004.
- GROTTI, Dom Giocondo. *Cartas*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- _____ *Documentos*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- <http://noamazonaseassim.com.br/a-ilha-de-marapata/> Acesso em 15 dez. 2016.
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_da_borracha. Acesso em 27 nov. 2016.
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_Especial_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_de_Trabalhadores_para_a_Amaz%C3%A3o_B4nia. Acesso em 27 nov. 2016.
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa0/desobriga>
- JOÃO XXIII. *Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____ “Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio”. Em VATICANO II. *Mensagens discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007, 20-26, letra L.
- _____ “Discurso à hierarquia latino-americana”. 3ª Reunião Anual do CELAM (Roma:

06-15-1958, REB 19/1, 1959, 176ss).

KRAUTLER, Erwin. *A voz dos Pastores da Amazônia. Discípulos Missionários na Amazônia*. CNBB, 2007.

I Livro de Tombo da Paróquia de Xapuri. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

I Livro de Tombo da Prelazia do Acre e Purus. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

Livro de Tombo de Plácido de Castro. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

LORENZINI, Pe. Miguel. *Carta, 1925*. Archivio Generale OSM. Roma.

MATTIOLI, Pe. Tiago. *Lettera al Priore Provinciale romagnolo* (2-1-1921), in “Il Servo do Maria”, 7, Bologna 1921.

_____. *Carta de 1924*. Archivio Generale OSM. Roma.

Periódico: *O Acre*. Ano XXXV, Domingo, 5 de Abril de 1964 - Nº 1565.

VV.AA. *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 2010.

VV.AA. *Desafio missionário. Documentos da Igreja na Amazônia. Coletânea*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

VV.AA. *Discurso de S.S. Paulo VI na abertura da II Conferência. Conclusões da Conferência de Medellín - 1968. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 2010.

VV.AA. *Documento Auto Crítica*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.

Referências Secundárias

ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1996, vol I.

ALMEIDA, J.A. Critérios básicos para a interpretação do Vaticano II. *REB*, v. 72, n. 288, ano 2012.

BEOZZO, José O. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II. 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005

_____. *Dom Helder Câmara e o Concílio Vaticano II*, p. 3. Em

<http://www.cefep.org.br/documentos/textoseartigos/documentosecartas/domheldercamaraeocnciliovaticanoii.doc/view>. Acessado em 09 jan. 2017.

_____. *Padres Conciliares Brasileiros no Concílio Vaticano II. Participação e Prosopografia. 1959-1965*. Em

http://br.radiovaticana.va/news/2015/04/08/as_confer%C3%A3ncia_da_domus_marie_marc_a_brasileira_no_conc%C3%ADlio/1127572 Acessado em 09/01/2017

_____. *A participação do episcopado brasileiro nas sessões do Concílio*. Em

http://br.radiovaticana.va/news/2015/04/29/a_participa%C3%A7%C3%A3o_dos_bispos_brasileiros_na_sala_conciliar/1136840 Acessado em 09 jan. 2017.

_____. *Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II*, in GONÇALVES, Paulo Sérgio e BOMBONATTO, Vera (orgs.), *Concílio Vaticano II – Análise e Perspectivas*, São Paulo: Paulinas, 2004.

BOFF, Clodovis. *Deus e o homem no inferno verde*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teologia Pé-no-Chão*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. A que ponto estão e para onde vão. Em: *As Comunidades de Base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Vozes. 1978.

_____. *E a Igreja se fez povo*. Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes. 1986.

- _____ *Eclesiogênese*. As comunidades de base reinventam a Igreja. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.
- _____ Teologia à escuta do povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 41, fasc. 161, março de 1981.
- CAVACA, Osmar. *A Igreja, povo de Deus em comunhão*. As janelas do Vaticano II - A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida-SP: Santuário, 2013.
- CODINA, Vítor. Eclesiologia do Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127.
- COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____ *Um paraíso perdido*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- FICARELLI, Pe. André. *A Igreja do Acre e Purus e os Servos de Maria*. Arquivo Cúria Diocesana de Rio Branco.
- FRUSCALSO, Irmã Escolástica. *Carta*, Arquivo Província Servas de Maria Reparadoras.
- GAMA e Silva, Roberto. *A epopeia do Acre*. <http://www.pnd.org.br/acre.htm>. Acesso em 27 nov. 2016.
- GRECHI, Dom Moacyr. Entrevista em “*Seringueiro, memória, história e identidade*”, vol. II.
- GUTIERREZ, Gustavo. *O Concílio Vaticano II na América Latina*, em BEOZZO, José Oscar (org). *O Vaticano II e a Igreja Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____ *Os pobres na Igreja*. *Concilium*, n. 04, n. 124, 1977.
- KONINGS, Johan. Vaticano II e o novo olhar sobre o livro antigo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n. 133.
- LEVA, José Ulisses. *Recepção do Vaticano II na América Latina*. As janelas do Vaticano II - A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida-SP: Santuário, 2013.
- LIBÂNIO, Frei Alberto. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____ O canto do galo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 37, fasc. 146, junho de 1977.
- LIBANIO, J.B. *Concilio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- LOMBARDI, Mássimo. *A Igreja no Acre e Purus, 1877-1930*. Monografia apresentada ao CEHILA. São Paulo, 1982.
- MARQUES, Luiz C. L. Helder Pessoa Câmara, bispo para o mundo. *Concilium* (Brasil), Petrópolis, v. XLV, 2009.
- MELLONI, Alberto. Roncalli e o seu “concílio”. *Concilium*, n. 346, ano 2012.
- MESQUITA, Geraldo. *O Tratado de Petrópolis e o Congresso nacional*, Brasília: Senado Federal, 2003.
- METZ, J.B. *A fé em História e Sociedade*. São Paulo: Paulinas. 1981.
- _____ *Más allá de la religión burguesa*. Salamanca: Sigueme, 1982.
- MIRANDA, Mário França. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____ O Concílio Vaticano II ou a Igreja em contínuo aggiornamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte n. 38.
- NEVES, Marcus Vinicius. *A heroica e desprezada batalha da borracha*. http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_heroica_e_desprezada_batalha_da_borracha.html. Acesso em 27 nov. 2016.
- _____ História nativa do Acre. Em *Povos do Acre*. Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour. 2002.
- PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina: um depoimento. Em: SUSIN, Luiz Calos (org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000.
- Periódico: *O Rebate*. Anno I - 17 de agosto de 1913 – n. 17. Rio Branco - Alto Acre.

PIERRE-MARIE, GY, O.P. *Liturgia da Igreja, Tradição viva e Vaticano II.*

Em:

https://www.google.com.br/search?q=LITURGIA+DA+IGREJA%2C+TRADIC%C3%87%C3%83O+VIVA+E+VATICANO+II&rlz=1C1PRFE_enBR677BR677&oq=LITURGIA+DA+IGREJA%2C+TRADIC%C3%87%C3%83O+VIVA+E+VATICANO+II&aqs=chrome..69i57.1277j0j7&sourceid=chrom&ie=UTF-8. Acessado em 23 de maio de 2017.

RAMOS, Dilermando. *Pastorais coletivas na Primeira República.*

http://www.encyclopediahistorica.org/diccionario/index.php/BRASIL;_Pastorais_coleativas_na_Primeira_Rep%C3%BAblica. Acesso em 26 nov. 2016.

http://br.radiovaticana.va/news/2015/04/08/as_confer%C3%A3ncia_da_domus_mariae_marc_a_brasileira_no_conc%C3%ADlio/1127572 Acesso em 09/01/2017.

RATZINGER, Joseph et al. *Igreja em nossos dias.* São Paulo: Paulinas, 1969.

RIQUETTI, Irmã Zulmira Antônia. *Trabalho da CRB.* Arquivo da Província Catequistas Franciscanas. Porto Velho.

RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. O Concílio Vaticano II quarenta anos depois. *Perspectiva Teológica*, 37 (2005).

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia.* São Paulo: Loyola, 1982.

SUSIN, Calos (org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina.* São Paulo: Loyola, 2000.

Referências Complementares

AZZI, Riolando. *História da Teologia na A.L.* São Paulo: Paulinas. Cehila, 1981.

BALDISSERA, Adelina. *CEBs, poder, nova sociedade.* São Paulo: Paulinas, 1988.

BLÁZQUEZ, Ricardo. *La Iglesia del Concilio Vaticano II.* Salamanca: Sigueme, 2ª ed., 1991.

CARVALHO, José. *A primeira Insurreição Acreana.* Belém: Typ. de Gillet & Comp. 1904,

CHAGAS, Dom Cipriano, OSB. *Pentecostes é hoje!* São Paulo: Paulinas, 1977.

COMBLIN, José. Critérios para um comentário da Bíblia. *Revista Eclesiástica Brasileira.* Petrópolis: Vozes, fasc. 166, Jun. 1982.

CONGAR, Y. A Igreja como Povo de Deus, em *Concilium*, t. 1, fasc 1.

GONZÁLEZ-FAUS, José I. *Memoria de Jesús.* Memoria del pueblo, Sal Terrae, Santander, 1984.

LUBAC, Henri de. *Paradosso e mistero della Chiesa.* Milano: Jaca Book, 1979.

MACISSE, C. La violencia en la Iglesia. *Revista Testimonio*, nov. 2003.

MARINS, José. *CEBs, la Iglesia en pequeño.* Bogotá: Paulinas, 1996.

MARQUES, Luis Carlos Luz, BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil na preparação do Vaticano II.* Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 986-1009, dez. 2011. p. 1003-1004.

Em:

https://www.google.com.br/search?q=beozzo+e+caporale&rlz=1C1PRFE_enBR677BR677&oq=beozzo+e+caporale&aqs=chrome..69i57.14087j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 23 maio 2017.

PEREIRA DA SILVA, Antônio Carlos. *CEBs e os mártires da caminhada.* Em:

<http://www.portaldascebs.org.br/publica%C3%A7%C3%A3o/artigos-e-entrevistas/cebs-e-os-m%C3%A1rtires-da-caminhada>. Acesso em 22 jun. 2017.

PIO XII. *Enchiridion delle Encicliche.* Vol. 5, Bologna: Dehoniane, 1995.

SUENENS, L.J. *A corresponsabilidade na Igreja de hoje.* Petrópolis: Vozes, 1969.

ZIZOLA, G. *A utopia do Papa João.* São Paulo: Loyola, 1983.

ANEXOS



Seringueiro cortando seringa na floresta.



Seringal na hora da venda da borracha.



Transporte da borracha pelo rio.



Dom Próspero M. Bernardi e Frei Donato Gabriele de desobriga no alto Purus.



Religioso Servo de Maria viajando pelo rio.



Dom Julio M. Mattioli celebrando missa com os índios Xaramnus no Purus.



Bispos participantes do Concílio Ecumênico Vaticano II.



Dom Giocondo M. Grotti durante o Concílio Ecumênico Vaticano II.



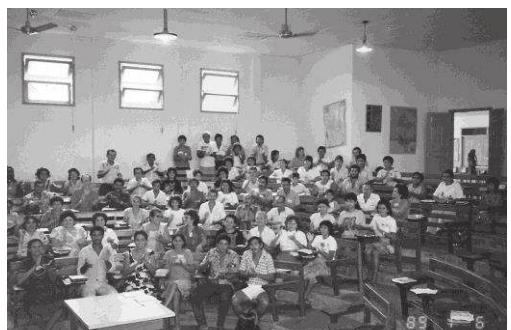
Comunidade Eclesial de Base na área rural.



Comunidade Eclesial reivindicando seus direitos.



Encontro de Catequistas no Colégio São José.



Formação de Monitores no Centro de Treinamento da Prelazia.



Celebração das Comunidades Eclesiais de Base na Catedral.